

sem mordança /sin mordazza



**antologia bilíngue de poesia contemporânea de escritoras brasileiras e cubanas
antología bilingüe de poesía contemporánea de escritoras brasileñas y cubanas**

LucGraf – Natal - 2021





organização, apresentação e tradução
Caridad Atencio e Christina Ramalho

Título Original: *Sem mordaça. Sin mordaza.*

© Copyright 2021 by Caridad Atencio, Christina Ramalho e autoras

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução desta obra em seu todo ou em partes, por qualquer meio, sem o consentimento das autoras.

Ilustrações, arte e diagramação: Christina Ramalho

Fotografia de Christina Ramalho (Coleção Africana – Museu do Louvre 2018)

Revisão: Caridad Atencio, Christina Ramalho e autoras

Ficha catalográfica

Catalogação da Publicação na Fonte.

Fernando Antonny Guerra Alves – Bibliotecário CRB/15-303

R165c Ramalho, Christina (org.).

Sem mordaça. Sin mordaza. / Christina Ramalho (org.); Caridad Atencio (org.). – 1. ed. – Natal/RN: Lucgraf, 2021.
491p.: il.; eBook (pdf).

Vários autores.

ISBN: 978-65-88011-23-2

1. Literatura – Poesia. 2. Literatura – Antologia. 3. Literatura – Feminismo I. Atencio, Caridad. II.

CDU 821.134(729.1+81)
CDD C861.B869.1



organización, presentación y traducción
Caridad Atencio y Christina Ramalho





Brasil

Aglacy Mary	
Ana de Santana	Cuba
Carmen Moreno	
Christina Ramalho	Caridad Atencio
Conceição Evaristo	Charo Guerra
Eliane Potiguara	Dalila León
elimacuxi	Dolores Labarcena
Helena Parente Cunha	Georgina Filomena Herrera Cárdenas
Leda Miranda Hühne	Julia Cabalé
Maria Lúcia Dal Farra	Legna Rodríguez Iglesias
Marilia Kubota	Leyla Leyva Lima
Marize Castro	Lina de Feria
Noelia Ribeiro	Martha Luisa Hernández Cadenas
Raquel Naveira	Maylan Álvarez Rodríguez
Renata de Castro	Nara Mansur Cao
Rosângela Trajano	Teresa Fornaris
Tatiana Pequeno	Yanira Marimón
	Yenys Laura Prieto Velazco
	Zurelys López Amaya



sumário / conteúdo



Prólogo (em português) – p. 11

Prólogo (en español) – p. 23

Brasil – p. 35

Aglacy Mary – p. 37

Ana de Santana – p. 45

Carmen Moreno – p. 49

Christina Ramalho – p. 67

Conceição Evaristo – p. 79

Eliane Potiguara – p. 91

elimacuxi – p. 107

Helena Parente Cunha – p. 121

Leda Miranda Hühne – p. 129

Maria Lúcia Dal Farra – p. 139

Marilia Kubota – p. 149

Marize Castro – p. 159

Noelia Ribeiro – p. 173

Raquel Naveira – p. 181

Renata de Castro – p. 197

Rosângela Trajano – p. 207

Tatiana Pequeno – p. 219

- Cuba** – p. 237
- Caridad Atencio – p. 239
- Charo Guerra – p. 247
- Dalila León – p. 261
- Dolores Labarcena – p. 271
- Georgina Filomena Herréra Cárdenas – p. 279
- Julia Cabalé – p. 295
- Legna Rodríguez Iglesias – p. 305
- Leyla Leyva Lima – p. 317
- Lina de Feria – p. 331
- Martha Luisa Hernández Cadenas – p. 353
- Maylan Álvarez Rodríguez – p. 371
- Nara Mansur Cao – p. 385
- Teresa Fornaris – p. 401
- Yanira Marimón – p. 409
- Yenys Laura Prieto Velazco – p. 421
- Zurelys López Amaya – p. 435
- Sobre as autoras brasileiras/ Sobre las autoras brasileñas** – p. 445
- Sobre as autoras cubanas/ Sobre las autoras cubanas** – p. 467

prólogo em português



Antecedentes

A ideia deste livro nasceu no dia 22 de fevereiro de 2019, à tarde, na *Casa de Las Américas*, em Havana, Cuba, onde ocorria a 29ª. versão do *Colóquio Internacional Expectativas, logros y desengaños del nuevo milenio en la historia y la cultura de mujeres latinoamericanas y caribenhass*.

Naquele dia, na seção de comunicações da parte da tarde, uma poeta e pesquisadora cubana, Caridad Atencio, falava sobre poesia cubana contemporânea de autoria feminina. Entre os/as ouvintes, outra pesquisadora e poeta, a brasileira Christina Ramalho.

Quando Caridad Atencio mencionou o fato de estar em processo de organização de uma antologia para reunir a produção sobre a qual falava, enfatizando a questão da violência de gênero, surgiu a proposta de Ramalho: “Por que não um projeto a quatro mãos, envolvendo Cuba e Brasil?“.

Antes de completar um ano, o que era ideia ganhou a materialidade do livro. Este livro. Seguem as palavras de cada uma sobre essa materialidade.

Testemunho de uma “vergonha que repete sua canção”

Caridad Atencio

Quando pensei que um projeto como esse poderia ser realizado, alertei as escritoras que se encarregaram de antologias com o mesmo assunto, mas no gênero narrativo. Elas me responderam: “Por que você não o assume?”. O pouco tempo disponível para uma pesquisadora profissional e o medo de não ter o poder convocatório necessário me fizeram hesitar em me dedicar a esse trabalho. Até que, no evento organizado anualmente por Luisa Campuzano, na Casa das Américas de Havana, sobre as mulheres, fiquei surpresa ao encontrar uma abordagem crítica à poesia de duas poetas incluídas nesta antologia: Yanira Marimón e Maylán Alvarez. A abordagem destacava que ambas apresentam cantos de auto-legitimidade e problematizam a real vida feminina, porque “a violência contra as mulheres é uma prática social disseminada em todas as áreas de nossas vidas, com raízes estruturais profundas e perceptível em muitas áreas, além da privada”¹. A partir da intervenção, expressei que era necessário empreender uma antologia que reunisse poemas sobre (e contra) a violência de gênero, pois havia material criativo valioso e suficiente entre nossas escritoras.

Naquele momento, a figura aguda e determinada de Christina Ramalho, poeta e acadêmica brasileira, me ofereceu, com um convite de trabalho em parceria, a possibilidade de realizar tal antologia, que é a que você lerá: um livro sobre poesia contemporânea escrita por mulheres, sobre (e contra) a violência de gênero ou com temática relacionada, em Cuba e no Brasil. Convoquei as poetas e, embora algumas demorassem um pouco para enviar os textos, quase todas as que convidei me disseram, com entusiasmo e fé de quem vê o céu aberto, que sim. São 16 poetas cubanas cujo espectro de vida abrange os anos de 1936 (ano do nascimento de Georgina Herrera) até hoje.

Nos textos incluídos neste livro, a mulher é um sujeito privado de seu status legítimo envolvido em uma situação de impotência que se torna um fenômeno social abrangente. É “um eu que se perdeu ou corre o risco de se perder. Esse é constantemente o tema das romancistas. E muitas vezes também é assunto de poetas mulheres”². A existência feminina torna-se um campo de resistência, mas não uma resistência que suporta, mas que se opõe³, na qual estão em jogo a liberdade e a condição humana do indivíduo⁴. Nesse “não permitir chegar a ser”, a vida desse campo de resistência é materializada muitas vezes no relacionamento de casal ou familiar. Ascende-se, então, a uma pureza violenta, ou à mulher presa em tecidos absurdos de culpa que a levam até a se machucar. Essas realidades de subordinação criam paisagens agudas de incomunicabilidade e processos complexos de introspecção, em que a mulher aprende a se valorizar mais, valoração que chega a ter a mesma profundidade de sua dor.

Assistimos então à reação irada de um ser ultrajado, à reação introspectiva de um ser ultrajado. Vejam-se os poemas “Lume”, de Julia Cabalé, e “Um cavalete para o andaluz”, de Leyla Leyva. Este último poema nos dá um retrato único da mulher afundada no mundo doméstico, em que parece que não ouve, não vê, não conserva a capacidade de procriar, qualidade que deve distinguir as mulheres. Apesar disso, o sacrifício que têm que fazer é frequentemente sinônimo de prisão e morte, e não impede que toda a sociedade a considere um ser amaldiçoado. É uma injustiça – que a miséria e o estatismo sociais se esforçam, com mecanismos e motivos, para tornar natural – em que a mulher é um ser subalterno que, por causa das faláciais do mundo moderno, crê sentir-se vencedora. Leiam-se, nesse sentido, “Style” e “Crying girl”, de Dalila León. Destacam-se, na mostra, excelentes textos, com implicações alegóricas, arquetípicas e parabólicas sobre a condição feminina, como podem ser o poema “Eva”, de Georgina Herrera, ou “Na ponte” e “Campo visual da doméstica”, de Charo Guerra, ou, ainda, “Poema para a mulher que fala sozinha no *Parque de Calzada*” e “De María García Granados a José Martí”, de Lina de Feria. Revelam-se, nessas criações, o modo como nos qualificamos juntamente com a

forma como somos vistas, formando, talvez, uma bipolaridade perfeita e, às vezes, doentia. Ainda não escapa à afinação, penetração e sensibilidade dessas escritoras o fazer saber que, embora seja a mãe, e muitas vezes também a mulher, uma instituição da família e da casa, ela é considerada um ser de segunda ordem. É o que se observa nos poemas “Eva”, de Georgina Herrera; “Dizem as damas penetrantes...”, de Caridad Atencio; “Sobre a tocadora de flauta”, de Charo Guerra; “Minha mãe suportava o peso que lhe outorgava sua condição horizontal”, de Yenys Laura Prieto; e “Mataremos o filho”⁵, de Leyla Leyva).

O tema da mulher como ser despojado de seu status legítimo, correndo o risco de se perder, assume, na antologia que agora apresentamos, uma variedade de manifestações e consequências, que variam desde ser atacada e abusada fisicamente até a variante do abuso psicológico, pelo qual sinto uma profunda rejeição, porque exige mais maldade ou astúcia para ser posto em prática. Do sacrifício da mãe, que é visto socialmente como algo inato, ao estigma social, que julga atitudes severamente puníveis, que nos homens são vistas como normais, e, nas mulheres, como crimes contra a humanidade, que obrigam a prostituta a ter uma vida desumana. O fato natural de ser você mesma é considerado um atrevimento. Comportar-se como uma pessoa normal é ousadia, pela qual toda a sociedade cobrará, tal como vemos em “Mrs. Trolley recorda países”, de Legna Rodríguez). Outra das consequências desse fenômeno é, sem dúvida, a construção de um ser feminino cercado e perseguido, sem ter culpas ou segredos: “O tragadouro”, de Leyla Leyva, e “De onde estão prosseguindo as relações?”, de Caridad Atencio; ou alguém, desde a infância, criada com restrições educativas, que rebaixam sua condição de ser legítimo, e que, inclusive, dada a crueldade do mundo, é levada a amadurecer com violência: “Eu era menina/mas bem poderia ser um menino” de Maylan Alvarez.

Assim, na boca das autoras, a mulher se torna “vergonha que repete sua canção”⁶; mulher apanhada no gozo de sua pessoa, e conflito, para o qual “a coluna a convida e a Ideia a esmaga”⁷; “uma mulher que não se reconhece”⁸; alguém que parece “bem com todos e mal”⁹ consigo; que pega e deixa “meia língua na ponta da língua”¹⁰, “violação marcada, sem praça e sem palácio”¹¹; alguém que “ignoram para que desapareça”¹²; um ser que somente se se “afastasse das luzes” “deixaria de ser uma intrusa”¹³; que não “teme o amor senão os homens”¹⁴. Pois a condição feminina é muitas vezes privada de sua identidade em nome do amor. Em tal sentido, a relação entre os sexos se tornou um jogo entre maldade, astúcia e inocência, que alguém manipula. Então, a mulher é forçada a estabelecer estratégias de sobrevivência a partir da impotênciam, ainda que nenhuma submissão feminina seja como o sexo “forte” desejaría, nem tão real nem despossuída de caminhos que salvem, como se vê em: “Ao voltar, ele trouxe consigo...” e “Após uma falha...”, de Dolores Labarcena.

Na antologia, também é notável uma materialidade que interroga o doméstico, de costas para a ilusão, urdindo encaixes de desconfiança, vazio e frustração, tal como dizem os textos de Leyva, Maylan Álvarez, Nara Mansur e Yenys Laura Prieto. Uma das poetas me confessou que seu parceiro lhe havia dito que ela já havia escrito vários livros com esse tema “doméstico”, e lhe questionou por que não escrever sobre outros assuntos, e, digo eu, por que ela teria que escrever sobre outros temas, se esse era o colar que lhe estava apertando o pescoço? Então, a mulher, despojada de sua condição legítima, vai assumi-la – incluindo-a em suas criações que se expandem ao questionamento de mitos e de religião – não importa a violência “aparente” que ela tenha que usar para alcançá-la. Aqui falamos sobre a inteireza feminina, mas desde o menosprezo social que envolve essa virtude de forma demolidora, com escárnio sobre o que pode e, ao mesmo tempo, não pode ser suportado. E, nessa tessitura, nós nos perguntamos: Em que estado fica o corpo feminino quando passa por toda a domesticidade possível e impossível, toda a segregação possível e impossível? O corpo da

mãe, que, como gladiador, avança na contenda? A contenda é a única escolha que a salvará como ser humano, e na qual estão envolvidos os pecados e a violência dos filhos, do marido e até do pai.

Sobreponho, em transe, ao corpo feminino o ser das poetas, às quais nunca se pode acusar de cultivar um discurso tendencioso, porque “não há poema que possa ser assim chamado se nele não há queixa ou uma disputa consigo mesmo”¹⁵, e a condição de todo impulso poético, por mais elevado que seja, segundo Pavese, é sempre uma referência atenta aos requisitos éticos, e também práticos, naturais do ambiente em que se vive. Porque, no caso das poetas presentes nesta antologia, a tarefa central de suas vidas tem sido a escrita do poema¹⁶. Assim, fiquem então as escritoras banhadas pelas águas da legitimidade.

Notas

1. Original em espanhol: CAPOTE, Zaida. Presentación. *Sombras nada más, 36 escritoras cubanas contra la violencia hacia la mujer*. Ediciones Unión, 2015, p. 7. Tradução desta e de outras citações em espanhol que aparecem no prólogo: Christina Ramalho.
2. Original em espanhol: DEMING, Bárbara. “No podemos vivir sin nuestras vidas.” *Perspectivas en la lucha de mujeres*. In: *Diez poetas norteamericanas*. Ediciones Angria: Caracas, 1995, p. 457. Tradução: Christina Ramalho.
3. Essa resistência que suporta muitas vezes é a culpada do sacrifício feminino nas mãos do homem mais vil. (Nota original de Caridad Atencio em espanhol).
4. Mirta Yáñez, depois de afirmar que a poesia escrita por mulheres em Cuba, em diferentes épocas e lugares, reproduziu, com mais ou menos variedade, temas como amor, maternidade, identidade, família, lar, natureza e o desenraizamento, diz que, na maior parte do trabalho das poetas cubana, mudanças no tratamento dessas questões tradicionais se manifestam junto com o surgimento de novas, por exemplo: atitude sem preconceitos em relação às relações sexuais, abordagem despreocupada de temas amorosos, perda de censura em situações escabrosas, visão crítica das relações familiares, tom irônico sobre o parceiro, protesto contra as

- defasagens da moral conservadora e machista, erradicação de posturas submissas, pungentes e passivas, autorreconhecimento de sua posição no mundo e perda de solenidade diante do fenômeno da maternidade. Fonte: Poetas cubanos. Uma trajetória enorme. In: *Revista Lectora*, n. 5 - 6. 1999 - 2000, Barcelona, p. 23. (Nota original de Caridad Atencio em espanhol).
5. O sacrifício da mãe raramente é correspondido na figura do filho e no universo da família. (Nota original de Caridad Atencio em espanhol).
6. Verso de Lina de Feria em "Poema para a mulher que fala sozinha no *Parque de Calzada*".
7. Charo Guerra, em "Na ponte".
8. Martha Luisa Hernández Cadenas, em "O Palácio das Ursulinas *un siglo de sol después*".
9. Maylan Álvarez, em "Isso de dar à luz com dor..."
10. Nara Mansur, em "Botão de rosa".
11. Nara Mansur, em "Reinventando pessoa e personagem".
12. Teresa Fornaris, em "Te explicaria o crescimento...".
13. Yenys Laura Prieto, em "À meia-noite abro uma janela".
14. Zurelys López, em "Espaço interior".
15. Original em español; COLOMÉ, Pura López. A la altura de sí mismo. In: Seamus Heaney. *Obra reunida*, México: Trilce Ediciones, 2015, p. 13.
16. Original em espanhol: "La tarea central de mi vida ha sido la escritura del poema". BELLESI, Diana. Género y traducción. In: *Diez poetas norteamericanas*. Caracas: Ediciones Angria, 1995, p. 5.

Bordadeiras do caos

Christina Ramalho

Brasil. 2016 a 2018. Três mil e duzentos casos de feminicídio registrados¹. Talvez bastasse parar por aqui, se a intenção fosse apenas justificar o desejo de assumir a tarefa de organizar uma antologia de poemas escritos por mulheres e aos quais se pudesse relacionar a temática “violência de gênero”. Eu poderia, e o faço, acrescentar que, em meu país, homens que matam mulheres com 18 punhaladas; que mandam estrangular, esquartejar e enterrar as mães de seus filhos; que se gabam, em programas de TV, de terem praticado violência sexual contra mulheres; que atacam mulheres em rede pública, acusando-as de não “merecerem” ser estupradas por serem feias, elogiando carrascos da ditadura que torturaram mulheres impiedosamente ou classificando relações amorosas com mulheres negras como “prostituição” têm grandes chances de se tornarem pastores, ídolos do futebol, deputados e até presidentes. Mas é preciso prosseguir com minha parte do prólogo, porque há mais o que dizer quando a produção protagonista do livro é a poesia, em versos ou em prosa poética, assinada por mulheres.

No Brasil e no mundo, poesia e mulher sempre foi uma relação complexa, mas, ao mesmo tempo, bem delimitada. Eu poderia sintetizar dizendo: “Lugar de mulher na poesia é como musa. De resto, sobram pequenos espaços para suas bisbilhotices e “romantiquices” e seus “femininos olhares” para a “beleza do lar”. Algumas ousaram ir além. Aliás, desde Safo (ou antes), sempre houve as que ousaram, mesmo que, às vezes, necessitando do recurso do pseudônimo. Em geral, contudo, seu destino foi inglório. Exemplo disso foi a brasileira Narcisa Amália de Campos (São João da Barra/RJ, 1852-1924), que morreu cega, paralítica e desconhecida pela crítica literária, ainda que tenha feito expressivo sucesso, em 1872, com seu único livro de poemas, o *Nebulosas*.

O sucesso, entretanto, incomodou tanto que ela foi acusada de jamais ter escrito um só verso. Seus poemas, segundo o marido enciumado, teriam sido “presentes” dos inúmeros amantes poetas que teve. A calúnia a levou a abandonar a cidade (Resende) onde vivia. Já na velhice, um crítico chamado Múcio Teixeira não se furtou a repetir em livro a calúnia, afirmando ser *Nebulosas* um livro de autoria masculina com pseudônimo de mulher.

Morte, estupro, violência psicológica, ofensa, preconceito, difamação, apagamento histórico. Tais “ingredientes”, infelizmente, ainda compõem a “receita” de uma sociedade que se diz avançada, mas cujos registros estatísticos revelam ser refém de pensamentos misóginos, que, em alguns (muitos) casos – tais como os que citei –, são letais para o sonho de um mundo mais justo e humano.

Com o talento que lhes é próprio, cada uma das poetas que nos enviou seus textos borda desenhos dessa realidade. Em alguns casos, a temática da violência de gênero se recolhe de metáforas e de outras figurações sutis. Em outros, retratos do cotidiano deixam escapar marcas das inscrições patriarcais que permanecem em nossa realidade. Em outros ainda, surge o enfrentamento direto – mas esteticamente trabalhado – às situações violentas às quais as mulheres são submetidas.

Certamente, em um país continental como o Brasil, 17 nomes não estão nem perto do que, verdadeiramente, poderia expressar o talento da poesia brasileira escrita por mulheres. Busquei diversidade, sem, porém, fugir muito do contexto em que me encontro, como professora que atua na região nordeste do país. Espero ter a oportunidade de ampliar esse trabalho, pedindo que outras poetas me destinem a confiança de integrar seus poemas a esta proposta de, através da arte da palavra, desconstruir a falta de arte da realidade.

Que a poesia seja não só a tecelã “de uma história/vestida de luto/desde o princípio”²; na qual “por entre as pernas dos pais e seus paus de pedra,/escorre o sangue das moças”³, mas que tenha “uma enorme garra na voz/Pra gritar esse massacre sem paz”⁴, porque

“Viver de grãos é coisa de galinha!”⁵ e “Toda mãe de uma dandara/espera um pouco mais/dos homens e das leis”⁶.

Que a poesia cante “o corpo todo travado/no olhar cicatrizado”⁷, “para quebrar o silêncio pelo medo do tapa/e a angustiada escolha da roupa”⁸, soltar “O último grito preso na garganta/Com medo da morte lenta”⁹ e desconstruir “Um verbo defectivo/Uma elipse planejada” e todo “Barbarismo social”¹⁰. Que a poesia revele o segredo “surdo no seio da caverna/apesar dos cantos violentos/gritos apelantes”¹¹ e que se faça mulher, “– ela própria em busca de uma explicação”¹², em um mundo em que o que se quer “é calar a boca/de menina/de mulher”¹³, e no qual “mulheres se matam porque cansaram do cheiro do açafrão./e vivem molhadas. medonhas. invadidas de poesia e pedra”¹⁴.

Que a poesia leve “Na bolsa, /figa, santinho, fita do Bonfim/e uma faca bem afiada”¹⁵, porque “Tem dias assim,/Em que o sapato dói,/A espinha de algum peixe/Arranha a garganta”¹⁶ e é urgente que construamos “outro tempo, outro mundo/para nós”¹⁷.

Que a poesia seja, enfim, “em cada gota que jorra/um fio invisível e tônico” que “pacientemente cose a rede/de nossa milenar resistência”¹⁸

Notas

1. Fonte: Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

2. Aglacy Mary, em “Antes da primeira”.

3. Carmen Moreno, em “Tratado sobre a mulher morta”.

4. Eliane Potiguara, em “Terra-mulher”. “Voz” e “Sem paz” em caixa-alta na versão original.

5. Christina Ramalho, em “Musa Carmesim”.

6. Ana de Santana, em “As mães de dandaras”.

7. Helena Parente Cunha, em “Corpo no cerco”.

8. elimacuxi, em “canto de 8 de março”.

9. Rosângela Trajano, em “Brincos perdidos”.

10. Renata de Castro, em “Eu – imposta terceira pessoa...”.

11. Leda Miranda Hühne, em “Segredo”. Em caixa alta na versão original.

12. Maria Lúcia Dal Farra, em “A fábula”.

13. Marilia Kubota, em "Não abra a porta".
14. Marize Castro, em "mulheres se matam...".
15. Noélia Ribeiro, em "Questão de gênero".
16. Raquel Naveira, em "Tem dias".
17. Tatiana Pequeno, em "Para Cristiana".
18. Conceição Evaristo, em "A noite não adormece nos olhos das mulheres".

Últimas considerações antes da poesia

Leitoras e leitores encontrarão, a seguir, poemas em verso e prosas poéticas de 33 poetas (16 cubanas e 17 brasileiras), de diferentes espaços geográficos, gerações literárias, visões estéticas e recortes temáticos, que confiaram às organizadoras Caridad Atencio e Christina Ramalho, aqui mais poetas que pesquisadoras, textos publicados em livros e textos inéditos que dialogam direta ou implicitamente com o tema da antologia, mas que, certamente, bordam testemunhos que atingem diretamente a vergonha que repete sua canção no caos de um mundo que precisa, urgentemente, reescrever o sentido da vida e do ser. Sem mordaça.

Convém também explicar que, quando os originais estavam prontos, a pandemia chegou ao mundo e adiou a publicação desta antologia. A COVID-19, sem dúvida, ampliou severamente a violência de gênero. E a máscara, que, sem dúvida, se fez e se faz instrumento imprescindível para o enfrentamento da pandemia, em muitas casas reforçou as próprias mordaças impostas às mulheres que, literalmente sem saída, sofreram ainda maiores violência no cotidiano entre quatro paredes.

Caridad Atencio e Christina Ramalho

prólogo en español



Antecedentes

La idea de este libro nació el 22 de febrero de 2019, por la tarde, en la Casa de Las Américas, en La Habana, Cuba, donde tuvo lugar el 29^{a.} versión del *Coloquio Internacional Expectativas, logros y desengaños del nuevo milenio en la historia y la cultura de mujeres latinoamericanas y caribeñas*.

Ese día, en la sección de comunicaciones de la tarde, una poeta e investigadora cubana Caridad Atencio habló sobre la poesía cubana contemporánea escrita por mujeres. Entre los oyentes estaba, otra investigadora y poeta, la brasileña Christina Ramalho.

Cuando Caridad Atencio mencionó el hecho de que estaba comenzando a organizar una antología para reunir la producción de la que estaba hablando, enfatizando en el tema de la violencia de género, surgió la propuesta de Ramalho: “¿Por qué no un proyecto en cuatro manos que involucre a Cuba y Brasil?

Antes de completar un año, lo que era una idea ganó la materialidad del libro: este libro. Aquí están las palabras de cada una sobre esta materialidad.

Testimonio de una “vergüenza que repite su canción”

Caridad Atencio

Cuando pensé que un proyecto como este podía ser acometido, alerté a las escritoras que se habían hecho cargo de antologías de la misma temática, pero en el género narrativo, quienes me contestaron: ¿Por qué no lo asumes tú misma? El poco tiempo del que dispone un investigador profesional, y el temor a no tener poder de convocatoria me hacían vacilar de entregarme a semejante labor. Hasta que ,en el evento que organiza anualmente Luisa Campuzano en la Casa de las Américas de la Habana sobre mujeres, me sorprendí leyendo una aproximación crítica a la poesía de dos poetas recogidas en esta antología: Yanira Marimón y Maylán Alvarez, en las que se revelan cantos de autolegitimidad y se problematiza la verdadera vida femenina, pues “la violencia contra la mujer es una práctica social diseminada en todos los espacios de nuestras vidas, con profundas raíces estructurales, y perceptible en muchos ámbitos, además del privado.”¹ Al final de la intervención expresé que hacía falta acometer una antología contra la violencia de género con la poesía, pues había material creativo valioso y suficiente entre nuestras escritoras.

En ese momento la figura espigada y decidida de Christina Ramalho, poeta y académica brasileña, me ofreció la posibilidad de llevar a cabo tal antología, que es la que ustedes leen: un libro sobre la poesía escrita por mujeres recientemente, contra la violencia de género, en Cuba y Brasil. Convoqué a las poetas, y aunque algunas demoraron un poco en enviar los textos, casi todas las que invité me dijeron, con entusiasmo y una fe del que ve los cielos abiertos, que sí. Son 16 poetas cubanas cuyo espectro de vida recorren los años desde 1936 (año del nacimiento de Georgina Herrera) hasta la fecha.

En los textos recogidos en este libro la mujer es un sujeto despojado de su condición legítima en una impotencia que se convierte en englobador fenómeno social. Es “un yo que se ha perdido, o que está en peligro de perderse. Esta es, constantemente, el tema de las novelistas mujeres. Y a menudo es el tema de las poetas mujeres también.”² La existencia femenina se convierte entonces en un campo de resistencia, pero no una resistencia que soporta, sino que se opone,³ donde está en juego la libertad, la condición humana del individuo.⁴ En este “no permitir llegar a ser” la vida de este campo de resistencia se materializa muchas veces en la propia relación de pareja o la familia. Ascienden entonces una pureza violentada, o la mujer atrapada en absurdos tejidos de culpa que la conducen, incluso a hacerse daño a ella misma. Estas realidades de subordinación crean agudos paisajes de incomunicación, y complejos procesos de introspección donde la mujer aprende a valorarse más a sí misma, valoración que llega a tener la misma profundidad que su dolor.

Asistimos entonces a la reacción airada de un ser ultrajado, a la reacción introspectiva de un ser ultrajado (Consúltense los poemas “Lumbre” de Julia Cabalé y “Un caballete para al Andaluz”, de Leyla Leyva. Este último poema nos entrega un singular retrato de la mujer hundida en el mundo doméstico, en el que llega a parecer que ni oye, que no ve, que no conserva la capacidad de procrear, cualidad que debe distinguir a la mujer). A pesar de ello el sacrificio que tienen que realizar es a menudo sinónimo de la prisión y la muerte, y no evita que toda la sociedad la considere como un ser maldito. Es una injusticia que la miseria y el estatismo sociales se afanan, con mecanismos y móviles, en hacerla parecer natural, donde la mujer es un ser subalterno que, por las falacias del mundo moderno, cree sentirse triunfadora. Léanse en este sentido “Style” y “Crying girl”, de Dalila León. Resaltan en la muestra excelentes textos con implicaciones alegóricas, arquetípicas y parabólicas sobre la condición femenina, como pueden ser el poema “Eva” de Georgina Herrera, o “En el puente” y “Campo visual de la doméstica” de Charo Guerra, como los poemas “Poema para la mujer que habla sola en el parque de Calzada” y “De María García Granados a José

Martí”, de Lina de Feria. Resaltan en estas creaciones la manera en la que nos autocalificamos junto a la forma en que nos ven, formando acaso una bipolaridad perfecta, y a ratos, enfermiza. Aunque no escapa a la afinación, penetración y sensibilidad de estas escritoras el hacer saber que, pese a que es la madre, y muchas veces también la mujer, una institución en la familia y en la casa, es considerada un ser de segundo orden (Véanse los poemas “Eva” de Georgina Herrera, “Dicen las damas penetrantes...” de Caridad Atencio, “Acerca de la tocadora de flauta” de Charo Guerra , “Mi madre soportaba el peso que le otorgaba su condición horizontal” de Yenys Laura Prieto, y “Mataremos al hijo”⁵de Leyla Leyva).

El tema de la mujer como ser despojado de su condición legítima, en peligro de perder su yo, asume, en la antología que ahora presentamos, variedad de manifestaciones y consecuencias que van desde el ser agredido y físicamente maltratado, hasta el sicológicamente abusado, variante esta última por la que experimenta un rechazo profundo, pues requiere más maldad o astucia para ser puesta en práctica. Desde el sacrificio de la madre, que es visto socialmente como algo connatural, hasta el estigma social que juzga actitudes severamente punibles, que en los hombres ve normales, y en las mujeres es un crimen de lesa humanidad, que obligan a la prostituta a llevar una vida inhumana. El natural hecho de ser tú es contemplado como un atrevimiento. Comportarte como una persona normal es osadía por la que la sociedad toda ha de pasarte cuenta (Véase “Ms. Trolley recuerda países” de Legna Rodríguez). Otra de las consecuencias de la preeminencia de este fenómeno es, sin duda, la construcción de un ser femenino cercado y perseguido, sin tener culpas o secretos (Consúltese “El tragadero”, de Leyla Leyva y “De dónde están las relaciones...” de Caridad Atencio) o alguien desde la infancia, criado con restricciones educativas que rebajan su condición de ser legítimo, y, que, incluso, dada la crudeza del mundo, es llevada a madurar con violencia (Léase “Yo era niña, pero bien pude ser niño...” de Maylan Álvarez.

Así, en boca de las autoras, la mujer llega a ser “vergüenza que repite su canción”⁶, “mujer atrapada en el goce de su persona, y su conflicto”... a la que “la columna la invita y la Idea la aplasta”⁷, una mujer que no se reconoce⁸, alguien que queda “bien con todos y mal contigo”⁸, “ese tomar y dejar media lengua en la punta de la lengua”,¹⁰ “violación aplazada sin plaza, y sin palacio”¹¹, alguien a quien “ignoran para que desaparezca”¹², un ser que solo si se “alejara de las luces” que la “ignoran dejaría de ser una intrusa”¹³, que “no le teme al amor sino a los hombres”¹⁴. Pues la condición femenina muchas veces se ve privada de su identidad en nombre del amor. En tal sentido la relación entre los sexos se ha convertido en un juego entre maldad, astucia e inocencia que alguien manipula. Entonces la mujer se ve obligada a establecer estrategias de sobrevivencia desde la impotencia, aunque ninguna sumisión femenina es como la desearía el sexo “fuerte”, ni tan real ni tan desposeída de caminos que salven (Véase “A su regreso trajo consigo...” y “Tras un fallo...” de Dolores Labarcena).

En la muestra también es apreciable una materialidad que interroga a lo doméstico de espaldas a la ilusión, urdiendo encajes de desconfianza vacío y frustración (Véanse los textos de Leyla Leyva, Maylan Álvarez, Nara Mansur y Yenys Laura Prieto). Alguien antologado me confesó que su compañero le decía que ya había escrito varios libros con ese tema “doméstico”, que por qué no escribía de otros asuntos, y digo yo, ¿por qué tendría que escribir sobre otros temas, si ese era el collar que apretaba su cuello? Entonces la mujer, despojada de su condición legítima, va a asumirla – lo que abarca en sus creaciones hasta el cuestionamiento de los mitos y la religión – No importa la “aparente” violencia que tenga que desplegar para conseguirlo. Aquí se habla de la entereza femenina, pero desde el ninguneo social que envuelve demoledoramente a esta virtud, con la sorna de lo que se puede, y a la vez, no se puede soportar. Y en esta tesitura nos preguntamos: ¿en qué estado queda el cuerpo femenino cuando traspasa por él toda la posible e imposible domesticidad, toda la posible e imposible segregación? El

cuerpo de la madre, que, a manera de gladiador avanza en la contienda? Única elección que la salvará como ser humano, en la que son envueltos los pecados y violencias de los hijos, del marido, incluso hasta del padre. Sobrepongo, en el trance, al cuerpo femenino el ser de las poetas, a las que nunca podrán acusar de cultivar un discurso sesgado, pues “no hay poema que pueda llamarse tal si no implica una querella, una disputa con uno mismo,¹⁵ y la condición de todo impulso poético, por elevado que sea, según Pavese, es siempre una atenta referencia a las exigencias éticas, y también prácticas, como es natural, del ambiente donde se vive. Porque, en el caso de mis antologadas, la tarea central de sus vidas ha sido la escritura del poema.¹⁶ Así queden entonces las escritoras, bañadas en las aguas de lo legítimo.

Notas

1. Zaida Capote. “Presentación”. *Sombras nada más*, 36 escritoras cubanas contra la violencia hacia la mujer, Ediciones Unión, 2015, p. 7.
2. Bárbara Deming. “No podemos vivir sin nuestras vidas.” Perspectivas en la lucha de mujeres, en *Diez poetas norteamericanas*, Ediciones Angria, Caracas, 1995, p. 457.
3. Esa resistencia que soporta es muchas veces la culpable del sacrificio femenino a manos de lo más vil del hombre.
4. Mirta Yáñez, luego de afirmar que la poesía escrita por mujeres en Cuba, en distintas épocas y lugares, se han reproducido, con mayor o menor variedad, tópicos como el amor, la maternidad, la identidad, la familia, el hogar, la naturaleza y el desarraigo, refiere que en la mayoría de la obra de las poetisas cubanas se manifiestan cambios en el tratamiento de estos temas tradicionales junto al surgimiento de nuevos, por ejemplo: una actitud desprejuiciada hacia las relaciones sexuales, un desenfado en el abordaje de temas amorosos, pérdida de la censura ante situaciones escabrosas, visión crítica de las relaciones familiares, tono irónico acerca de la pareja, protesta ante los rezagos de la moral conservadora y machista, erradicación de posturas sumisas, pudorosas, pasivas, autorreconocimiento de su posición en el mundo y pérdida de la solemnidad ante el fenómeno de la maternidad. “Poetisas cubanas. Una enjundiosa trayectoria” Revista *Lectora*, n. 5 – 6. 1999 – 2000, Barcelona, p. 23,

5. El sacrificio de la madre es pocas veces reciprocado en la figura del hijo, y en el universo de la familia.
6. Verso de Lina de Feria en "Poema para la mujer que habla sola en el parque de Calzada."
7. Charo Guerra. "En el puente".
8. Martha Luisa Hernández Cadenas. "El palacio de las ursulinas *un siglo después*".
9. Maylan Alvarez. "Eso de parir con dolor..."
10. Nara Mansur. "Capullo rosa".
11. Nara Mansur. "Reinventando persona y personaje".
12. Teresa Fornaris. "Te explicaría el crecimiento...".
13. Yenys Laura Prieto. "*La cabeza de esta mujer salió rodando calle abajo...*"
14. Zurelys López. "Espacio interior".
15. Pura López Colomé. "A la altura de sí mismo" en Seamus Heaney .*Obra reunida*, Trilce Ediciones, México, 2015, p. 13.
16. "La tarea central de mi vida ha sido la escritura del poema". Diana Bellesi. "Género y traducción" en *Diez poetas norteamericanas*, Ediciones Angria, Caracas, 1995, p. 5.

¿

Bordadoras del caos

Christina Ramalho

Brasil 2016 a 2018. Tres mil doscientos casos registrados de feminicidio¹. Tal vez sería suficiente detenerme aquí, si la intención era justificar el deseo de asumir la tarea de organizar una antología de poemas escritos por mujeres y con los que se podría relacionar el tema “violencia de género”. Podría, y lo hago, agregar que, en mi país, hombres que matan mujeres con 18 puñaladas; quienes tienen a las madres de sus hijos estranguladas, descuartizadas y enterradas; quienes se jactan, en programas de televisión, de haber cometido violencia sexual contra las mujeres; quienes atacan a las mujeres en las escuelas públicas, acusándolas de no “merecer” ser violadas porque son feas, elogian a los verdugos de la dictadura que torturaron despiadadamente a las mujeres o clasifican las relaciones amorosas con las mujeres negras como “prostitutas” tienen grandes posibilidades de convertirse en líderes religiosos, ídolos de la fútbol, diputados e incluso presidentes. Pero debo continuar con mi parte del prólogo, porque hay más que decir cuando la producción protagonista del libro es poesía, en verso o en prosa poética, firmada por mujeres.

En Brasil y en el mundo, la poesía y las mujeres siempre ha sido una relación compleja, pero al mismo tiempo, bien definida. Podría resumirlo diciendo: “El lugar de una mujer en la poesía es como una musa. De lo contrario, quedan pequeños espacios para sus cotilleos, romanticismos, y ‘sus miradas femeninas’ para la ‘belleza del hogar’”. Algunas se atrevieron a ir más allá. De hecho, desde Safo (o antes), siempre ha habido quienes se atrevieron, aunque, a veces, necesitaban el uso del seudónimo. En general, sin embargo, su destino fue sin gloria. Un ejemplo de esto fue la brasileña Narcisa Amália de Campos (São João da Barra/RJ, 1852-1924), quien murió ciega, paralizada y desconocida para la crítica literaria, a pesar de que tuvo un éxito significativo en 1872 con su único libro de poemas, *Nebulosas*. Sin embargo, el éxito molestó tanto a su marido que fue

acusada por él de nunca haber escrito un solo verso. Sus poemas, según su celoso esposo, habrían sido “obsequios” de los innumerables amantes poetas que ella tenía. La calumnia la llevó a abandonar la ciudad (Resende) donde vivía. Ya en la vejez, un crítico llamado Múcio Teixeira no tuvo miedo de repetir esas calumnias en un libro, alegando que *Nebulosas* había sido escrito por un autor masculino con un seudónimo femenino.

Muerte, violación, violencia psicológica, ofensa, prejuicio, difamación, borrado histórico. Tales “ingredientes”, desafortunadamente, todavía constituyen la “receta” de una sociedad que dice ser avanzada, pero cuyos registros estadísticos se revelan como rehenes de los pensamientos misóginos, que, en algunos (muchos) casos, como los que mencioné, son letales para el sueño de un mundo más justo y humano.

Con su propio talento, cada una de las poetas que nos envió sus textos encarna dibujos de esa realidad. En algunos casos, el tema de la violencia de género se basa en metáforas y otras figuraciones sutiles. En otros, los retratos de la vida cotidiana revelan marcas de inscripciones patriarcales que permanecen en nuestra realidad. En otros, hay una confrontación directa, pero estéticamente trabajada, con las situaciones violentas a las que están sometidas las mujeres.

Ciertamente, en un país continental como Brasil, 17 nombres no se parecen en nada a lo que realmente podría expresar el talento de la poesía brasileña escrita por mujeres. Busqué la diversidad, sin embargo, sin escapar mucho del contexto en el que me encuentro, como maestra que trabaja en la región noreste del país. Espero tener la oportunidad de ampliar este trabajo, pidiéndole a otros poetas que me den la confianza para integrar sus poemas con esta propuesta para, a través del arte de la palabra, deconstruir la falta de arte de la realidad.

Que la poesía no sea sólo la tejedora “de una historia/vestida de luto/desde el principio”², en la cual “por entre las piernas de los padres y sus palos de piedra,/escurre la sangre de las jóvenes”³, pero que tenga “una enorme garra en la voz/Para gritar esta masacre sin

paz”⁴, porque “Vivir de granos es cosa de gallinas!”⁵ y “Toda madre de uma dandara/espera un poco más/de los hombres y de las leyes”⁶.

Que la poesía cante “el cuerpo todo bloqueado/ en la mirada cicatrizada”⁷, “para romper el silencio por miedo de la bofetada/y la angustiada elección de la ropa”⁸, soltar “El último grito atrapado en la garganta/Con miedo de la muerte lenta”⁹ y deconstruir “Un verbo defectivo/Una elipse planificada” y todo “Barbarismo social”¹⁰. Que la poesía revele el secreto “sordo en el seno de la cueva/ a pesar de los cantos violentos/ gritos recurrentes”¹¹ y deja ella que se convierta en mujer, “– ella misma en busca de una explicación”¹², en un mundo en lo que se quer “é callar la boca/de niña/de mujer”¹³, e no qual “las mujeres se matan porque se cansaron del olor del azafrán./ y viven mojadas. nefastas. invadidas de poesía y piedra”¹⁴.

Que la poesía lleve “En la bolsa,/higa, santito, cinta del Bonfim/y un cuchillo bien afilado”¹⁵, porque “Hay días así,/ En el que el zapato duele,/ La espina de alguno pescado/ Rasca la garganta”¹⁶ y es urgente que construyamos “otro tiempo, otro mundo/para nosotros”¹⁷.

Que la poesía sea, por fin, “en cada gota que chorra/ un hilo invisible y tónico/ pacientemente cose la red/ de nuestra milenaria resistencia”¹⁸.

Notas

1. Fuente: Anuário Brasileiro de Segurança Pública.

2. Aglacy Mary, en “Antes de la primeira”.

3. Carmen Moreno, en “Tratado sobre la mujer muerta”.

4. Eliane Potiguara, en “Tierra-mujer”. “Voz” y “Sin paz”, en mayúscula en la versión original

5. Christina Ramalho, en “Musa Carmesim”.

6. Ana de Santana, en “Las madres de dandaras”.

7. Helena Parente Cunha, en “Cuerpo em el cerco”.

8. elimacuxi, em “canto de 8 de marzo”.

9. Rosângela Trajano, en “Pendientes perdidos”.

10. Renata de Castro, en "Yo - impuesta tercera persona..."
11. Leda Miranda Hühne, en "Segreto". Mayúsculas en la versión original.
12. Maria Lúcia Dal Farra, en "La fábula".
13. Marilia Kubota, en "No abra la puerta".
14. Marize Castro, en "mujeres se matan...".
15. Noélia Ribeiro, en "Cuestión de género".
16. Raquel Naveira, en "Hay días".
17. Tatiana Pequeno, en "Para Cristiana".
18. Conceição Evaristo, en "La noche no duerme en los ojos de las mujeres".

Últimas consideraciones antes de la poesía

Los lectores y las lectoras encontrarán, a continuación, poemas en verso y prosa poética de 33 poetas (16 cubanas y 17 brasileñas), de diferentes espacios geográficos, generaciones literarias, visiones estéticas y recortes temáticos, que confiaron a las organizadoras Caridad Atencio y Christina Ramalho, más poetas que investigadoras, textos publicados en libros y textos inéditos que dialogan directa o implícitamente con el tema de la antología, pero que sin duda encarnan testimonios que alcanzan directamente la vergüenza que repite su canción en el caos de un mundo que necesita reescribir urgentemente el significado de la vida y del ser. Sin mordaza.

Cabe aclarar también que, cuando los originales estuvieron listos, la pandemia llegó al mundo y pospuso la publicación de esta antología. El COVID-19 indudablemente ha incrementado severamente la violencia de género. Y la máscara, que sin duda fue y sigue siendo un instrumento indispensable para hacer frente a la pandemia, en muchas casas reforzó las mismas mordazas impuestas a las mujeres que, literalmente sin salida, sufrieron aún mayor violencia en su cotidianidad entre cuatro paredes.

Caridad Atencio y Christina Ramalho

Brasil





A glacy Mary



Aglacy Mary

Bicho de casa

há um bicho
de pouca estima
na primeira porta
do andar de cima.

se o que come
corresponde
ao pedido do dia,
apenas rosna
de gozo
e só deixa na madame
as marcas do álcool
com que enxágua a
língua
que se esparrama
pelos silêncios
dos encontros
de elevador
que unem a vizinhança.

há um bicho
e a esperança
de que ainda soe
o alarme da empatia.

Bicho de casa

hay un bicho
de poca estima
en la primera puerta
del piso de arriba.

si lo que come
responde
a la petición del día,
sólo gruñe
de goce
y sólo deja en la
madame
las marcas del alcohol
con que enjuaga la
lengua
que se desparrama
por los silencios
de los encuentros
de ascensor
que unen la vecindad.

hay un bicho
y la esperanza
de que todavía suene
la alarma de la
empatía.

Antes da primeira

da mulher morta,
o sobrecenho austero
que os olhos
do perito examinam
é a última paisagem
de uma história
vestida de luto
desde o princípio.

a mulher é morta.
morreu-lhe antes,
porém,
a luz da beleza
que a sabedoria
do espelho reflete.

morreu-lhe menina,
sob o lençol
que lhe deveria ter
coberto o frio.

morreu-lhe
num fio
de sangue,
antes
mesmo
da primeira vez.

Antes de la primera

de la mujer muerta,
el ceño austero
que los ojos
del experto examinan
es el último paisaje
de una historia
vestida de luto
desde el principio.

la mujer está muerta.
se murió antes,
a pesar de
la luz de la belleza
que la sabiduría
del espejo refleja.

se murió la niña,
bajo la sábana
que debería
cubrir el frío.

ha muerto
en un hilo
de sangre,
justo
antes
de la primera vez.

Espinho na janela

não é flor
de se colher.

a memória do lanho
na pele de pétala
de rosa maria
ainda arranha
toda janela
que lhe abre o dia,
mas
rosa não é flor
que se cheire
e que se deixe
sem a defesa do espinho.

nem rosa,
nem maria
é flor de se colher.

Espina en la ventana

no es flor
de cosechar.

la memoria de la herida
en la piel de pétalo
de rosa maría
todavía araña
todas las ventanas
que le abre el día,
pero
rosa no es flor
que se huela
y que se dejé
sin la defensa de la
espina.

ni rosa,
ni maría
es flor de cosechar.

Substantivo feminino

contra correntes,
e pregos,
e trancas,
e todo tipo de nó,
a palavra.

letra e som
de quem teve o
silêncio
como sinal de
presença,
na história escrita
com a tinta invisível
do próprio útero.

o substantivo
tão singular
agora quer verbo
em todo o seu
feminino verso.

Sustantivo femenino

contra las corrientes,
y clavos,
y las trancas,
y todo tipo de nudos,
la palabra.

letra y sonido
de quien tuvo el
silencio
como señal de
presencia,
en la historia escrita
con la tinta invisible
del propio útero.

el sustantivo
tan singular
ahora quiere verbo
en todo su
femenino verso.

Na medida

qualquer tanto de cintura
entre quaisquer medidas
de busto e de quadril
é coisa pouca
ante a rica ascendência
de toda mulher,
herdeira direta
de estrela maior.

qualquer tanto de cintura
entre quaisquer medidas
é condição suficiente
para insurretos movimentos
cá dentro e lá fora da gente.

qualquer tanto de cintura
é toda licença
de ser como se é,
bem do jeito que se quer.

qualquer tanto
é a medida.
qualquer.

En la medida

cualquier tanto de cintura
entre las medidas
de busto y de cadera
es algo poco
ante la rica ascendencia
de toda mujer,
heredera directa
de estrella más grande.

cualquier tanto de cintura
entre las medidas
es condición suficiente
para insurgentes movimientos
dentro y fuera de la gente.

cualquier tanto de cintura
es toda la licencia
de ser como si es,
de la manera que se quiere.

cualquier tanto
es la medida.
cualquiera.



Ana de Santana



Ana de Santana

Avant garde

na madrugada
o filho mais velho
atravessou o salão
nobre da prefeitura

- é muita coragem!
- o que ele veio fazer aqui?
- devia ter ficado no antro onde mora
(também se fuxica em velórios)

os olhos mareados
refletiam a memória
dos antigos pederastas
os anéis brigavam com
as calças sóbrias
rebelião contra a opressão
dos paternos sítios

ainda causava
(sim, causava e lacrava)
era uma deidade
acendendo os olhos inchados
daquela gente morta de sono

na cabeça do pai
borrifou lavanda francesa
(o pai fedia a chagas antigas)
aliviado
depositou no esquife
uma corda surrada
uma flor
e velhos sapatos de plataforma
solenemente
(sim, a flor colhida naquele dia)

o pai
e os objetos
cremados
sem cerimônia

os significados jogados da janela do vigésimo quinto andar
(espalhados pelo vento sim)

Avant garde

en la madrugada
el hijo mayor
atravesó el salón
noble de la alcaldía

– ¡es mucho coraje!
– ¿qué vino a hacer aquí?
– debería haber quedado en el antro donde vive
 (también se cotillea en velorios)

los ojos mareados
reflejaban la memoria
de los antiguos pederastas
los anillos peleaban con
los pantalones sobrios
rebelión contra la opresión
de los paternos sitios

todavía causaba
 (sí, causaba y impactaba)

era una deidad
encendiendo los ojos hinchados
de aquella gente muerta de sueño

en la cabeza del padre
ha rociado lavanda francesa
 (el padre apestaba a llagas antiguas)

aliviado
ha depositado en el esquife
una cuerda golpeada
una flor
y viejos zapatos de plataforma
solemnemente
 (sí, la flor cosechada aquel día)

el padre
y los objetos
cremados
sin ceremonia

los significados jugados de la ventana del vigésimo quinto
[piso
(esparcidos por el viento sí)

Século vinte e trans

para thalya agnys

percorreu vinte mil
légulas submarinas
e emergiu em um tempo
de igrejas e tecnologias
fábricas de tudo
prometendo o céu
transplantes
alisamento e coloração
de cabelos
brindes e passes divinos
olhos azuis unhas de gel
seios e nádegas
em qualquer formato
até ferro de engomar idade
em oferta
mas se havia empuxo
mais
havia espanto

– é um desvio
– não é natural
– vai contra a vontade de deus
– cruz credo
comentavam os cerzidos
na sala de espera
do cirurgião plástico
abismados com o perfil
de náutilos e seus likes

Siglo veinte y trans

para thalya agnys

recorrió veinte mil
leguas submarinas
y emergió en un tiempo
de iglesias y tecnologías
fábricas de todo
prometiendo el cielo
trasplantes
alisado y coloración
de pelo
regalos y pases divinos
ojos azules uñas de gel
senos y nalgas
en cualquier formato
hasta plancha de planchar edad
en oferta
pero si había empuje
más
había asombro

– es una desviación
– no es natural
– va contra la voluntad de Dios
– cruces
comentaban los cosidos
en la sala de espera
del cirujano plástico
abismados con el perfil
de nautilos y sus *likes*

abuso

também!
só anda toda coberta
parece até uma freira
não usa nem um batom
os cabelos das pernas dão uma trança
só pode ser uma crente
parece uma tábua
é batidinha, coitada
e aqueles cabelos?
é uma relaxada
mal-amanhada
um jaburu
não sai de casa
quem vai querer?

também!
com um decote desses
olha o tamanho da saia
veste legging sem calcinha
senta de perna aberta
é uma vadia
escravitiando no meio do mundo
é uma oferecida
muito sambada
batida que só ela
vive roçando nele
essa lambisgoia
casada e anda sozinha
uma andorinha

também! quer o quê?

abuso

también!
solo anda toda cubierta
parece hasta una monja
no usa ni un lápiz labial
los cabellos de las piernas dan una trenza
sólo puede ser una creyente
parece una tabla
es rectita, cocida
y esos cabellos?
es una relajada
malos cauterizado
un *jaburu*¹
no sale de casa
¿quién querrá?

también!
con un escote de estos
mira el tamaño de la falda
viste *legging* sin bragas
sienta de pierna abierta
es una tía
escogiendo en medio del mundo
es una ofrecida
muy *sambada*²
vulgar que sólo ella
vive rozando en él
esta *lambisgoia*³
casada y camina sola
una golondrina

también! ¿lo que quiere?

Notas

1. Forma ofensiva de calificar a una mujer como "muy fea".
2. De la expresión en portugués "*muito sambada*", forma ofensiva, de connotación sexual, de decir que una mujer es muy vivida.
3. Una mujer vulgar. Forma ofensiva.

abusada

.histérica recalcada. não
sabe fritar um ovo. pra que
esse turbante? seu cabelo não nega
parece uma arapuca. onde
ela quiser. feminazi. como a cor
não pega. um tapinha dói
quer desafiar? eu
(não) quero seu amor
num tô entendendo
de bigode e nem nem
nem o diabo pode
braba que só
siri. na lata. falta de
ômi. sapatão. vc n sabe
sua vca. com tanta roupa
suja. louca. chega
dá medo. é pra ter:

abusada¹

.histérica reprimida. no
sabe fritar un huevo. para que
¿ese turbante? su pelo no niega
parece una trampa. donde
ella quiere. feminazi. como el color
no contamina. una palmadita duele
¿quiere desafiar? yo
(no) quiero tu amor
no entiendo
de bigote y ni siquiera
ni el diablo puede
furiosa que solo
cangrejo. en la lata. falta de
hombre. tortillera. tu no sabes
su vca². con tanta ropa
sucia. loca. llega
da miedo. es para tener:

Notas

1. El poema dialoga con versos de canciones de la música popular brasileña.
2. Forma reducida de “vaca”.

As mães de dandaras¹

Para D. Francisca Ferreira de Vasconcelos

toda mãe de uma dandara
cultiva flores em carroças
e as rega com o pranto seu

toda mãe de uma dandara
é uma dandara a mais
no abismo das pedreiras

toda mãe de uma dandara
tem um pavor a mais
sob o travesseiro

toda mãe de uma dandara
exige um pouco mais
dos homens e das leis

toda mãe de uma dandara
tem um pedido a mais
ao seu deus

toda mãe de uma dandara
pede um mundo com mais
colo e prato cheio

Nota

1. O poema fala de duas Dandaras. A que, morta em 1694, foi uma guerreira negra que preferiu a morte à escravidão. Esposa do herói negro brasileiro Zumbi dos Palmares. E a Dandara transexual ,assinada e jogada em um carro de mão. D. Francisca é sua mãe.

Las madres de dandaras¹

Para D. Francisca Ferreira de Vasconcelos

cada madre de una dandara
cultiva flores en carromatos
y riégalas con su llanto

cada madre de una dandara
es una dandara más
en el abismo de las canteras

cada madre de una dandara
tiene un terror más
debajo de la almohada

cada madre de una dandara
requiere un poco más
de los hombres y de las leyes

cada madre de una dandara
tiene una solicitud más
a su dios

cada madre de una dandara
pide un mundo con más
regazo y plato lleno

Nota

1. El poema habla de dos Dandaras. La que, muerta en 1694, fue una guerrera negra que prefirió la muerte a la esclavitud. Esposa del héroe negro brasileño Zumbi dos Palmares. Y la Dandara transexual, asesinada y arrojada a un carro de mano. D. Francisca es su madre.

Carmen Moreno



Carmen Moreno

Testemunha

A morta não era mais a mãe
O líquido espesso escorrendo pelo canto da boca
A boca não era mais a boca da mãe
O suor no rosto a faca na mão
A mão não era mais a mão do pai

Testigo

La muerta ya no era la madre
El líquido espeso escurriendo por el canto de la boca
La boca ya no era la boca de la madre
El sudor en la cara el cuchillo en la mano
La mano ya no era la mano del padre

Tratado sobre a mulher morta

Prepara-se o crime aos poucos, sob a cegueira dos séculos:
desde cedo, o sangue das moças goteja na poça,
ofertada por fim às manchetes.

Aos poucos, antes do útero inchar e o fluxo rubro jorrar
a primeira vez pelas pernas,
e os pelos pontearem a carne verde do púbis.

Antes de o esperma inaugural macular de posse o prazer,
o sangue das moças vaza, invisível, pelos poros do poder.

Prepara-se o crime aos poucos, no quarto rosa.

Sob o babado dos vestidos, facas fatiam o horizonte em sim e não.
Antes de o buquê murchar, o arroz do altar apodrecer na prateleira,
o sangue das moças segue sua angústia de mar.

Aos poucos, quando o corpo se deita para deixar:
e um deus delirante demarca bandeiras na terra possuída.

Quando peitos promovem produtos, e a beleza se basta como atributo.
Escorre com o ciúme, o sangue das moças,
da fala áspera ao grito, do soco à surdez consensual
(e o pedido de perdão, travestido de amor e permissão).

Prepara-se o crime aos poucos, definida a supremacia do falo.
No aconchego das escolas, no colo das mães,
por entre as pernas dos pais e seus paus de pedra,
escorre o sangue das moças.

Pelas vias das tevês, sob o jugo dos jornais,
delegacias, religiões, tribunais.

Pelos trens ejaculando nos vagões seus homens descarrilhados.

Das veias de todos nós, salta o sangue das moças estancado pelo algoz.

Tratado sobre la mujer muerta

Se prepara el crimen poco a poco bajo la ceguera de los siglos:
desde temprano, la sangre de las muchachas gotea en el charco,
ofrecida por fin en primera plana.

Poco a poco, antes del útero hinchar y del flujo carmesí brotar
la primera vez por las piernas,
y los pelos puntearan la carne verde del pubis.

Antes del esperma inaugural macular de posesión el placer,
la sangre de las mozas baja, invisible, por los poros del poder.

Se prepara el crimen poco a poco, en el cuarto rosa.

Bajo el volante de los vestidos, cuchillos rebanan el horizonte

[en sí y no.

Antes de que el ramo se marchite, el arroz del altar se pudra en el
[estante,

la sangre de las muchachas sigue su angustia de mar.

A los pocos, cuando el cuerpo se acuesta para dejar:

y un dios delirante demarca banderas en la tierra poseída.

Cuando los pechos promueven productos, y la belleza se basta como
[atributo.

Escurre con los celos, la sangre de las muchachas,
del habla áspera al grito, del golpe a la sordera consensuada
(y el pedido de perdón, travestido de amor y permiso).

Se prepara el crimen poco a poco, definida la supremacía de falso.

En la acogida de las escuelas, en el regazo de las madres,
por entre las piernas de los padres y sus palos de piedra,
escurre la sangre de las jóvenes.

Por las vías de los televisores, bajo el yugo de los periódicos,
estaciones de policía, religiones, tribunales.

Por los trenes eyaculando en los vagones sus hombres

[descarrilados.

De las venas de todos nosotros, salta la sangre de las

[muchachas estancada por el verdugo.

Terra dos homens

Somos todas suspeitas.
Porque subimos aos apartamentos,
porque livramos desejos, porque ousamos decotes.
Somos todas cúmplices e estímulos de nossa morte.
E facas estancam tempos, e tiros em nome da honra.
Largadas à sorte de todas as posses, de todos os donos,
acuadas nas esquinas, atiradas de barrancos,
somos drogadas e somos meninas, gurias de treze,
mulheres de mil estradas!
Somos todas suspeitas e culpadas.
Aos olhos regrados dos juízes,
nas bocas domadas das vizinhas.
Nas delegacias (seduzimos e fomos curradas),
nas manchetes, nossa vida, sob hipóteses, devassada.
Nossa história, de tão remexida, de vítimas viramos bandidas.
Mulheres da vida, de sina merecida e bem traçada.

Tierra de los hombres

Somos todas sospechosas.
Porque subimos a los apartamentos,
porque liberamos deseos, porque usamos escotes.
Somos todas cómplices y estímulos de nuestra muerte.
Y cuchillos detienen tiempos, y tiros en nombre del honor.
Dejadas à la suerte de todas las posesiones, de todos los dueños,
acorraladas en las esquinas, tiradas de barrancos,
somos drogadas y somos niñas, chicas de trece,
mujeres de mil caminos!
Somos todas sospechosas y culpables.
A los ojos regulados de los jueces,
en las bocas domadas de las vecinas.
En las comisarías (seducimos y fuimos violadas),
en las portadas, nuestra vida, bajo hipótesis, profanada.
Nuestra historia, de tan revuelta, de víctimas venimos bandidas.
Mujeres de la vida, de sina merecida y bien trazada.

Reviravolta

Maria da Penha,
apequenada, alteou-se:
transcendeu ao drama,
traiu thanatus, tombando o fim.
Fez da cadeira seu tatame,
do tiro seu trampolim,
para tantas Marias mudas
saltarem do silêncio ao sim.
Coragem dessa mulher,
(sentada ereta erguida),
rodando a vida em rodas,
sem se render.
Seara do Ceará,
semente de Fortaleza,
peleja, penha,
senhora dos penhascos.

Giros

María da Penha,
disminuida, hinchóse:
trascendió al drama,
traicionó thanatus, tumbando el fin.
Hizo de la silla su tatami,
del tiro su trampolín,
para qué tantas Marías mudas
saltasen del silencio al sí.
Coraje de esta mujer,
(sentada erecta erguida),
rotando la vida en ruedas
sin rendirse.
Cosecha del Ceará,
semilla de Fortaleza,
pelea, piedra,
señora de los acantilados.

Poema para Marielle Franco

Na calada da noite
calou-se a voz, tocaia.
Toque de recolher a vida.
Ávida, a mulher realçou rostos invisíveis:
despenteou a brisa, desabrigou mentiras,
soprou ventanias no marasmo.
Não a morte! Não há morte,
só sementeiras.
Nenhum bem se aterra,
se o gesto fértil se espalha,
e a língua é espada e espanto.
Nenhum carrasco tomba
o canto indomável das sílabas,
nem turva o clarão do sorriso.
Não há terror que impeça
o orvalho nos desertos.

Poema para Marielle Franco

En el silencio de la noche
se calló la voz, emboscada.
Toque de recoger la vida.
Ávida, la mujer realzó rostros invisibles:
despeinó la brisa, desalbergó mentiras,
sopló tormentas en el marasmo.
¡No la muerte! No hay muerte,
sólo siembra.
Ningún bien se aterriza,
si el gesto fértil se esparce,
y la lengua es espada y espanto.
Ningún verdugo vuelca
el canto indomable de las sílabas,
ni turba el resplandor de la sonrisa.
No hay terror que impida
el rocío en los desiertos.

Christina Ramalho



Christina Ramalho

Guarda, musa, tua boca de hortelã,
guarda Chico Caetano e coisa e tal...
guarda, mulher, essa mania submissa
de guardar poltrona chinelo jornal

**GUARDA A TUA RETAGUARDA
MULHER-MUSA OBJETO FATAL**

E de pernas inda entreabertas
cheirando a delírio de prazer permitido
– delírio visionário que o poema concedeu –
fico pensando neste destino cretino
neste cretino destino de mulher
que leis mundanas machistas disseram ser o meu.

Não nego o prazer que vivi
(seria negar o tecer da teia...)
sonego apenas essa mania de areia

VIVER DE GRÃOS É COISA DE GALINHA!

(In: *Musa Carmesim*, 1998)

Guarda, musa, tu boca de menta,
guarda Chico Caetano y cosa y tal...
guarda, mujer, esta manía sumisa
de guardar sillón zapatilla periódico

GUARDA LA ESPALDA TUYA
MUJER-MUSA OBJETO FATAL

Y con las piernas aún abiertas
oliendo al delirio del placer permitido.
– delirio visionario que el poema concedió –
me quedo pensando en este estúpido destino
en este estúpido destino de mujer
que las leyes mundanas machistas dijeron ser mío.

No niego el placer que he vivido.
(sería negar el tejer de la tela...)
retengo apenas esta manía de arena

¡VIVIR DE GRANOS ES COSA DE GALLINA!

(In: *Musa Carmesim*, 1998)

Canção para Irene

Sou, somos, Irene,
da América do Sul
e ninguém mais precisa saber
da miséria que comemos
com os mesmos teimosos olhos
que enxergam verde
o vermelho sangue
torrencialmente exposto
a nos lamber os dias
como caudalosos rios
de escândalos
que abafamos
vertendo
para dentro
a canção da pátria ferida.
Amém.

(In: *Laço e nó*, 2000)

Canción para Irene

Soy, somos, Irene,
de la América del Sur
y nadie más necesita saber
de la miseria que comemos
con los mismos obstinados ojos
que ven verde
el rojo sangre
torrentialmente expuesto
a lamernos los días
como caudalosos ríos
de escándalos
que sofocamos
derramando
para adentro
la canción de la patria herida.
Amén.

(In: *Laço e nó*, 2000)

Sangue abstrato

Sangro.
Logo não sangrarei mais.
E no sangue que sangrei
ficarão poças de espasmos
dores ancestrais
e reinventadas
pelas dobraduras do tempo.
Parte da mulher
partirá como a porcelana
que cumpre
inexorável destino
de tombar da prateleira
onde a vida reteve
a fecundidade do jardim.

Outra parte
renascerá dos cacos
japonesamente resgatada
não na capacidade de ser pólen
mas na tenacidade perene
da flor que vai além
de pétalas e corola,
flor
que por ser infinita
extrapolá
o signo imposto
de só ser flor
na existência da abelha
ou na do beija-flor.

Sangro.
Logo não mais sangrarei.
E o que era sangue,
rosário com que me vestiram,
será o perfume santo
que perpetua no espaço
a impermanente permanência
da flor que o mundo esmaga
e que a força viva da mulher
resgata com o sangue
contínuo e abstrato
de sua existência concreta.

(In: *fio de teNsão*, 2018)

Sangre abstracta

Sangro.

Pronto ya no sangraré más.
Y en la sangre que yo sangré
quedarán charcos de espasmos
dolores ancestrales
y reinventadas
por los pliegues del tiempo.
Parte de la mujer
partirá como la porcelana
que cumple
el inexorable destino
de tumbarse del estante
donde la vida retuvo
la fecundidad del jardín.

Otra parte
renacerá de las piezas
“japonesamente” rescatadas
no en la capacidad de ser polen
pero en la tenacidad perenne
de la flor que va más allá
de pétalos y corola,
flor
que siendo infinita
extrapolá
el signo impuesto
de sólo ser flor
en la existencia de la abeja
o la del colibrí.

Sangro.
Pronto no sangraré más.
Y lo que era sangre,
el rosario con que me vistieron,
será el perfume santo
que perpetúa en el espacio
la impermanente permanencia
de la flor que el mundo aplasta
y que la fuerza viva de la mujer
rescata con la sangre
continua y abstracta
de su existencia concreta.

(In: *fio de teNsão*, 2018)

Trinta

30 cabeças decapitadas
30 corpos balançando na forca
30 membros amputados
30 tiros em cada boca
30 cusparadas em cada cara
30 milhões de lágrimas
E, no entanto,
nada que afague
a carne descarnada
a alma destroçada
a dor de ser mulher
nesta terra desgraçada
pela infâmia de homens
que de homens não têm nada.

(In: *fio de teNsão*, 2018)

Treinta

30 cabezas decapitadas
30 cuerpos balanceándose en la horca
30 miembros amputados
30 disparos en cada boca
30 escupidas en cada cara
30 millones de lágrimas
Y, sin embargo,
nada que acaricie
la carne descarnada
el alma destrozada
el dolor de ser mujer
en esta tierra desgraciada
por la infamia de hombres
que de hombres no tienen nada.

(In: *fio de teNsão*, 2018)

Para mulheres-abecedário, poucos leitores.

(In: *Poemas mínimos*, 2019)

Para mujeres-alfabeto, pocos lectores.

(In: *Poemas mínimos*, 2019)

Conceição Evaristo



Conceição Evaristo

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó ecoou criança
nos porões do navio.

Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela.

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

O ontem – o hoje – o agora.

Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

Voces-mujeres

La voz de mi bisabuela resonó niña
en los sótanos del barco.

Lamentos ecos
de una infancia perdida.

La voz de mi abuela
resonó la obediencia
a los blancos-dueños de todo.

La voz de mi madre
resonó suavemente la revuelta
en lo profundo de las cocinas ajenas
debajo de los paquetes
ropas sucias de los blancos
por el camino polvoriento
hacia à la favela.

Mi voz aun
resuena versos perplejos
con rimas de sangre

y
hambre.

La voz de mi hija
recoge todas nuestras voces
recoge en sí
las voces mudas calladas
ahogadas en las gargantas.

La voz de mi hija
recoge en sí
el habla y el acto.

El ayer – el hoy – el ahora.

En la voz de mi hija
se hará escuchar la resonancia
El eco de la libertad de la vida.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

A noite não adormece nos olhos das mulheres

Em memória de Beatriz Nascimento

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas
virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres,
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
onde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
Jamais nos olhos das fêmeas,
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembraiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

La noche no duerme en los ojos de las mujeres

En memoria de Beatriz Nascimento

La noche no se duerme
a los ojos de las mujeres,
la luna hembra, similar a la nuestra,
de vigilia atenta vigila
nuestra memoria.

La noche no se duerme
en los ojos de las mujeres,
hay más ojos que sueño
donde las lágrimas suspendidas
coman¹ el lapso
de nuestros mojados recuerdos.

La noche no se duerme
en los ojos de las mujeres,
vaginas abiertas
retienen y expulsan la vida
de donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
y otras chicas lunas
alejan de ellas y de nosotras
nuestras copas de lágrimas.

La noche no se dormirá
Jamás en los ojos de las mujeres,
pues de nuestro sangre-mujer
de nuestro líquido recordatorio
en cada gota que chorra
un hilo invisible y tónico
pacientemente cose la red
de nuestra milenaria resistencia.

Nota

1. creación de un verbo a partir del substantivo "coma".

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

Da menina, a pipa

Da menina a pipa
e a bola da vez
e quando a sua íntima
pele, macia seda, brincava
no céu descoberto da rua
um barbante áspero,
másculo cerol, cruel
rompeu a tênue linha
da pipa-borboleta da menina.

E quando o papel
seda esgarçada
da menina
estilhaçou-se entre
as pedras da calçada
a menina rolou
entre a dor
e o abandono.

E depois, sempre dilacerada,
a menina expulsou de si
uma boneca ensanguentada
que afundou num banheiro
público qualquer.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

La niña, la cometa

De la niña la cometa
y la pelota de la vez
y cuando su intima
piel, suave seda, jugueteada
en el cielo desnudo de la calle
una cuerda áspera
varonil *cerol*¹, cruel
rompió la delgada línea
de cometa-mariposa de la niña.

Y cuando el papel
seda deshilachada
de la niña
astillado entre
las piedras de la acera
la niña rodó
entre el dolor
y el abandono.

Y luego, siempre destrozada,
la niña la echó de sí
una muñeca ensangrentada
que se hundió en un baño
público cualquier.

Nota

1. El *cerol* es una mezcla de pegamento y vidrio esmerilado que va en la línea de la cometa para que otra cometa se pueda cortar en el cielo.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

Meia lágrima

Não,
a água não me escorre
entre os dedos,
tenho as mãos em concha
e no côncavo de minhas palmas
meia gota me basta.

Das lágrimas em meus olhos secos,
basta o meio tom do soluço
para dizer o pranto inteiro.

Sei ainda ver com um só olho,
enquanto o outro,
o cisco cerceia
e da visão que me resta
vazo o invisível
e vejo as inesquecíveis sombras
dos que já se foram.

Da língua cortada,
digo tudo,
amasso o silêncio
e no farfalhar do meio som
solto o grito do grito do grito
e encontro a fala anterior,
aquela que emudecida,
conservou a voz e os sentidos
nos labirintos da lembrança.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

Média lágrima

No
el agua no me escurre
entre los dedos,
tengo las manos ahuecadas
y en el hueco de mis palmas
media gota me basta.

De las lágrimas en mis ojos secos,
basta el medio tono del hipo
para decir el llanto entero.

Sé todavía ver con uno sólo ojo
mientras que el otro,
el cisco acorta
y de la visión que me queda
vacío lo invisible
y veo las inolvidables sombras
de los que ya se fueron.

De la lengua cortada,
digo todo,
amaso el silencio
y en el susurro del medio sonido
suelto el grito del grito del grito
y encuentro el habla anterior,
aquella que enmudecida,
conservó la voz y los sentidos
en los laberintos del recuerdo.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

Coisa de pertença

Quando a mulher boquiberta
engoliu a bala que lhe arrebentou
o último fio de seu desamparo,
o homem, o seu,
aliás, título inverso de propriedade,
pois era ele quem a considerava
como coisa de sua pertença,
pegou a segunda arma
decepando-lhe o corpo,
enquanto calmamente dizia:
quem come a carne, corta os ossos.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)

Cosa de pertenencia

Cuando la mujer boquibierta
se tragó la bala que le rompió
el último hilo de su abandono,
el hombre, lo suyo,
de hecho, título inverso de propiedad,
porque él fue quien la consideraba
como cosa de su pertenencia,
tomó la segunda arma
cortando su cuerpo,
mientras tranquilamente decía:
quién come la carne, corta los huesos.

(In: *Poemas da recordação e outros movimentos*, 2011)



Eliane Potiguarda



Eliane Potiguara

No dia em que mataram Marçal Tupã-Y
(ou “no dia em que mataram nossos avós
ou quando eles desapareceram”)

Dedicado às viúvas indígenas

A minha tristeza é cor de prata
É o sol que bate no mar de suor e lágrimas
Refletido o amor doído
O amor impossível
Um amor das matas.
A minha tristeza é cor de prata
São teus olhos que procuro nas águas
Nas ondas do infinito azul
Enquanto ouço tua voz veloz
Trazida pelos ventos ardentes.
Vai-te sol vermelho
Rasgando o meu coração indefeso
Leva pro lado de lá
Meu amor
Uma mensagem de Paz
Um amor ingênuo, puro
Eternamente cândido
E que jamais te esquece.
Vai-te sol vermelho
Furando as nuvens em raios prepotentes
Quebra as ondas
E gritas se puderes
Que nessa margem de cá
Existe uma mulher amante, só
CONSCIENTE
Que jamais se cala...
Mesmo se lhe arranquem os dentes
ou se lhe cortem a garganta gritante!

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

El día en que han matado a Marçal Tupá-Y
(o "el día en que nuestros abuelos fueron
asesinados o cuando desaparecieron")

Dedicado a las viudas indígenas

Mi tristeza es color de plata.
Es el sol que golpea el mar de sudor y lágrimas.
Reflejado el amor dolido.
El amor imposible
Un amor de los bosques.
Mi tristeza es color de plata.
Son tus ojos los que busco en las aguas.
En las olas del infinito azul.
Mientras escucho tu voz veloz
Traída por los vientos ardientes.
Vete sol rojo
Rompiendo mi corazón indefenso
Lleva al otro lado
Mi amor
Un mensaje de Paz
Un amor ingenuo, puro.
Para siempre cándido
Y que jamás te olvida.
Vete sol rojo
Perforando las nubes en rayos prepotentes
Rompe las olas
Y gritas si puedes.
Que en este margen aquí
Hay una mujer amante, sola.
CONSCIENTE
Que jamás se calla...
¡Incluso si le rompen los dientes
O si le cortan la garganta gritante!

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

A denúncia

Ó mulher, vem cá
que fizeram do teu falar?
Ó mulher conta aí...
Conta aí da tua trouxa
Fala das barras sujas
dos teus calos na mão
O que te faz viver, mulher?
Bota aí teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah! Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar!

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

La queja

Oh mujer, ven aquí.
¿Qué han hecho de tu hablar?
Oh mujer cuéntalo ...
Cuenta de tu mochila
Habla de las barras sucias
de tus callos en la mano
¿Qué te hace vivir, mujer?
Pon allí tu armamento.
Di lo que te hace callar ...
¡Ah! Mujer engañada
¡Quién diría que tú sabías hablar!

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

Terra-mulher

Tu que muito sabes desse mundo
Tu que nesta vida profunda
Com todos os séculos aprendeu a malícia
Como quer que te chame?
Tu que me enganas (suponho) ouvindo parada
Te vejo os que te fingem aos ouvidos
E tua mente chama ainda;
“Não é isso não!”
E tu choras
E tu sofres pela incompreensão
E tu morres
Pelo roubo e assassinato.
Por que ficas parada?
No dia em que rastejastes
E no que apanhaste na cara
Vi a teu lado a miséria e a morte
Companheiras fiéis.
Tu que te banhaste em teu próprio sangue
Não tem coragem de exclamar
Ou tem medo de ser errante?
Tu que sentiste
O racismo na carne
O desprezo dos olhares
A inveja de serem
Pelo menos um minuto
O que hoje és: HONESTA!
Tu calas, mas vejo teu sorriso
Da compreensão deste mundo
Na ruga do pé do olho
No canto da boca rota.
E penso mesmo, talvez...
Que seja, por enquanto, calar e olhar ao redor.
Porque tua mente viaja
E enxerga...

E és nobre por calar-te nesta hora
És humilde e guerreira.
Mas sei que tens uma cachoeira de lágrimas
Dentro do peito
E uma enorme garra na VOZ
Pra gritar esse massacre SEM PAZ
Mas luta, mesmo que não possas falar
Por ora, minha TERRA
Porque ainda estás presa
Nas garras da tua própria história.

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

Tierra-mujer

Tú que mucho sabes de este mundo
Tú que en esta vida profunda
Con todos los siglos aprendió malicia.
¿Como quieres que te llame?
Tú que engañas (supongo) oyendo parada
Te veo os que te fingen a los oídos
Y tu mente aún llama;
"¡No es eso no!"
Y tú lloras
Y tú sufres con malentendidos.
Y tú mueres
Por robo y asesinato.
¿Por qué estás parada?
El día en que te arrastraste
Y en lo que te dieron en la cara.
Vi a tu lado la miseria y la muerte
Compañeras fieles.
Tú que te bañaste en tu propia sangre.
No tienes el coraje de exclamar.
¿O tienes miedo de ser errante?
Tú que sentiste
El racismo en la carne
El desprecio en las miradas.
La envidia de ser.
Al menos un minuto
Lo que eres hoy: HONESTA!
Te callas, pero veo tu sonrisa
De comprensión de este mundo
En la arruga del ojo
En la esquina de la boca rota.
Y pienso por eso, tal vez ...
Que sea, por el momento, callar y mirar alrededor.
Porque tu mente viaja
Y mira ...

Y eres noble por callarte a esta hora.
Eres humilde y guerrera.
Pero sé que tienes una cascada de lágrimas.
Dentro del pecho
Y una enorme garra en la VOZ.
Para gritar esta masacre SIN PAZ
Pero luchas, aunque no puedas hablar.
Por ahora, mi TIERRA
Porque aún estás atrapada
En las garras de tu propia historia.

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

Terra cunhã

Mulher indígena!
Que muito sabes deste mundo
Com a dor ela aprendeu pelos séculos
A ser sábia, paciente, profunda.
Imóvel, tu escutas
Os que te fingem aos ouvidos
Fé guerreira, contestas:
“Não aguento mais a mentira!”
Mas longe deles, choras a estupidez,
O MEDO...
(sim, longe deles!)
Sofres incompreensão e maldade
Aos poucos morres à míngua...
Desrespeito, roubo, assassinato.
No dia em que rastejaste
Imploraste tua terra – e JÁ TINHAS!
A teu lado companheiras: miséria e morte
A violência e a angústia dos trópicos...
Nas caras ela viu o abuso
A inveja de ser o que és: cândida,
lúcida, mãe, companheira...
E tu zombastes desses pobres (de) espíritos.
Sabes do rio de lágrimas
Que te aperta o peito aflito
Na bolsa d'água o filho esperas
Futuro, luz, nova era.
Mas luta, raiz forte da terra!
Mesmo que te matem por ora
Porque estás presa ainda
Nas garras do PODER e da história.
A velha e o moço
Quando eu te conheci, guerreiro
jamais iria sonhar
que nossos corpos se tocariam

que nossas bocas se esquentariam
com ares de manhã.
Quando eu te conheci, amigo
amei-te terna pela luta
amei-te muda pelo mundo
desprezando línguas falantes.
Quando eu te conheci, amigo
estava só, triste e doente
ensaiando um abrigo
de amor, um doce amante.
Quando eu te conheci, guerreiro
vi brotar a luz em mim
vi brilhar a juventude
corroída no semblante.
Quando eu te conheci, amigo
voltei à não vivida infância
passei a pular feito criança
buscando um sangue novo – a esperança.
Mas já é tarde, doce guerreiro
pois não trago no peito a moça pra ti.
O tempo passou e não pôde nascer
a mulher que não deixaram viver!
Mulheres do futuro
Enquanto ela geme calada
Não mais teme a solidão
Corroída e amofinada
Vence o câncer que a maltrata.
Anda só em pele e osso
Com vergonha da agonia
Caladinha seca o olho
Das lembranças e da ironia.
Se querem cortem logo sua língua
Se querem injetem logo essa morfina
Porque pra ser mulher determinada
O sorriso aparece na verdade
Mas a tristeza está sempre presente.

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

Tierra Cunhã¹

Mujer indígena
Que mucho sabes de este mundo
Con el dolor ella aprendió a través de los siglos.
A ser sabia, paciente, profunda.
Inmóvil, tú escuchas
Los que te fingen a los oídos
Fe de la guerrera, contestas:
“¡Ya no soporto la mentira!”
Pero lejos de ellos, lloras la estupidez,
EL MIEDO ...
(¡sí, lejos de ellos!)
Sufres malentendidos y maldad.
Poco a poco, mueres en la pobreza ...
Falta de respeto, robo, asesinato.
El día en que te arrastraste
Has implorado tu tierra - ¡Y YA TENÍAS!
A tu lado compañeras: miseria y muerte.
La violencia y la angustia de los trópicos ...
En las caras ella vio el abuso.
La envidia de ser lo que eres: cándida,
lúcida, madre, compañera ...
Y tú burlaste de esos pobres (de) espíritus.
Sabes del río de lágrimas
Que te aprieta el pecho afligido.
En la bolsa de agua el hijo espera.
Futuro, luz, nueva era.
¡Pero lucha, raíz fuerte de la tierra!
Incluso si te matan por ahora.
Porque estas aún atascada
En las garras del PODER y de la historia.
La anciana y el joven
Cuando yo te conocí, guerrero
jamás soñaría

Nota

1. Tupi-guarani.
Hembra de cualquier animal; Mujer joven;
Esposa; una planta;
un tipo de tortuga.

que nuestros cuerpos se tocárían
que nuestras bocas se calentarán
con aires de mañana.
Cuando yo te conocí, amigo.
te amé tiernamente por la lucha.
te amé muda por el mundo.
despreciando las lenguas habladas.
Cuando yo te conocí, amigo.
estabas solo, triste y enfermo
ensayando un refugio
del amor, un dulce amante.
Cuando yo te conocí, guerrero
vi brotar la luz en mi
vi brillar a la juventud
corroída en el rostro.
Cuando yo te conocí, amigo
volví a la infancia no vivida
pasé a saltar como un niño
buscando una nueva sangre –la esperanza.
Pero ya es tarde, dulce guerrero
porque no traigo en el pecho a la niña para ti.
El tiempo pasó y no pudo nacer.
¡la mujer que no dejaron vivir!
Mujeres del futuro
Mientras ella gime callada
Ya no teme la soledad
Corroída e hinchada
Vence el cáncer que la maltrata.
Marcha solo en piel y hueso
Con vergüenza de la agonía
Calladita seca el ojo
De los recuerdos y de la ironía.
Si quieren corten pronto su lengua
Si quieren inyecten pronto esta morfina
Porque para ser una mujer decidida.
La sonrisa aparece de verdad
Pero la tristeza estará siempre presente.

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

Mulher!

Vem, irmã
bebe dessa fonte que te espera
minhas palavras doces ternas.
Grita ao mundo
a tua história
vá em frente e não desespera.

Vem, irmã
bebe da fonte verdadeira
que faço erguer tua cabeça
pois tua dor não é a primeira
e um novo dia sempre começa.

Vem, irmã
lava tua dor à beira-rio
chama pelos passarinhos
e canta como eles, mesmo sozinha
evê teu corpo forte florescer.

Vem, irmã
despe toda a roupa suja
fica nua pelas matas
vomita o teu silêncio
e corre – criança – feito garça.

Vem, irmã
liberta tua alma aflita
liberta teu coração amante
procura a ti mesma e grita:
sou uma mulher guerreira!
sou uma mulher consciente!

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)

¡Mujer!

Ven, hermana
bebe de esa fuente que te espera.
mis palabras dulces tiernas.

Grita al mundo
tu historia
sigue adelante y no desesperes.

Ven, hermana
beber de la fuente verdadera
que hago elevar tu cabeza
porque tu dolor no es el primero
y un nuevo día siempre comienza.

Ven, hermana
lava tu dolor por el río
llama a los pajaritos
y canta como ellos, incluso sola.
y ve tu cuerpo fuerte florecer.

Ven, hermana
quita toda la ropa sucia
quédate desnuda en el bosque
vomita tu silencio
y corre –niña – como garza.

Ven, hermana
libera tu alma afligida
libera tu corazón amante.
búscate a ti misma y grita:
¡soy una mujer guerrera!
¡soy una mujer consciente!

(In: *Metade cara, metade máscara*, 2004)



elimacuxi



elimacuxi

Corpos

o corpo violado
o corpo violão
o corpo

o corpo generalizado em homens e mulheres
o corpo puro de bebês
com cara de joelho e roupa amarela
o corpo de Cristo mascado nos rituais de domingo
o corpo das bruxas ardendo sob fogueiras santas
o corpo mumificado da História
o corpo degenerado de homicida
corpos velhos
inúteis e perecíveis
testemunhas da vida

o corpo é bicho, é nicho, é morada, é essência
bruta delicadeza
corpo cavalo, músculo e relincho
corpo mosca, suja leveza
corpo corda, balde e poço: conjunto
o corpo é livre
quando em queda do oitavo andar

o corpo são
todas as identidades cabíveis.

Cuerpos

el cuerpo violado

el cuerpo *violão*¹

el cuerpo

el cuerpo generalizado en hombres y mujeres.

el cuerpo puro de los bebes

con cara de rodillas y traje amarillo

el cuerpo de Cristo masticado en los rituales del domingo

el cuerpo de brujas ardiendo bajo las hogueras santas

el cuerpo momificado de la Historia

el cuerpo degenerado de los homicidas

cuerpos viejos

inútiles y perecederos

testigos de la vida

el cuerpo es bicho, es nicho, es morada, es esencia

bruta delicadeza

cuero caballo, musculo y relincho

cuero mosca, sucia ligereza

cuero cuerda, cubo y pozo: conjunto

el cuerpo es libre

cuando cae del octavo piso

el cuerpo son

todas las identidades apropiadas.

Nota

1. En portugués se dice que una mujer tiene un “*corpo violão*” cuando su cuerpo tiene curvas como una viola o una guitarra.

Canto de 8 de março

Eu canto a mim e a mil
canto mil vezes um milhão
para quebrar o silêncio pelo medo do tapa
e a angustiada escolha da roupa
canto por cada barriga contraída para a foto
canto por cada uma que foi chamada de louca
canto porque a fome e a miséria são mais nossas
canto porque nosso corpo não nos pertence
seja em terra, no ar ou levado pelas marés,
canto porque é injustiça e violência
o que nos marca, da cabeça aos pés.

contra o medo de viajar sozinha
contra o pavor de ser mãe de menininha

canto a mim e a mil e mil vezes um milhão
sou mãe, irmã, colega, esposa
desse mundo, sou metade da população
e canto
por um dia em que um dia seja só mais um dia
e toda mulher possa ser livre e feliz
com as mesmas réguas que para o homem se media

Quando cada maldade não seja mais justiçada
na mãe do filho da puta
um dia em que um dia seja só mais um dia
em que possamos entoar mais cantos de alegria
com menos motivos para cantos de luta.

Canto de 8 de marzo

Yo me canto a mí y mil
canto mil veces un millón
para romper el silencio por miedo de la bofetada
y la angustiada elección de la ropa
canto por cada panza contraída para la foto
canto por cada una que fue llamada loca
canto porque el hambre y la miseria son más nuestras
canto porque nuestro cuerpo no nos pertenece
sea en tierra, en el aire o llevado por las mareas,
canto porque es injusticia y violencia
lo que nos marca, de la cabeza a los pies.

contra el miedo a viajar solo
contra el miedo de ser madre de una niñita.

me canto a mí y a mil y mil veces un millón
soy madre, hermana, colega, esposa
de este mundo, soy la mitad de la población
y canto
por un día en que un día sea solo más un día
y cada mujer pueda ser libre y feliz
con las mismas reglas que para el hombre se medía.

Cuando cada mal ya no sea justificado
en la madre del hijo de puta
un día en que un día sea solo más un día
donde pudiéramos cantar más canciones de alegría
con menos razones para cantos de lucha.

Bizarrias

Quer saber? Eu canto
bizarra não sou eu,
bizarro é seu espanto
homem branco, cara pálida,
não é incrível que dominando
tanta parafernália
você ainda creia que minha roupa
tem de ser ditada pela minha genitália?
você pergunta que "tipo de humano" eu sou:
pois sou do tipo homo sapiens
modelo único, sabes, doutor?
se você não percebeu a minha humanidade
se na sua idade não entendeu que, assim como você
e sua mãe
eu choro, rio, amo e odeio
acredite, você faz feio...
sim senhor, doutor, eu sinto!
Pense... o que me impediria?
o fato de ser uma fêmea com pinto?
Se não fosse trágico e eu gargalharia...
mas sei o que você temeu, que a bizarria te atingisse
só que a bizarra não sou eu, é a sua cretinice,
por isso eu canto, doutor:
bizarro foi o espanto que hoje te acometeu
porque ser humano, doutor,
é algo que é tão seu
quanto meu.

Bizarrias

¿Quiere saber? Yo canto
bizarra no soy yo
bizarro es tu asombro
hombre blanco, cara pálida,
no es increíble que dominando
tanta parafernalia
tú sigas creyendo mi ropa
¿tiene que ser dictada por mis genitales?
tú preguntas qué “clase de humano” yo soy:
pues soy del tipo homo sapiens
modelo único, ¿sabes, doctor?
si no te has dado cuenta de mi humanidad
si a tu edad no has entendido que, igual que tú.
y tu madre
yo lloro, rio, amo y odio
créeme, tú haces feo ...
Sí señor, doctor, ¡yo siento!
Piensa ... ¿qué me detendría?
¿el hecho de ser mujer con polla?
Si no fuera trágico y yo me reiría ...
pero sé lo que temías, que lo bizarro te golpeará
solo que la bizarra no soy yo, es tu idiotez
por eso yo canto, doctor:
bizarro fue el asombro que hoy te impactó
porque ser humano, doctor,
es algo que es tan tuyo
como mío.

Para sua hipocrisia, com um beijo

você viu?
a guerra anda beijando a terra
explodindo criança, velho, igreja, homem, mulher
você viu?

você viu?
a ganância beijando o ambiente
desfazendo rio, planta, morro, mamífero, serpente

você viu?
a chuva beijou a família venezuelana
que na BR 174 caminhava novas trilhas
em busca de boas vistas
e, quem sabe, com comida
um novo prato...

você viu?
a miséria beijando o estômago dos meninos
e distribuindo-os pelos sinais,
vulneráveis e franzinos
você viu?

você viu?
todo dia há corpos esburacados
e buracos no asfalto e nas consciências
a violência beija as meninas
arrancando pele,
rompendo ossos
você viu?

você viu
que no hospital
a má fé dos poderosos beija a todos
com seu atraso
e em plena agonia,
sem leitos nem materiais
sobram soberbos os beijos do descaso?

você viu?
Hein? Você! Você viu?
Não me diga que você é daquelas
que só vê, se horroriza e comove
com beijos de amor gay
nas novelas.

Para tu hipocresía con un beso

¿has visto?
la guerra ha estado besando la tierra
explotando niño, viejo, iglesia, hombre, mujer
¿has visto?

¿has visto?
la avaricia besando el ambiente
deshaciendo río, planta, colina, mamífero, serpiente

¿has visto?
la lluvia besó a la familia venezolana
que en BR 174 recorría nuevos senderos
en busca de buenas vistas
y, ¿quién sabe?, con comida
un nuevo plato ...

¿has visto?
la miseria besando el estómago de los chicos
y distribuyéndolos por las señales,
vulnerables y delgadas
¿has visto?

¿has visto?
todos los días hay cuerpos llenos de baches.
y agujeros en el asfalto y en las conciencias.
la violencia besa las chicas
tirando de la piel,
rompiendo huesos
¿has visto?

¿has visto?
que en el hospital
la mala fe de los poderosos besa a todos
con su retraso
y en plena agonía,
sin camas ni materiales
¿quedan soberbios los besos del desprecio?

¿has visto?
¡Eh Tú! ¿Has visto?
No me digas que eres una de esas
que solo ve, se horroriza y se commueve
con besos de amor gay
en las telenovelas.

Sexuada

Digo sim
porque quero, porque gosto quando gozo
ninguém dono desse corpo mais que eu
digo sim na noite clara
de segunda
digo sim com minha cara e minha bunda
digo sim com meu sorriso e poesia
sou do tipo que aboliu o não pro sonho
sou do tipo que aboliu o não pra si:
se o que há é só carinho - e eu desejo -
não me nego de fartar-me, dou sem pejo
e isso é direito meu, eu bem suponho.

Se incomoda o meu querer, é por ser livre
das amarras que quiseram me meter
o meu corpo é meu inteiro e nele vive
livremente o meu sexuado ser.

Sexual

Digo sí
porque quiero, porque me gusta cuando disfruto
nadie dueño de este cuerpo excepto yo
digo que sí en la noche clara
de lunes
digo sí con mi cara y mi culo
digo sí con mi sonrisa y poesía.
soy del tipo que abolió el no por el sueño.
soy del tipo que abolió el no para si:
si solo lo que hay es cariño - y yo deseo -
no me niego a estar satisfecha, soy sin vergüenza
y eso es derecho mío, yo bien lo supongo.

Si molesta mi querer, es por ser libre
de los lazos que querían meterme
mi cuerpo es mío entero y en él vive
libremente mi ser sexual.

Helena Parente Cunha



Helena Parente Cunha

Corpo no cerco

os quatro pontos do globo
os quatro cantos do céu
as quatro esquinas do quarto
o corpo todo travado
no olhar cicatrizado

nas mãos as chaves
oxi (sol)dadas
onde as portas
(de sair aonde?)
onde o norte
só desnorte
mais o leste sem oeste

os meus membros quatro exatos
quatro minhas as paredes
cerco do corpo no quarto
meu corpo cortado em quatro

(In: *Corpo no cerco*, 1989)

Cuerpo en el cerco

los cuatro puntos del globo
las cuatro esquinas del cielo
las cuatro esquinas de la habitación
el cuerpo todo bloqueado
en la mirada cicatrizada

en las manos las llaves
oxi (sol) dadas
donde las puertas
(¿de salir adonde?)
donde el norte
sólo desnorte
más el este sin oeste

mis miembros cuatro exactos
cuatro mis paredes
cerco del cuerpo en el cuarto
mi cuerpo cortado en cuatro

(In: *Corpo no cerco*, 1989)

Brinquedo

No rosto de louça
da gueixa
o mesmo sorriso
da boneca japonesa
que eu esqueci
numa orla da infância.

Um sorriso pequenino
e difícil
que se cerca ao avançar
apesar do convite.

Tristeza de criança sem brinquedo?
Criança brincando em tristeza?

(In: *o outro lado do dia (Poemas de uma viagem ao Japão, 1995)*

Juguete

En el rostro de porcelana
de la geisha
la misma sonrisa
de la muñeca japonesa
que he olvidado
en una orilla de la infancia.

Una sonrisa pequeñita
y difícil
que se acerca al avanzar
a pesar de la invitación.

¿Tristeza de niña sin juguete?
¿Niña jugando en tristeza?

(In: *o outro lado do dia (Poemas de uma viagem ao Japão, 1995)*

Mona Lisa (1)

Para Consuelo Pondé de Senna

O olhar da Mona Lisa
desvenda ausências e silêncios
mas não me diz
os porquês do casulo
onde existo
entre meu grito
e o chão

(In: *Cantos e cantares*, 2005)

Mona Lisa (1)

Para Consuelo Pondé de Senna

La mirada de la Mona Lisa
desvela ausencias y silencios
pero no me dice
los porqués del capullo
donde existo
entre mi grito
y el suelo

(In: *Cantos e cantares*, 2005)

Pranto 50

Finalmente as prostitutas
quiseram recomeçar
o ofício do prazer
os bicos dos seios delas
resumidos
a duas duras cicatrizes

Mas o sexo
ah o sexo
arfante flor
de pétalas
eletrocutadas

(In: *Hora de fogo. Poemas em combustão*, 2017)

Llanto 50

Finalmente las prostitutas
quisieron recomenzar
el arte del placer
los pechos de sus senos
resumidos
a dos duras cicatrices

Pero el sexo
ah el sexo
palpitante flor
de pétalos
electrocutados

(In: *Hora de fogo. Poemas em combustão*, 2017)

Pranto 51

As meninas brincavam de roda
e roda-cantavam-indo-e-vindo
e canta-rodavam-de-mãos-dadas
a mão direita tem granadas
a mão direita tem granadas
explodirão
na primavera

na primavera

(In: *Hora de fogo. Poemas em combustão*, 2017)

Llanto 51

Las muchachas jugaban de rueda
y rueda-cantaban-yendo-y-viniendo
y canta-rodaban-de-manos-dadas
la mano derecha tiene granadas
la mano derecha tiene granadas
explotarán
en la primavera

en la primavera

(In: *Hora de fogo. Poemas em combustão*, 2017)

Leda Miranda Hühne



Leda Miranda Hühne

AGONIA	AGONÍA¹
COM MACHADINHA DOS SONHOS FAÇO PICADINHO SOPRO AOS VENTOS	CON EL HACHA DE LOS SUEÑOS HAGO ESTOFADO SOPLO A LOS VIENTOS
GOLPES VOU DANDO ATÉ AS NUVENS PISANDO NOS FLOCOS ALGODOADOS	GOLPES VOY DANDO HASTA LAS NUBES PISOTEANDO EN COPOS DE ALGODÓN
ASSO NA FRIGIDEIRA VELHAS TRADIÇÕES FLECHAS A FERIR ASAS DOS MEUS VOOS	HORNEO EN LA SARTÉN VIEJAS TRADICIONES FLECHAS A HERIR ASAS DE MIS VUELOS
NA AREIA DESERTA CARCAÇA OSSOS ESFARINHADOS TURVA ENCENAÇÃO	EN LA ARENA DESIERTA CARCASA HUESOS ENHARINADOS TURBIAACTUACIÓN
NA TELA BRANCA ENCONTRO PAZ	EN EL LIENZO BLANCO ENCUENTRO PAZ

Nota

1. Mantivemos os poemas em Caixa alta, como na versão original. Mantuvimos los poemas con letras mayúscula, como en la versión original.

DESVARIO

NAQUELE TELEFONE PRETO
UM PAPAGAIO
BICA O SEIO
DEIXA FERIDAS

NAQUELE TELEFONE PRETO
UM DEMÔNIO
SE DECLARA
APUNHALANDO CORAÇÃO

NAQUELE TELEFONE PRETO
UM ANJO
EXTERMINADOR
CLAMA REDENÇÃO

DESVARÍO

EN AQUEL TELÉFONO NEGRO
UN PAPAGAIO
BICA EL SENO
DEJA FERIDAS

EN AQUEL TELÉFONO NEGRO
UN DEMONIO
SE DECLARA
APUÑALANDO EL CORAZÓN

EN AQUEL TELÉFONO NEGRO
UN ÁNGEL
EXTERMINATOR
CLAMA REDENCIÓN

SEGREDO

A SOMBRA QUE ME GUIA
UM DEUS IMENSO
NÃO QUER SER VISTO

SURDO NO SEIO DA CAVERNA
APESAR DOS CANTOS VIOLENTOS
GRITOS APELANTES

SURDO NO SEIO DA CAVERNA
APESAR DAS CENAS AVILTANTES
A TRUNCAR CORPOS E RAÍZES

REZO AGUARDO TRANCO DENTES
ESPERO CHAMAS DE LUZ
NEM SANTO NOS GUIA

UM DEUS IMENSO
NÃO QUER SER VISTO
SE ESCONDE NA SOMBRA

SECRETO

LA SOMBRA QUE ME GUÍA
UN DIOS IMENSO
NO QUIERE SER VISTO

SORDO EN EL SEÑO DE LA CUEVA
APESAR DE LOS CANTOS VIOLENTOS
GRITOS RECURRENTES

SORDO EN EL SEÑO DE LA CUEVA
APESAR DE LAS CENAS INFAMANTES
QUE TRUNCA CUERPOS Y RAÍCES

REZO AGUARDO APRIETO DIENTES
ESPERO LLAMAS DE LUZ
NI SANTO NOS GUÍA

UN DIOS IMENSO
NO QUIERE SER VISTO
SE OCULTA EN LA SOMBRA

SAUDADE

A PAISAGEM SURGE EM TOM ESTONTEANTE
PINCELADAS DE UM DEUS INVISÍVEL
FLORES ACESAS FAISCANDO ÀS BARRAS DO SOL
AVES E INSETOS EM ÓRBITAS SIDERAIS
E A TUA AUSÊNCIA EXPLODE ETERNIDADE
NAS ESFERAS INCANDESCENTES DO COSMO

DE REPENTE A IMAGEM COMEÇA A FICAR
SEM RELEVO O FEL DA SAUDADE AMARGA
TUDO SE TRANSFORMA EM FAIXA LISTRADA
SOMBRA DO PASSADO SE AVOLUMAM
CINZAS FUMAÇA DE REPENTE LUZ SE IMPÕE
IMAGEM PASSA A FICAR EMOLDURADA

NOSTALGIA

EL PAISAJE SURGE EN TONO ASOMBROSO
PINCELADAS DE UN DIOS INVISIBLE
FLORES ACESAS CHISPANDO A LAS BARRAS DEL
[SOL
AVES E INSECTOS EN ÓRBITOS SIDERALES
Y TU AUSENCIA EXPLOTA ETERNIDAD
EN LAS ESFERAS INCANDESCENTES DEL COSMO

DE REPENTE LA IMAGEN COMIENZA A QUEDAR
SIN RELIEVE EL HIEL DE LA NOSTALGIA AMARGA
TODO SE CAMBIA EN BANDA RAYADA
SOMBRA DEL PASADO SE AGUDIZAN
CENIZAS HUMO DE REPENTE LUZ SE IMPONE
IMAGEN PASA A QUEDARSE ENMARCADA

DESPRIMOR

SE NEM ME COMPROMETO
COM BRILHAÇOS DE MODA
SE NEM LIGO PROS FIOS
DA CABEÇA ACINZENTADOS
ROUPA AMARFANHADA
CHAPÉU ROXO CARA LISA

NA ESCADA ROLANTE ROLO
ROLO SHOPPING CALMAMENTE
DESFILO DE SALTO ALTO
MEIA GROSSA FACE OLHOS
ESBUGALHADOS SEM NADA
SABER DO MURO E A NUDEZ

DESPRIMOR

SI NO ME COMPROMETO
CON BRILLONES DE MODA
SI NO ME IMPORTO CON LOS HILOS
DE LA CABEZA GRIS
ROPA ARRUGADA
SOMBRERO ROJO CARA LISA

EN LA ESCALERA ROLANTE ROLLO
ROLLO SHOPPING CALMAMENTE
DESFILO DE TACONES ALTOS
MEDIA GRUESA HACE OJOS
SALTONES SIN NADA
SABER DEL MURO Y LA DESNUDEZ



Maria Lúcia Dal Farra



Maria Lúcia Dal Farra

Definição imprópria¹

Não sei palavra mais perto do silêncio:
cílico.

Rasgo de boca cava sobre o interdito
limiar onde o céu é inferno gozoso
e a carne se vai vergando em espírito.

A dor dispõe nela de vogais iradas
(ásperas, monocórdias)
mas hinos de catecismo se impõem
domesticando a letra com fervor de ritmo.

Embora sibilante, tem natureza velada –
o arame farpado da testa de Cristo
escorrega até minha cintura (sem alarde)
por baixo do vestido
e o prodígio consiste apenas nesta coisa simples:
em eu ser eu, sendo no entanto outra.

Não sei palavra mais perto do silêncio:
feminino.

Nota

¹As versões em espanhol de “Definição imprópria” e dos dois poemas com título “Mulher” foram feitas por Mercedes Gómez Almeida.

Definición impropia¹

No conozco palabra más cercana a silencio:
cilicio.

Rasgo de boca cava sobre lo prohibido
umbral donde el cielo es infierno gozoso
y la carne se va convirtiendo en espíritu.

El dolor dispone en ella de vocales airadas
(ásperas, monocordes)
pero himnos de catecismo se imponen
domesticando la letra con fervor de ritmo.

Aunque silbante, tiene naturaleza velada -
el alambre de espinos de la frente de Cristo
resbala hasta mi cintura (sin alarde)
por debajo del vestido
y el prodigo consiste en algo tan sencillo como
ser yo siendo, sin embargo, otra
No conozco palabra más cercana a silencio:
femenino.

Nota

1. Las versiones en español de "Definição imprópria" y de los dos poemas con título "Mulher" han sido hechas por Mercedes Gómez Almeida.

A fábula

A Cleide S. Yasoshima

Que faz esta mulher nua
em meio ao adormecido leão,
à raposa
(que zela pelo frasco)
aos dois ambíguos flamingos
– diante da escuridão de uma floresta
que se empenha em escondê-los?
De que fábula emerge ela?

Arbitrária,
a luz
(sem qualquer estímulo real)
protege-a e a destaca dos outros,
de maneira que
apenas ela caminha em direção ao espectador
(deslocada)

– ela própria em busca de uma explicação.

(In: *Alumbramentos*, 2012)

La fábula

A Cleide S. Yasoshima

Qué hace esta mujer desnuda
en medio del león adormecido,
del zorro
(que vela por el frasco)
de los dos ambiguos flamencos
– delante de la oscuridad de un bosque
que se empeña en esconderlos?
¿De qué fábula surge ella?

Arbitraria,
la luz
(sin ningún estímulo real)
la protege y la resalta de los demás,
de manera que
solo ella camina hacia el espectador
(desplazada)

– ella misma en busca de una explicación.

(In: *Alumbramientos*, 2012)

Mulher com chapéu de boá e plumas

O aparato de elegância
tem por fito dissimulá-la. Ninguém
a enxerga por baixo da beleza negra das peles
das plumas
das volutas com que se camufla. Mesmo os cílios
(de tal maneira frondosos)
diante do espelho
lhe toldam
(até mesmo)
o olhar.

(In: *Livro de possuídos*, 2002)

Mujer con sombrero y boa de plumas

El aparato de elegancia
tiene como objetivo disimularla. Nadie
la percibe bajo la negra belleza de las pieles
de las plumas
de las volutas con que se camufla. Incluso las pestañas
(frondosas sobremanera)
delante del espejo
le cubren
(incluso)
la mirada.

(In: *Livro de possuídos*, 2002)

Mulher

Ela abre as pernas
para mostrar (a quem ainda ignorar)
que ali há uma flor.
Trabalhada carne a carne

esculpida pétala a pétala em fricção em ritmos desencontrados -
todos os insetos do mundo a atacam no seu cerne.
O pólen há muito abelhas recolhem com estupefaciente langor
e os estames murchos

quase em nada lembram a antiga seiva que os fazia saltar para a
vida.

Ela reúne em si a inteira miséria - por isso tão bela e pura:
puta.

Mujer

Ella abre las piernas
para mostrar (a quien aún ignora)
que allí hay una flor. Trabajada carne a carne

esculpida pétalo a pétalo en fricción en ritmos discordantes -
todos los insectos del mundo
la atacan en su cerne.
Hace mucho que las abejas recogen el polen con languidez
estupefaciente
y los estambres marchitos

en casi nada recuerdan la antigua savia que los hacía saltar hacia la
vida.

Ella reúne en sí la miseria íntegra - por eso tan bella y pura:
puta.

Mulher

Venho da terra, da variação dos nomes
– cores se entrelaçando.

A montanha se ateia imóvel. Do lado de lá do século
pairam ternuras.

Um corpo esvoaça no ar: sou eu que me alcanço –
letreiro luminoso de fita antiga,
fervor de procissão na adolescência. Um forde passa
e treme as estrelas. Os postes
tiritam um morse,
as coisas se acalentam morosas e o quitandeiro da esquina
pinga a rudeza da mão sobre a maçã.

Santos se aquecem nas velas. O fogo votivo
palpita a casa e a mesa está posta
para a ceia.

Desço como quem comunga o pão, mas irrequieta
não sento; deixo apenas que entrem todos na minha luz
e me espelho sobre telhados, avenidas, postos de gasolina
– estou entre os tetos e a noite.

A crista do catavento corta meu peito esquerdo
e as taças se apinham de vinho para o brinde
em que me reparto.

Mujer

Vengo de la tierra, de la variación de los nombres
– colores entrelazándose.

La montaña se prende inmóvil. Del otro lado del siglo
planean ternuras.

Un cuerpo revolotea en el aire: soy yo alcanzándome –
letrero luminoso de una película antigua,
fervor de procesión en la adolescencia. Un ford pasa
y hace temblar las estrellas. Los postes tiritan un morse,
las cosas se calman morosas y el tendero de la esquina
gotea la rudeza de su mano sobre la manzana.
Santos se calientan en las velas. El fuego votivo
estremece la casa y la mesa está puesta
para la cena.

Desciendo como quien comparte el pan, pero inquieta
no me siento; solo dejo que entren todos en mi luz
y me esparzo sobre tejados, avenidas, gasolineras
– estoy entre los techos y la noche.

La cresta de la veleta corta mi pecho izquierdo
y las copas se llenan de vino para el brindis
en que me reparto.

Mariia Kubota



Marilia Kubota

(p / sabrina)

nada em vão
mais uma semente
velas ao vento

(p/sabrina)

nada en vano
más una semilla
velas al viento

Chuva negra

cartas
para a criança órfã
cruzam o oceano

sangue de mulheres
escorre chuva ácida
na fumaça de cigarro

tigelinhos de arroz
não apagam incensos
diante de túmulos

Lluvia negra

cartas
para el niño huérfano
cruzan el océano

sangre de mujeres
escurre lluvia ácida
en el humo de cigarrillo

tacitas de arroz
no borran inciensos
delante de las tumbas

Sinal amarelo

o amor parou
no sinal amarelo
por minhas avós
por minha mãe
por minhas irmãs
com um grito
na noite
interminável
ninguém veio

era amor ?
ou ódio

meninas
e mulheres

até hoje ouço
suas vozes

ensurdecida

Señal amarilla

el amor se paró
en la señal amarilla
por mis abuelas
por mi madre
por mis hermanas
con un grito
por la noche
interminable
nadie vino

era amor?
o odio

niñas
y mujeres

hasta hoy oigo
sus voces

ensordecida

Só as mulheres

só as mulheres, agora:
um elefante incomoda muita gente
quanto detergente limpa a fúria do gigante ?
quantas vozes aumentam o volume
do coral que protesta contra a infame
assepsia mais-valia ?
quantas perguntas enchem esvaziam
dias noites esmagados
fome sede terror calado
cantem só as mulheres
ao nascer são só mulheres
cantem só as mulheres
ao crescer são só mulheres
cantem só as mulheres
ao morrer são só mulheres
a guerra não é de vocês
não é para vocês
é contra vocês
não gerarão nem os filhos
cantem só as mulheres
em breve não se ouve
a voz mais fina

Sólo las mujeres

sólo las mujeres, ahora:
un elefante molesta a mucha gente
¿Cuánto detergente limpia la furia del gigante?
cuántas voces aumentan el volumen
del coral que protesta contra la infame
asepsia plusvalía?
cuántas preguntas llenan vacían
días noches aplastadas
hambre sed terror calado
canten sólo las mujeres
al nacer son sólo mujeres
canten sólo las mujeres
al crecer son sólo mujeres
canten sólo las mujeres
al morir son sólo mujeres
la guerra no es de ustedes
no es para ustedes
es contra ustedes
no generarán ni los hijos
canten sólo las mujeres
en breve no se oye
la voz más fina

Não abra a porta

se tudo que quer
é morder os lábios
não abra a porta
se o que deseja
é estufar o estômago
a voz arroto
olhos grandes demais
orelhas caem
não abra a porta
se tudo que quer
é calar a boca
de menina
de mulher
tua história
conto de fada

No abra la puerta

si todo lo que quiere
es morder los labios
no abra la puerta
si lo que desea
es estropear el estómago
la voz eructo
ojos demasiado grandes
orejas caen
no abra la puerta
si todo lo que quiere
es callar la boca
de niña
de mujer
tu historia
cuento de hadas



Marize Castro



Marize Castro

mulheres se matam porque cansaram do cheiro do açafrão.
e vivem molhadas. medonhas. invadidas de poesia e pedra.
mulheres viram pássaros
porque do alto têm a certeza que serão salvas.
de lá, contemplam o mundo.
escrevem livros. constroem casas. parques. elipses.
pintam quadros. dão aula. vão para o palco.
dirigem carro. motocicleta.
leem homero. dante. vieira. camões. platão. pessoa.
são crianças e desejam o inferno.
depois o céu. e novamente o inferno.
andarilhas, herdam vestígios.
e são preciosas. perfumadas.
olham dentro dos olhos dos peixes
e os retiram da água para serem seus companheiros.
planetas delicados são as mulheres.
engravidam de balões. de profundidades.
sentem cólicas. a placenta rompe. o útero se revira.
os ovários se mantêm em segredo. preenchidos.
mulheres choram nas tardes de chuva.
andam de ônibus e são olhadas.
adornam-se de arbustos.
toram-se perigosas. camufladas.
com leite derramando da alma.
têm tetas. asas.
dívidas. agendas. mapas. bússolas. dor.
aprenderam a ouvir o canto do homem com a língua de madeira.
são antigas. milenares. pertencem a templos.
consultam oráculos. fazem preces ajoelhadas.
oram pela felicidade do mundo e têm certezas guardadas.
mulheres são alquimistas: transformam topázio em esmeralda.
esmeralda em safira. safira em rubi. rubi em ametista.
ametista em orvalho. orvalho em anêmona. anêmona em girassol.
girassol em cassidônia. cassidônia em ágata.
ágata em nave. nave em águia. águia em águia.
mulheres cortam os pulsos. abrem o gás. caem de edifícios.
sobem montanhas. andam de bicicleta. barco. avião.
sentem medo. atravessam paredes.
e se tornam metáforas. anáforas. foguetes.
(In: *poço. festim. mosaico*, 1996)

las mujeres se matan porque se cansaron del olor del azafrán.
y viven mojadas. nefastas. invadidas de poesía y piedra.
mujeres se transforman en pájaros
porque de lo alto están seguras de que serán salvas.
de allí, contemplan el mundo.
escriben libros. construyen casas. parques. elipses.
pintan cuadros. dan clases. se van al escenario.
conducen el coche. motocicleta.
leen homero. dante. vieira. camões. platón. pessoa.
son niñas y desean el infierno.
después el cielo. y de nuevo el infierno.
caminantes, heredan vestigios.
y son preciosas. fragantes.
miran dentro de los ojos de los pescados
y los sacan del agua para ser sus compañeros.
planetas delicados son las mujeres.
quedan embarazadas. de profundidades.
sienten cólicos. la placenta rompe. el útero se vuelve.
los ovarios se mantienen en secreto. llenos.
las mujeres lloran en las tardes de lluvia.
se van en autobús y son miradas.
se adornan de arbustos.
se vuelven peligrosas. camufladas.
con leche derramado del alma.
tienen tetas. alas.
deudas. agendas. mapas. brújulas. dolor.
aprendieron a oír el canto del hombre con la lengua de madera.
son antiguas. milenarias. pertenecen a los templos.
consultan oráculos. hacen oraciones arrodilladas.
oran por la felicidad del mundo y tienen certezas guardadas.
las mujeres son alquimistas: transforman el topacio en esmeralda.
esmeralda en zafiro. zafiro en el rubí. rubí en amatista.
amatista en rocío. rocío en anémona. anémona en girasol.
girasol en casidonia. casidonia en ágata.
ágata en nave. nave en águila. águila en águila.
las mujeres cortan las muñecas. abren el gas. caen de edificios.
suben montañas. montan en bicicleta. barco. avión.
sienten miedo. cruzan paredes.
y se convierten en metáforas. anáforas. cohete.

(In: *poço. festim. mosaico*, 1996)

não escrevo como mulher porque não sou mulher.
sou um destroço que boia. um relato lendário.
alguém que tem a dor nas mãos e negrumes secretos no sexo.
estou secando e ouço gritos.
uma desesperada louçã se anuncia:
– o melhor do mundo é não viver nele.

em um escabelo sento a contemplar uma sede sem fim.

mrs. dalloway, você está aí?
senhora d., posso chorar ao seu lado?
euricléia, quando eu voltar você me lavará os pés?
sra. ramsay, então o farol é isso, só isso?

em contínua tristeza os forasteiros vivem.

hoje dormi com batom nos lábios.
o cansaço era tanto que esqueci que também sou homem.
e não cango. e não choro. nunca.
deslindo-me e me desarrumo porque sou gaveta.
telhado. quase cratera. olhicerúlea.

ah, teseu, qual o tesouro secreto que o pai te revelou?
hades me quer. eu digo não. ainda não.
é urgente falar com tirésias.
ir de uma ponta a outra do tâmisa. sozinha.
com uma alegria insuportável.

em mim, femíneos simulacros:
macabéa, qual o tamanho da solidão dos domingos?
blanche, também já dependi da bondade de estranhos.
cabíria, você me ouve?
choro contigo o sentimento trágico da vida.
clitemnestra assassinou cassandra.
mesmo assim eu a amo.
amo as arestas. o que é subterrâneo:
plutão. dioniso. osíris.

estou respirando e tudo é silêncio.
não deslembro mais. simulo.
já sou pélago.
poço. festim. mosaico.

esmerada forma de arder.

(In: *poço. festim. mosaico*, 1996)

no escribo como mujer porque no soy mujer.
soy un destrozo que flota. un relato legendario.
alguien que tiene dolor en las manos y negruras secretas en el sexo.
estoy secando y oigo gritos.
una bella desesperada se anuncia:
– lo mejor del mundo es no vivir en él.

en un escabellón siento a contemplar una sed sin fin.

sra. dalloway, ¿estás ahí?
señora d., puedo llorar a su lado?
euriclea, cuando yo vuelva usted me lavará los pies?
sra. ramsay, entonces el faro es eso, sólo eso?

en continua tristeza los forasteros viven.

hoy dormí con pintalabios en los labios.
el cansancio era tanto que olvidé que también soy hombre.
y no cансo. y no lloro. nunca.
me aclaro y me desarrumo porque soy cajón.
tejado. casi cráter. olhicerúlea.

¿ah, teseo, cuál es el tesoro secreto que el padre te reveló?
hades me quiere. yo digo no. todavía no.
es urgente hablar con tirésias.
ir de una punta a otra del támesis. sola.
con una alegría insoportable.

en mí, los femeninos simulacros:
macabeá, ¿qué tamaño de la soledad de los domingos?
blanche, también ya dependí de la bondad de extraños.
cabíria, ¿me oye?

lloro contigo el sentimiento trágico de la vida.
clitemnestra asesinó a cassandra.
sin embargo yo la amo.
amo los bordes. lo que es subterráneo:
pluton. dionisio. osiris.

estoy respirando y todo es silencio.
no desrecordo más. simulo.
ya soy pélago.
pozo. fiesta. mosaico.
esmerada forma de arder.

(In: *poço. festim. mosaico*, 1996)

Inteira

Iluminada por oráculos
alimento anjos com asas quebradas.

Não é de vendaval que eu preciso
mas da língua do amor guardada à beira-mar.

Não entendo de círios
mas de verões e sargaços bailarinos.

Acolhida pela província
arrisco-me a enlaçar orquídeas em árvores.

Sempre sofri.
Sempre tive febre.
Sempre estive inteira em todos os infernos.
Nunca quis ser abandonada.
Mas aprendi a perder.

O naufrágio me ensinou a ternura dos afogados.

(In: *Esperado ouro*, 2005)

Entera

Iluminada por oráculos
alimento ángeles con alas rotas.

No es de vendaval que yo necesito
pero de la lengua del amor guardada a la orilla del mar.

No entiendo de cirios
pero de veranos y sargazos bailarines.

Acogida por la provincia
me arriesgo a enlazar orquídeas en árboles.

Siempre he sufrido.
Siempre he tenido fiebre.
Siempre estuve entera en todos los infiernos.
Nunca quise ser abandonada.
Pero aprendí a perder.

El naufragio me enseñó la ternura de los ahogados.

(In: *Esperado ouro*, 2005)

Cássia. Janis. Nina.

Deliciosas mortas cantam nesta casa.
O delicado espelho revela
o que se apagou por hipocrisia
acidez
babaquice
indulgência
horror.
Deveríamos vir aqui mais vezes
neste lugar onde a gentileza
é uma montanha que desmorona
e se ergue a cada festa
devolvendo aos olhos do mundo
o pequeno-grande sol
– seu primeiro filho.
Somente aqui
(não mais em nenhum outro lugar)
deliciosas mortas reinventam
a vida.

(In: *A Mesma Fome*, 2016)

Cássia. Janis. Nina.

Deliciosas muertas cantan en esta casa.

El delicado espejo revela
lo que se apagó por hipocresía
acidez
mierda
indulgencia
horror.

Deberíamos venir aquí más veces
en este lugar donde la gentileza
es una montaña que desmorona
y se alza a cada fiesta
regresando a los ojos del mundo
el pequeño gran sol
– su primer hijo.

Sólo aquí
(no más en ningún otro lugar)
las deliciosas muertas reinventan
la vida.

(In: *A Mesma Fome*, 2016)

Faminta

Estou sem comer
e permaneço à margem
fazendo o que dizem ser pequenas coisas:
alimentar e vermifugar cães e gatos
regar plantas
orientar podas de árvores.
Estou sem comer
e resisto.
Em uma nação semidestruída
a palavra do perverso governante ecoa
(multidões se dão as mãos
e lhe dizem não)
cisnes transfiguram-se em furiosas fêmeas
e a hipocrisia ainda cínica
sepulta a flor.
Inacabada e faminta permaneço:
nébulas de granito servem-me
de cama.

(In: *A Mesma Fome*, 2016)

Hambrinta

Estoy sin comer
y permanezco al margen
haciendo lo que dicen ser pequeñas cosas:
alimentar y desparasitar perros y gatos
regar plantas
orientar podas de árboles.
Estoy sin comer
y resisto.
En una nación semidestruida
la palabra del perverso gobernante resuena
(multitudes se dan las manos
y le dicen no)
cisnes se transfiguran en furiosas hembras
y la hipocresía aún cínica
sepulta la flor.
Inacabada y hambrinta permanezco:
nébulas de granito me sirven
de cama.

(In: *A Mesma Fome*, 2016)

Noélia Ribeiro



Noélia Ribeiro

Aqueles eles

Porque aparecem como alazões
de crinas douradas atraindo
o olhar de amazonas ávidas,

acreditamos neles.

Porque batem à porta como
cãezinhos esfomeados lambendo
os pés de mães e filhas,

acreditamos neles.

Porque adentram nossa casa
como ursos pelosos afastando
o inverno da solidão,

acreditamos neles.

Quando deles emerge o monstro
de gigantescas patas que nos violenta
o corpo e a humanidade,

ninguém acredita em nós.

Aquellos ellos

Porque aparecen como alazanes
de crines doradas atrayendo
la mirada de amazonas ávidas,

creemos en ellos.

Porque golpean a la puerta como
perritos hambrientos lamiendo
los pies de madres e hijas,

creemos en ellos.

Porque adentran nuestra casa
como los osos peludos alejando
el invierno de la soledad,

creemos en ellos.

Cuando de ellos emerge el monstruo
de gigantescas patas que nos violenta
el cuerpo y la humanidad,

nadie cree en nosotros.

Diferença lunar

Vai.

Leva os ternos, as taças, os quadros,
os papéis, as aplicações e as explicações;
tudo que me desconstrua.

Não me completa quem não olha pra lua.

Diferencia lunar

Ve.

Lleva los trajes, las copas, los cuadros,
los papeles, las aplicaciones y las explicaciones;
todo lo que me desconstruya.

No me completa quien no mira la luna.

Questão de gênero

Batom violeta
Lápis à prova d'água
Cílios postiços
Sombra metalizada

Na bolsa,
figa, santinho, fita do Bonfim
e uma faca bem afiada

Cuestión de género

Batón violeta
Lápiz a prueba de agua
Pestañas postizas
Sombra metalizada

En la bolsa,
higa¹, santito, cinta del Bonfim²
y un cuchillo bien afilado

Nota

1 Es una seña que se hace con la mano colocando el pulgar entre el índice y el dedo del medio que significa protección y suerte.

1 La "fita de Bonfim" es un amuleto típico de Bahia. Debe ponerse la cintita en la muñeca haciendo un pedido para cada nudo que se haga. Hay que esperar que la "fita de Bonfim" caiga sola, para que los deseos puedan realizarse.

Crime passionnal

Antes de apertar o gatilho
e chorar sobre meu corpo ainda quente,
tome um café com leite na padaria ao lado
e leia na pliqueta atrás do servente:
Sorria. Você está sendo filmado.

Crimen pasional

Antes de apretar el gatillo
y llorar sobre mi cuerpo todavía caliente,
tome un café con leche en la panadería al lado
y lea en la placa detrás del sirviente:
Sonría. Usted está siendo filmado.

Até quando?

eu
tu
ela
nós sem
voz
ELES

¿Hasta cuando?

yo
tu
ella
nosotros sin
voz
ELLOS

Raquel Naveira



Raquel Naveira

Cicatriz

Impressa para sempre
Uma cicatriz,
Uma marca,
Uma fibra
Acima do olho.

Nem sei como foi,
O que fiz:
Uma queda,
Um delírio,
O fio cortante
De sangue
Até a raiz.

Algo me empurrou contra a parede:
Uma força,
Um descuido,
Uma palavra infeliz.

E agora
O que estava dentro de mim,
Oculto,
Virou traço exposto
Em meu rosto,
Um dano,
Que me aperta a alma
E a cerviz.

Será duradoura
A lembrança
De tanta ofensa,
De tanta afronta
Que recebo do mundo
E que me têm tornado infeliz.

O tempo tirará a dor,
Firmará a chaga,
Eu sei,
Seca, seca,
Ficará a cicatriz.

Cicatriz

Impresa para siempre
Una cicatriz,
Una marca,
Una fibra
Encima del ojo.

No sé cómo fue,
Lo que hice:
Una caída,
Un delirio,
El hilo cortante
De sangre
Hasta la raíz.

Algo me empujó contra la pared:
Una fuerza,
Un descuido,
Una palabra infeliz.

Y ahora
Lo que estaba dentro de mí,
Oculto,
Se volvió trazado expuesto
En mi rostro,
Un daño,
Que me aprieta el alma
Y la cerviz.

Será duradero
El recuerdo
De tanta ofensa,
De tanta afrenta
Que recibo del mundo
Y que me han hecho infeliz.

El tiempo quitará el dolor,
Firmará la llaga,
Yo sé,
Seca, seca,
Se quedará la cicatriz.

O homem disse que matou por amor

O amor está ao lado da morte,
Como unha e carne,
Raiz e terra,
Gengiva e dente.

O amor está ao lado da morte,
Como em Romeu e Julieta,
Nas óperas,
Em festas de vampiro.

O amor está ao lado da morte
Na poesia romântica,
No teatro trágico,
Na pintura cênica.

Quatro tiros explosivos:
Beijos no rosto,
Flores de hemorragia.

O homem disse que matou por amor,
Não havia espaço para os dois no mundo,
Gigante, o ciúme preenchia tudo.

O homem disse que matou por amor,
Não havia outro modo de escapar à loucura,
Terrível a vontade de fazê-la escrava.

O homem disse que matou por amor,
Não havia outro jeito de se saciar dela,
Imensa a fome de antropófago.

O homem não morreu por amor,
Vingou-se,
Libertou demônios,
Bebeu um mel sádico.

O homem não morreu por amor,
Pisou a mulher,
Seu peito,
Como se fosse pasto.

O homem não morreu,
Disse que matou por amor,
Amor cego,
Projetado no abismo
Do ódio e da paixão.

El hombre dice que mató por amor

El amor está al lado de la muerte,
Como la uña y la carne,
Raíz y tierra,
Encías y dientes.

El amor está al lado de la muerte,
Como en Romeo y Julieta,
En las óperas,
En las fiestas de vampiro.

El amor está al lado de la muerte
En la poesía romántica,
En el teatro trágico,
En la pintura escénica.

Cuatro disparos explosivos:
Los besos en el rostro,
Flores de hemorragia.

El hombre dijo que mató por amor,
No había espacio para los dos en el mundo,
Gigantes, los celos llenaban todo.

El hombre dijo que mató por amor,
No había otro modo de escapar a la locura,
Terrible la voluntad de hacerla esclava.

El hombre dijo que mató por amor,
No había otra manera de saciarse de ella,
Inmensa el hambre de antropófago.

El hombre no murió por amor,
Se vengó,
Liberó a demonios,
Bebió una miel sádica.

El hombre no murió por amor,
Pisó a la mujer,
Su pecho,
Como si fuera pasto.

El hombre no murió,
Dijo que mató por amor,
Amor ciego,
Diseñado en el abismo
Del odio y de la pasión.

Bolo de casamento

A massa levou trigo,
Ovos e sonhos,
Fermentou dourada
No fogo brando da ilusão.

Cobriu-se a massa
Com neves de chantilly,
Com rendas de clara,
Com rosas de cristal.

Alguém lembrou de pombos,
Daqueles que marcam encontro na tarde azul.

Alguém lembrou de alianças,
Metades de uma mesma lua.

Alguém lembrou de bonecos,
De gesso, simulando os noivos.

Fim do casamento:
Sobre as migalhas do bolo
Jaz a pequena estatueta
Partida ao meio.

Torta de boda

La masa llevó trigo,
Huevos y sueños,
Fermentó dorada
En el fuego suave de la ilusión.

Se cubrió la masa
Con las nieves de chantilly,
Con encajes de clara,
Con rosas de cristal.

Alguien recordó las palomas,
De aquellos que marcan encuentro en la tarde azul.

Alguien recordó alianzas,
Mitades de una misma luna.

Alguien recordó a los muñecos,
De yeso, simulando los novios.

Fin de la boda:
Sobre las migas de la torta
haz la pequeña estatuilla
Rota al medio.

Lágrima

Quando a lágrima é de dor,
De punhal,
De corte,
De estertor e fúria,
Tem um sabor amargo,
Que torna a alma calcinada,
Indigna de flor.

Lágrima

Cuando la lágrima es de dolor,
De puñal,
De corte,
De estertor y furia,
Tiene un sabor amargo,
Que hace el alma calcinada,
Indigna de flor.

Tem dias

Tem dias assim,
Em que o sapato dói,
A espinha de algum peixe
Arranha a garganta,
A angústia rói:
Rata no escuro.

Tem dias assim,
De constrangimentos,
Socos,
Camisas suadas,
Camas que rangem.

Tem dias assim,
Em que se teme
O destino traçado
Por bárbaras estrelas.

Resta o consolo
De afogar soluços
Nas fronhas do travesseiro.

Hay días

Hay días así,
En el que el zapato duele,
La espina de alguno pescado
Rasca la garganta,
La angustia ríe:
Rata en la oscuridad.

Hay días así,
De restricciones,
Punzones,
Camisas sudadas,
Camas que crujen.

Hay días así,
En qué se teme
El destino trazado
Por bárbaras estrellas.

Resta el consuelo
De ahogar hipó
En las fundas de la almohada.



Renata de Castro



Renata de Castro

Ofício

O que faz um artesão com madeira?
Ele talha.
Você é artesão e eu, madeira.
O que sempre fez comigo?
Me talhou.
Me cortou.
Arrancou pedaços.
Queria uma obra.

Resultado: amorfa, sou eu depois de seu trabalho.
Por que fui ser madeira?
Menos doloroso se eu fosse barro.

(In: *O terceiro quarto*, 2017)

Oficio

¿Qué hace un artesano con madera?
Él talla.
Usted es artesano y yo, madera.
¿Qué siempre hizo conmigo?
Me tajó.
Me cortó.
Arrancó pedazos.
Quería una obra.

Resultado: amorfa, soy yo después de su trabajo.
¿Por qué fui a ser madera?
Menos doloroso si yo era barro.

(In: *O terceiro quarto*, 2017)

Vi uma mulher com asas...

Vi uma mulher com asas
que não se sabia pássaro
pensava-se lesma
e arrastava-se pela terra
receava ser devorada
por uma ave.

Um dia, pisada por coturno
teve as desconhecidas asas
quebradas.

Segue esmagada
sem saber-se
viva.

Vi una mujer con alas...

Vi una mujer con alas
que no se sabía pájaro
se pensaba babosa
y se arrastraba por la tierra
temía ser devorada
por un ave.

Un día, pisada por coturno
tuvo las desconocidas alas
rotas.

Sigue machacada
sin saberse
viva.

O grito da fada

*"Mélusine... c'est elle que j'invoque, je ne
vois qu'elle qui puisse rédimer cette époque sauvage."*
André Breton

Melusina Melusina Melusina
Seu nome já é melodia
Junto a suas irmãs seu canto vibra
Na fonte de água límpida.

Mas se enamora de um cavaleiro Melusina
E com ele vive uma castelar rotina
À condição de ter uma hora íntima

O cavaleiro quebra a promessa dita
E descobre o segredo de Melusina:
Queria apenas se banhar sozinha

A generosa fada grita, invadida
Revelada, o castelo sobrevoa divina
Sua pele de escamas o céu platina

Draconiana serpentina
Para alguns, livre Melusina
Para tantos,
libertina.

El grito del hada

*"Mélusine... c'est elle que j'invoque, je ne
vois qu'elle qui puisse rédimer cette époque sauvage."*
André Breton

Melusina Melusina Melusina
Su nombre ya es melodía
Junto a sus hermanas su canto vibra
En la fuente de agua límpida.

Pero se enamora de un caballero Melusina
Y con él vive una rutina de castillo
A condición de tener una hora íntima

El caballero rompe la promesa dicha
Y descubre el secreto de Melusina:
Sólo quería bañarse sola

La generosa hada grita, invadida
Revelada, el castillo sobrevuela divina
Su piel de escamas el cielo platina

Draconiana serpentina
Para algunos, libre Melusina
Para tantos,
libertina.

Eu – imposta terceira pessoa...

Eu – imposta terceira pessoa
(A) gramatical
de doutrinada sintaxe
moldada à ênclise

Um verbo defectivo
Uma elipse planejada

Eu – primeira pessoa plural
Somos gênero
marcado: – A
Barbarismo social.

Yo – impuesta tercera persona...

Yo – impuesta tercera persona
(A) gramatical
de doctrinada sintaxis
moldeada a enclisis

Un verbo defectivo
Una elipse planificada

Yo – primera persona plural
Somos el género
marcado: – A
Barbarismo social.

Rosa de Jericó

Quando aqui chegou
eu toda era colheita
Fez de mim terra cercada
apodreceu minha safra
e semeou seus frutos
indigestos

Enraizou pés e mãos
em meu corpo
E fez dos olhos
astros de cima
a observar-me

Posseiro, sulcou-me
dia
e noite
nutrindo-se de minha seiva
e do leite de meus seios

Fez de mim
terra desértica
Queixou-se da aridez
Incapaz de arar chuva,
julgou-me seca

Desconhecia meus olhos-nuvem
alimento de meus veios
que me desaguam no ventre

Sou Mulher

Da minha boca brota
entre meus pálidos lábios,
a Rosa de Jericó.

Rosa de Jericó

Cuando llegó aquí
yo toda era cosecha
Hizo de mí tierra rodeada
se pudrió mi cosecha
y sembró sus frutos
indigestos

Enraizó pies y manos
en mi cuerpo
E hizo de los ojos
astros de arriba
para observarme

Invasor, surcándome
día
y noche
nutriéndose de mi savia
y de la leche de mis senos

Hizo de mí
tierra desértica
Se quejó de la aridez
Incapaz de arar la lluvia,
me juzgó seca

Desconocía mis ojos-nube
alimento de mis venas
que me desaguan en el vientre

Soy Mujer

De mi boca brota
entre mis pálidos labios,
la Rosa de Jericó.



Rosângela Trajano



Rosângela Trajano

Cortes

Mulher chora as suas dores.

Aquarelas com nuvens escuras
são pintadas no seio da vida
não há silêncio dentro dela
mas o grito tem medo de sair
e tomar pancada no rosto.

No corpo e na alma
há desejo de carinho
mas no toque das mãos brutas
apenas o nariz quebrado
e a dor que sangra navios.

Restos de uma mulher forte
que conduziu os retirantes seus
ao poço da inquietude
com ventos de outono plantados
nas ideias da sabedoria feminina.

Ela sabe que resistir é preciso.

Cortes

La mujer llora sus dolores.

Acuarelas con nubes oscuras
se pintan en el seno de la vida
no hay silencio dentro de ella
pero el grito tiene miedo de salir
y tomar un golpe en la cara.

En el cuerpo y en el alma
hay deseo de cariño
pero en el toque de las manos brutas
sólo la nariz rota
y el dolor que sangra barcos.

Restos de una mujer fuerte
que condujo a los exiliados suyos
al pozo de la inquietud
con vientos de otoño plantados
en las ideas de la sabiduría femenina.

Ella sabe que resistir es preciso.

Mulher com manchas

Esse corpo belo na passarela
Chora à noite no quarto de dormir
As pancadas doem nele
Feito quem pisa em espinhos
A atravessar pontes sem volta

As manchas nesse corpo
Não sorriem às manhãs
Gritam no silêncio das madrugadas
Com cristais quebrados na ponta do nariz
E o corte a crescer na labuta

Entre tiros e facadas a poesia
Morre dentro de uma estrela cadente
A mulher com manchas

Mujer con manchas

Ese cuerpo hermoso en la pasarela
Llora por la noche en el dormitorio
Los golpes duelen en él
Hecho para quien camina en espinas
Y va a atravesar puentes sin vuelta

Las manchas en ese cuerpo
No sonríen a las mañanas
Gritan en el silencio de las madrugadas
Con cristales rotos en la punta de la nariz
Y el corte a crecer en la lucha

Entre tiros y cuchilladas la poesía
Muere dentro de una estrella fugaz
La mujer con las manchas

Brincos perdidos

Rasgaram o meu vestido
Esbofetearam o meu nariz
Quebraram o meu braço
Em quarto escuro fui trancada
Tiraram os meus pertences
Arrancaram meu brinco da orelha
Incendiaram meu corpo
O último grito preso na garganta
Com medo da morte lenta
Os brincos perdidos não dormem
Com receio da minha morte
No meu corpo de mulher grávida de ideias
Apenas o céu doce faz-me suportar
A criança que nasce em mim
Sem guizos ou espelhos para sorrir
No espaço enganosamente feito
Para eu ser feliz.

Pendientes perdidos

Rasgaron mi vestido
Golpearon mi nariz
Rompieron mi brazo
En cuarto oscuro fui encerrada
Me quitaron mis pertenencias
Arrancaron mi pendiente de la oreja
Incendiaron mi cuerpo
El último grito atrapado en la garganta
Con miedo de la muerte lenta
Los pendientes perdidos no duermen
Con miedo de mi muerte
En mi cuerpo de mujer embarazada de ideas
Sólo el cielo dulce me hace soportar
El niño que nace en mí
Sin campanas o espejos para sonreír
En el espacio engañosamente hecho
Para que yo fuera feliz.

Vestido em sangue

Na rua onde passo mora uma flor,
perto da casa onde vivo há esperança
(penso na ladeira),
com o vestido ensanguentado
e a faca cravada no pescoço.

Desço a ladeira sozinha,
peço socorro a Deus,
porque os vizinhos
não me querem ouvir
(sou a mulher que gosta de apanhar).

O vestido está ensanguentado,
a facada dói no corpo,
preciso da vida daquela flor.

Trêmulas as pernas bailam
a canção triste que vem do cais
no entardecer friorento de outono.

E eu choro a dor de mais uma vez
fugir de casa para não ser morta.
Ruas com canteiros recebem o sangue
que desce pelas minhas pernas,
e a flor ficou para trás.

Pedaço de um jardim seco
vive em mim.

Vestido en sangre

En la calle donde paso vive una flor,
cerca de la casa donde vivo hay esperanza
(pienso en la ladera),
con el vestido ensangrentado
y el cuchillo clavado en el cuello.

Desciendo la ladera sola,
pido ayuda a Dios,
porque los vecinos
no me quieren oír
(soy la mujer que le gusta ser golpeada).

El vestido está ensangrentado,
la cuchilla duele en el cuerpo,
necesito la vida de aquella flor.

Trémulas las piernas bailan
la canción triste que viene del muelle
en el atardecer frío de otoño.

Y yo lloro el dolor de una vez más
huir de casa para no ser muerta.
Las calles con canteros reciben la sangre
que desciende por mis piernas,
y la flor se quedó atrás.

Pedazo de un jardín seco
vive en mí.

Mulher-ave

apedreja-me no voo
sofro a dor do parto
lágrimas nascem sem carinho
órfãs de emoções tuas

rasgo o voo na pedra
que atiras em minha cabeça
mas tecido de resistência sou
a dor da labuta é minha
mesmo com a alma
tresloucada de pancadas
tenho seis cálices
de coragem para tomar
e uma ideia a chorar

planto tomates
para sobreviver
feridas doem no peito
e em cicatrizes
voo rio acima

mulher-ave
eu sou

Mujer-pájaro

me apedrea en el vuelo
sufro el dolor del parto
lágrimas nacen sin cariño
huérfanas de emociones tuyas

rasgo el vuelo en la piedra
que disparas en mi cabeza
pero tejido de resistencia soy
el dolor de la lucha es mío
incluso con el alma
traslada de golpes
tengo seis cálices
de coraje para tomar
y una idea a llorar

planto tomates
para sobrevivir
heridas duelen en el pecho
y en las cicatrices
vuelo río arriba

mujer-pájaro
yo soy



Tatiana Pequeno



Tatiana Pequeno

Dani

O meu senhor estava
implícito no fim do verde
porque amante nunca
ela podia mais
uma pele alérgica com os
ossos vivos gêmeas de silêncio
selvageria.

Apenas no colchão um poço
de cavalos, os termos de deus
ela impedia o que nasceu
na primavera e para mim
pesado era o seu cabelo
a porção mais viva de um
azeite muito fino que me
escorria de verduras onde
se era estranha habitante natural
em forma de líquido e ouro
sobre dois ventres contra
o interior das serras.

Por acaso o seu nome continha
uma fala, e de noite
os pés iluminavam de branco
a ardósia e a cisterna
para depositar o leite
assoprado a grito pela
ave de rapina:
voava porque a animalidade
era a causa leve de sua beleza
e sobre
o assentamento das matas
o pólen fixo nos meus dedos
na boca
ela
era.

(réplica das urtigas, 2009)

Dani

El *mi señor* era
implícito al final del verde
porque amante nunca
ella podría más
una piel alérgica con los
huesos vivientes gemelas de silencio
salvajismo.

Solo en el colchón un pozo
de caballos, los términos de dios
ella evitó lo que nació
en primavera y para mí
pesado era tu cabello
la porción más viva de un
aceite muy fino que me
escurría de verduras donde
si fuera extraña habitante natural
en forma de líquido y oro
sobre dos úteros contra
el interior de las sierras.

Por casualidad su nombre contenía
una charla, y de noche
los pies iluminaban de blanco
la pizarra y la cisterna
para depositar la leche
soplada a grito por la
ave de rapiña:
volaba porque la animalidad
era la ligera causa de su belleza
y sobre
el asentamiento de los bosques
el polen fijado en mis dedos
en la boca
ella
era.

(*réplica das urtigas*, 2009)

Carta para Mariana, depois dos protestos

penso sobre o seu silêncio e escuto agora
uma artilharia pesada de gás e de choques
como se aguardasse o impossível gesto
que você prometeu nunca me direcionar.
guardo a sua face pelo rosto lavado de sal
da última despedida e nada do que fomos nos
quartos onde sistematicamente nos despe-
dimos repara os mais de mil quilômetros do
litoral que percorro há meses para chegar
no movimento central das reivindicações e
na marcha correta dos aflitos e dos protestos.
os dias têm sido tentativas ignorantes
de ver como é sagrada a depredação e os
ajustes, mais por você que por mim pois re-
tive da última internação outros monolitos
que não posso e não consigo devolver ou
simplesmente fazer deslizar rápido pelos
néfrons. porque é por meio deles que não
amo e não serei capaz de amar outros senão
vândalos e hereges — tu mesmo esquecida
acenando entre bandeiras e táxis a perda dos
empregos para os quais não se nasce ou sobre
vive. de ti, Mariana, apenas a réstia de imagem
depois da revista da guarda a caminho de uma
filiação médica (ou militar) em Madureira: algo
como uma página escondida sob mãos desfeitas
e desenlaçadas num inverno de muito medo
e combate.

Rio de Janeiro, 18 de junho de 2013.

(In: *Aceno, 2014*)

Carta a Mariana después de las protestas

pienso en tu silencio y escucho ahora
una artillería pesada de gas y de choques
como esperando el imposible gesto
que prometiste nunca dirigirme.
guardo tu cara por el rostro lavado con sal
del último adiós y nada a lo que fuimos
habitaciones donde sistemáticamente nos despe-
dimos repara los más de mil kilómetros de la
costa que camino hace meses para llegar
en el movimiento central de reclamos y
en la marcha derecha de los afligidos y de las protestas.
los días han sido intentos ignorantes
para ver cómo es sagrada la depredación y
ajustes, más para ti que para mí porque re-
tuve de la última hospitalización otros monolitos
que no puedo y no consigo volver o
simplemente hacer deslizar rápido por las
nefronas. porque es a través de ellas que no
amo y no podré amar a otros sino
vándalos y herejes: propiamente tú olvidada
agitando entre banderas y taxis la pérdida de
empleos para los que no se nace o sobre
vive. de ti, Mariana, solo la racha de imagen
después de la revista de guardia en el camino a una
afiliación médica (o militar) en Madureira: algo
como una página escondida bajo manos rotas
y desenlazadas en un invierno de mucho miedo
y combate.

Río de Janeiro, 18 de junio de 2013.

(In: *Aceno*, 2014)

Teoria de poesia

correndo vinha búfala
caminhada em punho
tronco pesado de gado
eu vinha bovína
correndo vinha rinoceronte
pisava forte como arma
até concreto de chão
coagulava e mexia
correndo vinha a galope
na sina de advertir espantalhos
marchando com vontade
a sutileza das vindas
correndo nasci mamute
tronco grande animal
médico para ensinar
subir e descer com leveza
nascendo cresci mamute
pronta para as famílias
no plural
e eis que se espantaram com as minhas entranhas
dei à luz um menino
– elefante extinguido
passado como fóssil
íntimo dos intestinos
mamute, rinoceronte
búfalo ancestral
quando morri
recebi de presente
a pisada de um mamute
fiquei esmagada
na humaneza

preferi ser mesmo animal
agora meu menino se foi
o pai danou-se pela selva
fiquei colecionando presas íntimas
sagradas antropológicas
correndo vigilante
totêmica búfala e tabu

(In: *Onde estão as bombas*, 2019)

Teoría de la poesía

corriendo venía búfala
caminada en puño
tronco pesado de ganado
yo venía bovina
corriendo venía rinoceronte
pisaba fuerte como arma
hasta concreto del suelo
coagulaba y meneaba
corriendo venía galopando
en el destino de advertir espantapájaros
marchando con voluntad
la sutileza de las venidas
corriendo nací mamut
tronco grande animal
médico para enseñar
levantarse y bajar ligeramente
naciendo crecí mamut
lista para las familias
en plural
y he aquí, se asombraron de mis entrañas
di a luz a un niño
– elefante extinguido
pasado como fósil
íntimo de los intestinos
mamut, rinoceronte
búfalo ancestral
cuando morí
recibí como regalo
el paso de un mamut
me quedé aplastada
en la humanidad

preferí ser el mismo animal
ahora mi chico se fue
el padre se atravesó la jungla
me quedé coleccionando colmillos íntimos
sagrados antropológicos
corriendo vigilante
totémica búfala y tabú

(In: *Onde estão as bombas*, 2019)

O assassinato de Marielle Franco

como apaga um corpo depois
de correr nele o vinho de tanta
fruta gorda e suculenta
você segura nas mãos da vida
e nela há respiração timbre
a pisada de um búfalo
um fôlego vindo das raízes
o vento que bate na areia da pele
vocêvê os pelos eriçados
você inclusive se arrepia
e de repente um outro sopro
morde
onde tudo sangra
como que pode
morrer ser tão doloroso
ou pacífico
como que pode
morrer às vezes
ser tão lento
como apaga um corpo depois
depois de a pele que temos
ser tão consoladora
fica um pouco mais
poderia ter dito
mas o vinho por dentro ardia
e mesmo que o corpo ficasse
o elo de ser um animal
já tinha se desfeito
o visgo inteiro vazado
a ponto de nunca mais
poder ser recolhido
como que pode
um corpo inteiro
quebrado

a gente estendendo a mão
que fica mais no vazio
a gente também um corpo
esperando o seu quebrado
como que pode
um corpo inteiro
sumir
mesmo desmembrado
sempre pode ou deve
o desencanto ser admitido
morrer como adormecer
entre as ruínas
as bombas
perder
sopro sangue ar
barco e mãos
atracados mas
pendentes
nos filamentos do espaço
a mão última que acena
sabe porque dói
o impossível
não pode mais.

(In: *Onde estão as bombas*, 2019)

El asesinato de Marielle Franco

como borra un cuerpo después
de correr en él el vino de tanta
fruta gorda y jugosa
tu tomas las manos de la vida
y en ella hay respiración y timbre
el paso de un búfalo
un aliento que viene de las raíces
el viento que golpea la arena de la piel
tu ves los pelos erizados
tu incluso te erizas
y de repente un otro soplo
muerde
donde todo sangra
cómo puede
morir ser tan doloroso
o pacífico
cómo puede
morir a veces
ser tan lento
como borra un cuerpo después
después de la piel que tenemos
ser tan reconfortante
queda un poco más
podría haber dicho
pero el vino por dentro ardía
e incluso si el cuerpo se quedara
el vínculo de ser un animal
ya se había deshecho
el muérdago entero se filtró
hasta el punto de nunca más
se poder recoger
cómo puede
un cuerpo entero
roto

la gente extendiendo la mano
que queda más en el vacío
la gente también un cuerpo
esperando su roto
cómo puede
un cuerpo entero
desaparecer
incluso desmembrado
siempre puede o debe
el desencanto ser admitido
morir como quedarse dormido
entre las ruinas
las bombas
perder
soplo sangre aire
barco y manos
amarrados pero
pendientes
en los filamentos del espacio
la mano última que saluda
saber por qué duele
lo imposible
no puede más.

para Cristiana

acordei na madrugada, amor, e havia tiros que circulavam atrás da nossa janela sombreando a mandala da colcha que resolvemos usar como cortina.

faz barulho lá fora e em breve você acorda no sentido santa cruz e eu permaneço aqui, atenta e ouvinte da fisiologia dos gatos
compreendendo a lógica feroz dos
nossos vizinhos e celebrando minhas pequenas vitórias de testemunha
viva do que todos os dias permanece
sendo a vida incompreensível.

já já amanhece, amor, e eu vou
vendo no tempo meu espelho
descobrindo um outro cabelo branco
ou um desgaste obstinado da pintura
perto da parede que há um ano era lisa.
os tiros não param.

não vou mais fazer aquela pergunta
sobre o tempo porque a adriana calcanhotto disse que não interessava
a visão política dos poetas então

eu fico aqui insone neste bairro da zona norte ouvindo rajadas das
muitas vidas separadas do morro da outra rua eu penso nas crianças lá
em cima no

morro dos macacos eu penso que
a minha profissão é uma utopia

eu penso que gostaria de dividir com você um mundo justo (eu prometi
a mim mesma que escreveria este poema sem a palavra mundo ou
tempo mas eu falhei, me desculpem os poetas que são expertises em
tudo em que sou fraca, desculpem os críticos, as adrianas, amigos ou
irmãos feéricos da poesia)

em que todo fim de mês não precisassem existir brigas em função das
contas ou que sempre conseguíssemos decorar o que dizer ou fazer
para o casal que nos pede dinheiro na entrada do supermercado
(o bebê está sempre com remelas)

enfim, amor, como poderíamos bem respirar
diante de tanta disparidade, como conseguimos comer peixe sabendo
que há os tiros e as crianças e o casal
como eu posso dormir se a minha beleza fraqueja diante dessa
inaptidão dos poetas?

uma vez eu te disse, amor, tuas mãos são saúde e as
minhas têm uma espécie de maldição
que é dedilhar o caos, saber o relevo e o tamanho da crosta das cascas
que é olhar a mandala e só ver os tiros, amor, você e essa palavra que
preciso repetir para não adoecer, amor, os tiros, as crianças, teu sono
cansado, as fissuras, a tarde imensa da minha solidão, o som dos tiros
invadindo a nossa cama , o passado a meu lado, minha memória
nem amanhece e o que há é a guarita do teu sono pesando firme o
desejo de outra madrugada com menos tiros tão próximos de nós,
amor, outro tempo, outro mundo,
outra forma de traduzir a falência
que brilha na remela da criança,
vou repetir o vocativo que me
sugeriram retirar da poesia, amor
outro tempo, outro mundo
para nós.

(Inédito)

Para Cristiana

me desperté al amanecer, amor, y había disparos dando
[vueltas detrás de nuestra ventana,
sobreando la mandala de la colcha que decidimos usar
[como cortina.

hace ruido afuera y pronto te despiertas hacia la santa cruz y yo me
quedo aquí, atenta e oyente de la fisiología de los gatos
entendiendo la lógica feroz de los
nuestros vecinos y celebrando mis pequeñas victorias de testigo
viva de lo que todos los días queda
siendo la vida incomprensible.

ya ya amanece, amor, y yo voy
viendo en el tiempo mi espejo
descubriendo un otro cabello blanco
o un desgaste terco de la pintura
cerca de la pared que hace un año era lisa.
los disparos no se detienen.

ya no voy hacer más aquella pregunta
sobre el tiempo porque adriana calcanhotto dijo que no importaba
la visión política de los poetas entonces
me quedo aquí sin dormir en este barrio de la zona norte
[escuchando las ráfagas de las muchas vidas separadas
de la colina al otro lado de la calle pienso en los niños allá
[arriba en el

morro dos macacos yo pienso que
mi profesión es una utopía
yo pienso que me gustaría compartir contigo un mundo justo
[(me prometí a mí misma que escribiría este poema
sin la palabra mundo o tiempo pero
[fallé perdón a los poetas que son
expertos en todo lo que soy débil, perdón
[a los críticos, las adrianas, amigos o
hermanos espléndidos de la poesía)
donde cada mes no había necesidad de pelear por las cuentas o que
siempre pudiéramos memorizar lo qué decir o hacer por la
[pareja que nos pide dinero

en la entrada del supermercado
(el bebé siempre está con parches)
finalmente, amor, ¿cómo podríamos bien respirar?
ante tal disparidad, ¿cómo podemos comer pescado sabiendo
[que hay los disparos y los niños y la pareja?
¿cómo yo puedo dormir si mi belleza se debilita ante esta
[ineptitud de los poetas?

una vez te dije, amor, tus manos son salud y las
mías tienen una especie de maldición
que es rasguear el caos, saber el relieve y el tamaño de la
[corteza de las cáscaras que es mirar el
mandala y solo verlos disparos, amor, tú y esa palabra que
[necesito repetir para no enfermarme,
amor, los
disparos, los niños, tu sueño cansado, las grietas, la inmensa
[tarde de
mi soledad, el sonido de los de disparos invadiendo nuestra
[cama, el pasado a mi lado, mi memoria
ni amanece y lo que hay es la vigilancia de tu sueño pesando
[firme el deseo de otro amanecer con
menos disparos tan cerca de nosotros,
amor, otro tiempo, otro mundo
otra forma de traducir la bancarrota
que brilla en el parche del niño,
voy a repetir el vocativo que me
sugirieron sacar de la poesía, amor
otro tiempo, otro mundo
para nosotros.
(Inédito)

Cuba





Caridad Atencio



Caridad Atencio

Como um pássaro cego
que se choca contra minha testa
estou te tocando por dentro.
Do vestido
foram arrancadas as rendas,
da voz
desgarraram o espírito.
Eu devo avisá-lo do seu abuso
mas tenho que esperar
que outra sombra se vá.
Como um pássaro cego
que se choca contra minha testa
me separo.
Quero escurecimento e transfiguração.
O vestido me oculta,
a voz é confundida com um grito.
A viagem branca é contra a parede,
somente te resta contemplá-la.

Como un pájaro ciego
que choca contra mi frente
estoy tocándote por dentro.
Del vestido
fueron arrancados los encajes,
de la voz
desgarraron el espíritu.
Debo advertirle de su abuso
mas tengo que esperar
que otra sombra se vaya.
Como un pájaro ciego
que choca contra mi frente
me separo.
Quiero oscurecimiento y transfiguración.
El vestido me oculta,
la voz es confundida con un grito.
El viaje blanco es contra la pared,
sólo te queda contemplarlo.

Quis procurar em mim
um resto de prazer
de acordo
com a dor que experimento.

Quis
colocar meu coração
sob minha mão.

Não sei se ao amado
é tecido um lugar
que o sustém
ou uma concebe
o sítio
onde
com pontadas brutais
é lavrada.

A fixação, o ponto
onde tuas ideias
concebem
um lógico espaço
do qual te despejam
sem poder
abandoná-lo nunca.

He querido procurarme
un resto de placer
de acuerdo
al dolor que experimento.

He querido
poner mi corazón
bajo mi mano.

No sé si al amado
se le teje un lugar
que lo sostiene
o una concibe
el sitio
donde
con puntadas brutales
es labrada.

La fijación, el punto
donde tus ideas
conciben
un lógico espacio
del que te desalojan
sin poder
abandonarlo nunca.

De onde estão prosseguindo as relações? Se tu ages como sempre, te incriminas. Se finges, conheces teu erro. Tu te afastaste sem culpa, marcando tua pele para vê-la crescer. Assisto a meu sacrifício na imaginação congelada. Seu castigo se crava contra mim. Vê-se a profecia. Demorando-se no escuro e minha sombra persegue minha sombra. Não cortaria algo se não fosse estritamente meu.

De donde están proseguir las relaciones. Si actúas como siempre, te incrimina. Si finges, conoce de tu error. Te alejabas sin culpa, marcándote la piel para verla crecer. Miro mi sacrificio en la imaginación helada. Su castigo lo clava contra mí. Se ve la profecía. Demorada en lo oscuro y mi sombra persigue a mi sombra. No cortaría algo si no fuera estrictamente mío.

Dizem as damas penetrantes dizem que sou a forquilha da casa. Quem mais sensível ao seu desespero suporta os desplantes inconscientes do filho ou os irracionais do pai e do marido. A forquilha, que se quebra nas pontas para se abrir, e ainda sustentar farrapos, mas imbatível no centro. O tronco inocente e ancestral de onde alcançó os restos da noite.

Dicen las damas penetrantes que soy el horcón de la casa. Quien más sensible a su desesperación soporta los desplantes inconscientes del hijo o los irracionales del padre y el marido. El horcón, que se quiebra en las puntas para abrirse, y aún sostener en hilacha, pero imbatible el centro. El tronco inocente y ancestral donde alcanzo los restos de la noche.

O olho sem sua pálpebra, milagre da perda, sabe que não pude cair.
Esse é o meu benefício. Eu não sou uma medalha de teu peito. Não
anulo a verdade para te conservar. Por isso tua punição em mim se
torna dupla. Busco um lugar para uma tumba. Por acaso sabes onde
há mais claridade? Construirei uma cela sobre ela. Devolvi a noite ao
infinito. Bordei sobre mim mesma sem consolo.

El ojo sin su párpado, milagro de la pérdida, sabe que no pude caer.
Ese es mi beneficio. No soy una medalla de tu pecho. No anulo la
verdad por conservarte. Por eso tu castigo en mí se vuelve doble.
Busco lugar para una tumba. ¿Acaso sabes donde hay más claridad?
Construiré una celda sobre ella. Le devolví la noche al infinito. Bordé
sobre mi misma sin consuelo.

Charo Guerra



Charo Guerra

Estados de ânimo

I

Calada, distante, imutável.
Ordinária. Vulgar.
Experta, neófita, perfeccionista e descuidada.
Frugal, desatina, megalomaníaca.

Triste, enlouquecida.
Genial, comovente, lastimosa.
Malandra, desleal.
Experta, voraz.
Triunfadora, infiel, honesta.
Atroz e bonita e harmoniosa.

II

Tecelã de tapetes, pensadora, ocultista, prostituta.
Pianista, dançarina de tango.
Letra morta.
Palhaça, artigo de feira.

Naturalista e jardineira.
Invisível. Amiga. Cafetina.
Pintora, performista, garçonete, degustadora de vinhos.
Cozinheira de manjares para cães.
Tocadoura de flauta
Estrela do bolero.
Desenho, traço e invenção.
Modelo de Picasso.

Estados de ánimo

I

Callada, lejana, inmutable.
Ordinaria. Vulgar.
Experta, neófita, perfeccionista y descuidada.
Frugal, desatinada, megalómana.

Triste, enloquecida.
Genial, desgarradora, lastimosa.
Embaucadora, desleal.
Experta, voraz.
Triunfadora, infiel, honesta.
Atroz y bella y armoniosa.

II

Tejedora de alfombras, pensadora, ocultista, prostituta.
Pianista, bailadora de tango.
Letra muerta.
Payasa, artículo de feria.

Naturalista y jardinera.
Invisible. Amiga. Proxeneta.
Pintora, performista, mesera, escanciadora de vinos.
Cocinera de manjares para perros.
Tocadora de flauta.
Estrella del bolero.
Dibujo, trazo e invención.
Modelo de Picasso.

Olhos do tigre

Em seu bosque selvagem está brilhando a tigela verde escura
uma luz que se expande limitada por portas e janelas circulares
que se comunicam com o mar.

Estão se acumulando as lágrimas do tigre
molhando nossos pés com seu fluxo constante.
Absorta na queda,
já vejo como avançam.

É o tigre, seus olhos, seu olhar.
E vou sentindo que suas lágrimas
poderiam transbordar o universo.

Fecho as portas de nosso labirinto.
Condeno as janelas
e todo orifício que sirva de atalaia.

Não obstante.
Eu bem me perderia nos olhos do tigre,
naufragaria em seus transbordamentos
nessa luz que tem sido sua beleza.

Ojos del tigre

En su bosque salvaje está brillando el cuenco verde-oscuro
una luz que se expande limitada por puertas y ventanas circulares
que comunican con el mar.

Están acumulándose las lágrimas del tigre
mojando nuestros pies con su flujo constante.
Absorta en la caída,
ya veo cómo avanzan.

Es el tigre, sus ojos, su mirada.
Y voy sintiendo que sus lágrimas
podrían rebosar el universo.

Cierro las puertas de nuestro laberinto.
Condeno las ventanas
y todo orificio que sirva de atalaya.

Sin embargo.
Yo bien me perdería en los ojos del tigre,
naufragaría en sus desbordamientos
en esa luz que ha sido su belleza.

Zenital das cidades

para María

Ninguém quer ver o espetáculo da besta estressada
pela proximidade da navalha
e o comércio de nervos.

Antes que feda,
virão os empregados
para sepultar os espólios nas escarpas,
sangramentos múltiplos, detritos que contaminam a cidade.

Os edifícios não deixam avistar a periferia
onde o viajante intui
a intimidade profunda em tons escarlate.

De fumaça platinada se alçam as colunas
nos tesouros e nos palácios de governo.
Há paredes de água,
pedaços de murais e versões de histórias oficiais
onde domina o ouro.
(Está no ouro a proteção do ouro.)

Uma concentração de chuva ácida
armazena toxinas nos escorredores das bordas.
Nem um grão de impureza cairá sobre o viajante.
Sua íris se coloca na epiderme,
na Bíblia cromada que registra o ócio
e mostra sobre a página:
placas de bronze,
datas, nomes, estilos.

Cenital de las ciudades

para María

Nadie quiere ver el espectáculo de la bestia estresada
por la proximidad de la navaja
y el comercio de nervios.

Antes que hieda,
vendrán los empleados
a sepultar despojos en las escarpaduras,
desangramientos múltiples, detritos que contaminan la ciudad

Los edificios no dejan avistar la periferia
donde el viajero intuye
la intimidad profunda en tonos escarlata.

De humo platinado se alzan las columnas
en las tesorerías y en los palacios de gobierno.
Hay paredes de agua,
pedazos de murales y versiones de historias oficiales
donde domina el áureo.
(Está en el oro la protección del oro.)

Una concentración de lluvia ácida
almacena toxinas en los escurridores de los bordes.
Ni un grano de impureza caerá sobre el viajero.
Su iris se place en la epidermis,
en la Biblia cromada que registra el ocio
y muestra sobre la página:
placas de bronce,
fechas, nombres, estilos.

Campo visual da doméstica

Olhar triangular
quando Isadora dança as roupas nos cristais.
A doméstica observa por refração
o movimento
e os contornos.

Detalha respirações agitadas.

Além do vidro
outro mundo é comércio, escritórios,
tecnocracia ...

Nenhum desses seres
verá o que acontece
além da pele de suas janelas.

Ninguém podevê-lo.

Isadora se abraça o arzinho de quaresma
e pactua com ele sua ondulação da deusa.

A doméstica conhece o episódio,
pressente o fim
embora o tecido severo não deixe de bailar
transparecendo pernas, braços,
o cabelo circulante de Isadora.

O tecido branquíssimo está seco
surpreende a irreverência de um aplauso
que escuta a doméstica
quando Isadora se despede
fazendo um profundo gesto de cortesia.

Dança do repouso,
de serenidade, de deusa em sua lisura.

De uma varanda para o vazio:
olhar triangular (isósceles),
e o corpo de Isadora entregue ao aroma
à ausência de ácaros,
quente ainda para se misturar com a vencida naftalina.

Campo visual de la doméstica

Mirada triangular
cuando Isadora baila la ropa en los cristales.
La doméstica observa por refracción
el movimiento
y los contornos.

Detalla respiraciones agitadas.

Más allá del cristal
otro mundo es comercio, oficinas,
tecnocracia...

Ninguno de esos seres
verá lo que transcurre
más allá de la piel de sus ventanas.

Ninguno puede verlo.

Isadora se abraza al airecillo de cuaresma
y pacta junto a él su ondulación de diosa.

La doméstica conoce el episodio,
presiente el fin
aunque el tejido severo no deja de bailar
transparentando piernas, brazos,
el pelo circulante de Isadora.

El tejido blanquísimo está seco
sorprende la irreverencia de un aplauso
que escucha la doméstica
cuando Isadora se despide
haciendo un profundo ademán de cortesía.

Danza del reposo,
de la serenidad, de diosa en su lisura.

Desde un balcón hacia el vacío:
mirada triangular (isósceles),
y el cuerpo de Isadora entregado al aroma
a la ausencia de ácaros,
caliente aún para mezclarse con la vencida naftalina.

Sobre a tocadora de flauta

(Sócrates talvez ele quis agregar,
“sua melodia nos distrai, rouba-nos a razão”.
ainda que só ordenasse aos discípulos:
“Calem a tocadora de flauta”.)

Nos palácios, nos subúrbios,
nos jardins, nos pântanos,
nos banquetes do amor:
“Calem a tocadora de flauta”,
disse Platão que disse Sócrates.

Invisível coluna de fumaça.
(*Nada sou.*)

Música da água roçando canos de ouro.
(*Nada sou.*)

Sons de água fétida
repercutindo nas pedras da sarjeta.
Apito da escória na profunda viagem para o nada.

Fermentada borbulha a música
inoportuna, enfática,
furiosa no concerto
de outra voz doutrina.

“Calem-na”, disse Platão que disse Sócrates.
Será que pressentia o holocausto
nos ares arrogantes da flauta?

Acerca de la tocadora de flauta

(Sócrates tal vez quiso agregar,
“su melodía nos distrae, nos roba la razón”.
aunque solo ordenara a los discípulos:
“Callen a la tocadora de flauta”.)

En los palacios, en los suburbios,
en los jardines, en los pantanos,
en los banquetes del amor:
“Callen a la tocadora de flauta”,
dijo Platón que dijo Sócrates.

Invisible columna de humo.
(*Nada soy.*)

Música del agua rozando tuberías de oro.
(*Nadie soy.*)

Sonidos del agua fétida
percutiendo en las piedras de la zanja.
Silbido de la escoria en el profundo viaje hacia la nada.

Fermentada burbuja la música
inoportuna, enfática,
furiosa en el concierto
de otra voz doctrina.

“Cállennla”, dijo Platón que dijo Sócrates.
¿Será que presentía el holocausto
en los aireados jactanciosos de la flauta?

Dalila León



Dalila León

Style

Ela lê revistas de moda
sua favorita é a Vogue
cada mês a adquire religiosamente.
Seus modelos são clássicos – afirma
acariciando sua capa.

Ela sabe de rendas
de espartilhos
de cores neutras
de saltos agulha

Sempre clássicos - suspira
enquanto busca no índice
algum artigo sobre maquiagens
e como se devem aplicar
para cobrir
pelo menos parcialmente
os golpes que recebe
cada manhã.

Style

Ella lee revistas de moda
su favorita es la *Vogue*
cada mes la adquiere religiosamente.
Sus modelos son clásicos – afirma
acariciando su portada.

Ella sabe de encajes
de corsés
de colores neutros
de tacones de aguja.

Siempre clásicos – suspira
mientras busca en el índice
algun artículo sobre maquillajes
y cómo se deben aplicar
para cubrir
al menos parcialmente
los golpes que recibe
cada mañana.

Crying girl

Devo ser uma loira fácil
como assegura papai.
Só uma loira a mais
de saia curta e salto alto
que sorri cada noite
na avenida.
Outra loira fácil
que apenas consegue o aluguel
deste quarto barato
onde se esconde para amaldiçoar
e chorar sozinha
enquanto lava sua lingerie preta
sempre negra
como a crescente raiz
do seu cabelo.

Crying girl

Debo ser una rubia fácil
como asegura papá.
Solo una rubia más
de falda corta y taco alto
que sonríe cada noche
en la avenida.
Otra rubia fácil
que apenas consigue el alquiler
de este cuarto barato
donde se esconde a maldecir
y llorar sola
mientras lava su lencería negra
siempre negra
como la creciente raíz
de su pelo.

Na parede do banheiro

de um velho posto de gasolina
deixamos nossos nomes
encerrados por um coração.

Ainda hoje
te escuto me amaldiçoar
sobre o asfalto molhado
enquanto eu corria para a autopista
acenando para os carros
sob a garoa.

Eu ainda te percebo nas sarjetas
nos cabos elétricos
e nos vulgares adesivos
presos ao para-brisa
do último caminhão que me afasta
cidade após cidade
do sujo e torpe coração
abandonado na parede
daquele posto de gasolina.

En la pared del baño

de una vieja gasolinera
dejamos nuestros nombres
encerrados por un corazón.
Todavía hoy
te escucho maldecirme
sobre el asfalto mojado
mientras yo corría a la autopista
haciendo señas a los autos
bajo la llovizna.
Todavía te percibo en las cunetas
en el tendido eléctrico
y en las vulgares calcomanías
pegadas al parabrisas
del último camión que me aleja
pueblo tras pueblo
del sucio y torpe corazón
abandonado en la pared
de aquella gasolinera.

Poderia dizer

que tudo de que necessitei
para me desviar
e chegar longe de casa
foi suportar
sua mão na minha coxa
aspirar
o fedor da loção
que tanto me irritava
e sorrir todo o caminho
enquanto ele conduzia
afastando-se de tudo
rápido
demasiado rápido
pela estrada.

Podría decir

que todo lo que necesité
para desviarme
y llegar lejos de casa
fue soportar
su mano en mi muslo
aspirar
el hedor a loción
que tanto me irritaba
y sonreír todo el camino
mientras él conducía
alejándome de todo
rápido
demasiado rápido
por la carretera.

Chanel

*Perfume suficiente – você aponta –
uma mulher que se respeita não deve cheirar à puta.
Vamos, ajeita esse cabelo
e acaba de se vestir já
sabe que odeio chegar tarde.
Não, esse vestido não
usa a saia que deixei na cama
com o casaco xadrez.
Ah, tira esses sapatos agora mesmo!
Apenas à sua irmã ocorre tal presente
já te disse que não devesvê-la
que é a pior influência para alguém "como tu".
Aparece com seus ares de abelha rainha
olhando
criticando
comprando-te sapatos de puta.
Independente dizes
independente minhas bolas
uma grande puta é o que é
deveria estar em casa "como tu"
atendendo ao marido.
Vamos, quando pensas em terminar?
Até parece que não queres vir
ainda que pensando bem, é melhor que não vás
afinal é apenas um jantar de negócios
fica em casa assistindo aqueles dramas de que gostas
Ah, e não esperes por mim desperta, sabes que demoro!*

Chanel

*Suficiente perfume – señala –
una mujer que se respete no debe apestar a zorra.
Vamos, recógete ese pelo
y acaba de vestirte ya
sabes que odio llegar tarde.
No, ese vestido no
usa la falda que dejé en la cama
con la chaqueta a cuadros.
¡Ah, y quítate esos zapatos ahora mismo!
Solo a tu hermana se le ocurre tal regalo
ya te he dicho que no debes verla
que es la peor influencia para alguien "como tú".
Aparece con sus aires de abeja reina
mirando
criticando
comprándose zapatos de zorra.
Independiente dices
independiente mis cojones
una gran puta es lo que es
debería estar en casa "como tú"
atendiendo a su marido.
¡Vamos, cuándo piensas terminar!
Tal parece que no quieres ir
aunque pensándolo bien, es mejor que no vayas
después de todo solo es una cena de negocios
quédate en casa viendo esos dramas que te gustan
¡Ah, y no me esperes despierta, sabes que demoro!*



Dolores Labarcena



Dolores Labarcena

Ao voltar, ele trouxe consigo o riso grosseiro dos amantes que passavam. E mesmo que eu tentasse esconder meu desgosto abrindo minhas pernas na medida em que se abre um livro, não haveria outro homem para me incitar ao crime. Teria bastado (deitado em sua banheira com águas de Leteo e essências de mirra) um golpe de machado e zás, pasto para os abutres. Mas minha mão tremeu. Aprendi a contemplar com suspeita o colarinho branco das criadas.

A su regreso trajo consigo la risa burda de los amantes de paso. Y aunque traté de disimular mi disgusto abriendo las piernas en la medida en que se abre un libro, no habría otro hombre que me incitara al crimen. Hubiera bastado (tendido en su bañera con aguas del Leteo y esencias de mirra) un golpe de hacha y zas, pasto para los buitres. Pero me tembló la mano. Aprendí a contemplar con recelo el cuello blanco de las sirvientas.

Turismo ecológico

Enrolados no sofá, dividindo o radiador e o cobertor, enquanto brindávamos com cerveja artesanal. Apesar do seu planejamento cuidadoso em relação às coisas práticas, de repente o alarme disparou. Fogo, bomba, ataque extremista em um hotel de Viena? Qualquer suposição é plausível, você disse. E eu temia, não apenas para nós dois, por caridade! mas pelo sisão comum, a ganga ibérica e a calhandrina-das-marismas. Admiráveis espécies que aguentaram nosso tédio no Museu de História Natural. Você se lembra? Fossilizadas. Que culpa têm as aves do aquecimento global? Escutávamos alternando com Schubert pelos fones de ouvido.

Nublado com escassas probabilidades de precipitações, informou o meteorologista da *Österreichischer Rundfunk*, no trem, a caminho do aeroporto. Pontes, estradas, pôsteres anunciando a próxima apresentação de algumas *gogos* francesas: “*Son les bienvenues et qu'elles peuvent se sentir ici chez elles*”, uma frase que nos obriga a pensar no que não está ao nosso alcance. Como se algo colocasse a linguagem em guarda. Sim, senhor, veladíssimo. Coberto por um betume escolástico, idem, ao alarme falso. Boom! E corri. Imóvel sob o chapéu de caxemira, enquanto você falava sem pudor de Schiele, ou talvez Kokoschka. Nublado, informou outra vez o meteorologista da *Österreichischer Rundfunk*.

Turismo ecológico

Acurrucados en el sofá, compartiendo el radiador y la manta, mientras brindábamos con cerveza artesanal. No obstante tu esmerada planificación en lo concerniente a cosas prácticas, de improviso saltó la alarma. Fuego, bomba, ¿ataque extremista en un hotel de Viena? Cualquier suposición es plausible, dijiste. Y temí, no solo por los dos, ¡por caridad!, sino por el sisón común, la ganga ibérica, y la terrera marismeña. Admirables especies que aguantaron nuestro hastío en el Museo de Historia Natural. ¿Recuerdas? Fosilizadas. ¿Qué culpa tienen las aves del calentamiento global?, escuchábamos alternando con Schubert por los audífonos.

Nublado con escasas probabilidades de precipitaciones, informó en meteorólogo de la Österreichischer Rundfunk, en el tren, camino al aeropuerto. Puentes, autopistas, posters anunciando la próxima presentación de unas gogós francesas: "Son les bienvenues et qu' elles peuvent se sentir ici chez elles", frase que obliga a pensar en lo que no está al alcance. Como si algo pusiera en guardia al lenguaje. Sí, señor, veladísimo. Cubierto por un betún escolástico, idem, a la falsa alarma. ¿Boom! Y corrí. Inmóvil bajo el gorro de cachemir, en tanto hablabas sin pudor de Schiele, o quizás Kokoschka. Nublado, informó otra vez el meteorólogo de la Österreichischer Rundfunk.

Após uma falha que só pode ser chamada de técnica, fracassou. Deviam colocar algumas questões que, quando a alavanca fosse acionada, inevitavelmente esmagariam a adormecida, que dessa vez escapou. E isso significava grandes conflitos, para seu pensamento de gazela: O que eu faço... ousa contradizer-me. Em outra ocasião, perverso, capaz de olhar nos seus olhos sem pestanejar, sem sequer trair o queixo, a montou em uma barcaça e adeus, pronta para dividí-la em duas, tão simples quanto se parte um carvão. No entanto, além de todas as probabilidades, foi ótima nadadora, e quase em apneia chegou à costa. Pois, matem-na! Ordenou. Por um longo tempo, ele acariciou o corpo e se enroscou diante dela, a aparente imortalidade. Depois o banquete. Disto sim que falou Sêneca, que se desfez em elogios pelos lençóis intocados e brancos.

Tras un fallo al que solo se puede llamar técnico, fracasó. Debían colocar unos *asuntos* que al accionar la palanca aplastarían irremediablemente a la dormida, que por esta vez escapó. Y esto supuso grandes conflictos, para su pensamiento de gacela: Qué hago... osa contradecirme. En otra ocasión, pérvido, capaz de mirarle a los ojos sin pestañear, sin traicionarle siquiera la barbillá, la montó en una chalupa y abur, lista para partirla en dos, así de simple como se parte un carboncillo. No obstante y más allá de todo pronóstico fue óptima nadadora, y casi en apnea ganó la orilla. Pues ¡mátenla! Ordenó. Durante largo rato acarició el cadáver y se ovilló ante ella, la aparente inmortalidad. Luego el banquete. De esto sí que habló Séneca, quien se deshizo en halagos por la incólume y blanca mantelería.

E se foi de puro tédio. Sem a presença dele, tudo seguiria igual. Ao ídolo da vindima não lhe faltaram oferendas; os pretendentes e o celeiro ao máximo. Para se arrumar, banhava-se com leite de cabra com ungamentos importados da China. "Eu ainda estou na flor". As noites passavam previsivelmente e, naturalmente, às vezes o clima esquentava. Desde logo, a expectativa não era o retorno nem a prolongada demora, mas o preço e a demanda. Mas com perícia a muito vagabunda estava se virando. Você se lembra da atriz, nua no capacho olhando-o com total desprezo? Talvez a história fosse assim, sem idílio. No fundo, um mar asfixiante e nenhum barco.

Y qué si marchó de puro aburrimiento. Sin su presencia todo seguiría igual. Al ídolo de la vendimia no le faltaron ofrendas; los pretendientes y el granero a tope. Para acicalarse, se bañaba en leche de cabra con ungüentos importados de China. "Sigo en la flor". Las veladas transcurrían previsiblemente, y como es natural, a veces se caldeaban los ánimos. Desde luego, la expectativa no era el retorno ni la prolongada demora, sino el precio y la demanda. Pero con pericia la muy zorra iba tirando. ¿Recuerdas la actriz, desnuda sobre el felpudo mirándolo con total desprecio? Quizás la historia fue así, sin idilio. Al fondo un mar asfixiante y ninguna barca.

Para o inverno teceu uma colcha e não um manto de Turim: essa peça com flores e ossos de arenque. Quando subiu no estrado, pensava *Deus meu, salva-me* e se apegou a esse cravo... Mas ninguém a ouviu. A multidão, entretanto, se recusava a limpar a sala. Segundo versões, na noite anterior segurou o Tanach ininterruptamente e jantou com relutância (como sempre, quando se pratica algum risco).

Para el invierno tejió un edredón y no un manto de Turín: esa pieza con flores y huesos de arenque. Cuando subió al estrado, pensaba *Dios mío, sálvame* y se aferró a ese clavo... Pero nadie la oyó. La plebe entretanto se negaba a despejar la sala. Según versiones, la noche anterior sostuvo ininterrumpidamente el Tanaj y cenó con desgano (como siempre que se practica algo de riesgo).

Georgina Herrera



Georgina Herrera

Eva

Adão,
ocioso e solitário, anda,
desanda e volta a andar
esse primeiro lugar inventado para viver
chamado paraíso.

Também ociosos, os vinhedos, lentos
gotejam seu mel que ninguém toca e envelhece.

Para fazer alguma coisa
bebe-o Adão, e na quentura
da tarde que a chuva envolve,
vai dormir, e sonha.

Um sonho longo, espesso
como o chuvisco daquele entardecer,
o impede
de ver como chega essa mulher primeira.

Eva vem
quem sabe de onde
deita-se junto a ele precisamente,
criando o costume
de nunca mais estar tão só.

Descansa
ao lado de Adão,
daquele que dói
porque sobre ele passou o torpor do vinho
alheio a esse prodígio que é a água.

Ela não é magia nem milagre
é, simplesmente,
uma mulher que desfrutou da chuva
vendo-a descer, molhando nela
suas mãos e seu cabelo, no qual colocou flores
úmidas, e chega agora
atravessando o arco-íris.

Adão desperta,
a vê adorável, crê que sonha,
que ela havia saído dele,
pergunta a Deus, seu cúmplice, e ambos
a intuem poderosa
mais do que eles dois. Temem
e ajustam a mentira.

Eva não se importa E passa
o tempo, tanto
que Deus e Adão e todos
quantos chegaram depois acreditaram
na falsa história.

Roda a história
contada por Adão à sua maneira, ele diz
que nua ela saiu de suas costelas, quando
na verdade chegou vestida
de céu, tarde e canções de mil pássaros.

Volta a passar o tempo,
tanto...

Adão respira fundo, incha
seu peito, estende
seus dois braços
com a segurança de quem sustenta
o mundo 'por si só, chama a Eva
para que escreva com pequenos traços
uma nova versão daquele evento.

Ela, então, pensa:
"Já é hora de que esse homenzinho conte
suas costelas, saiba
que estão intactas".

Eva

Adán,
ocioso y solitario, anda,
desanda y vuelve a andar
ese primer sitio inventado para vivir
llamado Paraíso.
También ociosos, los viñedos, lentos
gotean su miel que nadie toca y envejece.
Por hacer algo,
la bebe Adán, y en el bochorno
de la tarde que la lluvia envuelve,
se echa a dormir, y sueña.
Un sueño largo, espeso
cual la llovizna de ese atardecer
le impide
ver como llega esa mujer primera.
Eva viene
quien sabe de qué sitio,
se tumba junto a él precisamente,
va a hacerse la costumbre
de nunca más estar tan sola.
Descansa
a un costado de Adán,
de ese que duele
porque sobre él pasó el sopor del vino
ajeno a ese prodigo que es el agua.
Ella no es magia ni milagro
es, simplemente,
una mujer que disfrutó la lluvia
viéndola descender, mojando en ella
sus manos y su pelo, en el que puso flores
húmedas, y llega ahora
atravesando el arcoíris.

Adán despierta,
la ve preciosa, cree que sueña,
que ha salido de él,
pregunta a Dios, su cómplice, y ambos
la intuyen poderosa
más que ellos dos. Temen
y ajustan la mentira.

A Eva no le importa Y pasa
el tiempo , tanto
que Dios y Adán y todos
cuantos llegaron después creyeron
la falsa historia.

Rueda la historia
contada por Adán a su manera, dice
que desnuda la extrajo de su costado, cuando
en verdad llegó vestida
de cielo, tarde y cantos de mil pájaros.

Vuelve a pasar el tiempo,
tanto...

Adán respira hondo, hincha
su pecho, extiende
sus dos brazos
con la seguridad de quien sostiene
al mundo 'por sí solo, llama a Eva
para que escriba con menudos trazos
una versión novísima de aquel suceso.

Ella, entonces, piensa:
"Es hora ya de que este hombrecito cuente
sus costillas, sepa
que están intactas".

Epitáfio no túmulo de Maria

O que fez de ti a vontade do homem?
A que mínimo pó te reduziu
negando-te o direito de conceber
por obra e graça
do êxtase e da ternura,
sempre nascendo
na mulher, como seus próprios filhos?

Epitafio en la tumba de Maria

¿Qué hizo de ti la voluntad del hombre?
¿A qué mínimo polvo te redujo
negándote el derecho a concebir
por obra y gracia
del arrebato y la ternura,
siempre naciendo
en la mujer, como sus propios hijos?

Crônica celebrando a liberdade de Juliana

(Em 1874, Javiera Gangá obtém
a liberdade de sua
filha Juliana, adolescente
também escrava,
pagando
ao amo das
duas dois mil pesos).

Se o que eu vou contar
fala de liberdade precisamente,
Por que o pranto
faz arder meus olhos? Por que os punhos
furiosamente se crispam?
Acaso não foi um evento de celebrações
aquele 14 de dezembro de 1874, quando
diante do juiz de paz, em Jovellanos,
o amo de Juliana comparece
"espontaneamente", como ele diz
e "salva e liberta de todo cativeiro"
a sua crioula escrava?
Juliana, ainda adolescente,
Vale os mil pesos que a mãe entrega
Para Javiera, todos os dias,
desde que decidiu juntar mil pesos
teve que ser uma vergonha
uma dor distinta
estar na trama de outra forma
recordando
a mãe de Deus da pior maneira.
Mas já. No final, Juliana está livre
e, parece que o amo foi bom
porque o que já foi dito acrescenta que

"a afasta e separa do direito de propriedade,
domínio total" exercido sobre ela.

E assinam as testemunhas
o juiz, aquele que a vende e,
com uma cruz, claro,
a mãe e a menina

Mas, esse evento e seu final rosado,
no meu entender, tem uma cor escura.

Como? Por quê?
Tenho respostas.

Crónica celebrando la libertad de Juliana

(En 1874 Javiera Gangá obtiene la libertad de su hija Juliana, adolescente también esclava, pagando al amo de las dos, mil pesos).

Si lo que voy a contar
habla de libertad precisamente,
¿por qué el llanto
hace arder mis ojos? ¿Por qué los puños
furiosamente se me crisan?.
¿Acaso no fue un suceso de celebraciones
aquel 14 de diciembre de 1874, cuando
ante el juez de paz, en Jovellanos,
el amo de Juliana comparece
"espontáneamente", según dice
y "ahorra y liverta de todo cautiverio"
a su criolla esclava?
Juliana, adolescente aún,
vale mil pesos que la madre entrega.
Para Javiera, cada día,
desde que decidió juntar mil pesos
tuvo que ser una vergüenza,
un dolor distinto,
estar en el cepo de otro modo
recordando
a la madre de dios de la peor manera.
Pero ya. Al fin, Juliana es libre
y, tal parece que el amo ha sido bueno,
porque a lo ya dicho agrega que

"la aparta y separa del derecho de propiedad,
total dominio", ejercido sobre ella.

Y, firman, los testigos,
el juez, el que la vende y,
con una cruz, seguro,
la madre y la muchacha.

Pero, este suceso y su final rosado,
a mi entender, tiene un color oscuro.

¿Como? ¿Por qué?
Tengo respuestas.

Eterna é já a infância de Rosetta

(Para Rosetta, uma garota italiana
de 11 anos, obrigaram-na a prostituir-se).

Nessa encruzilhada de caminhos no tempo,
onde os anos brilham como flores,
os de Rosetta foram aprisionados.
Ela se converteu em uma menina eterna.
Todos os ventos se cruzaram
perto de seu rosto. Junto
a seu peito, grunhem as estações áridas.
As outras, nada deixam em suas mãozinhas estendidas.
Ainda assim,
Rosetta é uma menina. Nada
pode impedi-lo.
Fizeram-na descer até o abismo
que ninguém mais conhece
elevar-se ao topo do assombro
e segue sendo ela.
Não há mão audaz sobre seu ventre
nem hálito turvo em seu pescoço que o impeça.
Lento é o sol que sai, como
se não quisesse chegar até Rosetta. Mas,
ainda sem sol,
com todos os demônios cavalgando
em suas costas
Para sempre, Rosetta é uma menina.

Eterna es ya la infancia de Rosetta

(A Rosetta, una niña italiana
de 11 años, la obligaban a prostituirse).

En ese cruce de caminos en el tiempo,
donde los años relumbran como flores,
los de Rosetta quedaron detenidos.
Se ha convertido en una niña eterna.
Todos los vientos han cruzado
cerca de su cara. Junto
a su pecho, gruñen las estaciones áridas.
Las otras, nada dejan en sus manitas extendidas.
Aún así,
Rosetta es una niña. Nada
puede impedirlo.
La hicieron descender hasta el abismo
que nadie más conoce,
elevarse a la cima del asombro
y sigue siendo ella.
No hay mano audaz sobre su vientre
ni turbio aliento en su cuello que lo impida.
Lento es el sol que sale, como
si no quisiera llegar hasta Rosetta. Pero,
aún sin sol,
con todos los demonios cabalgando
en su espalda
para siempre, Rosetta es una niña.

Noites e dias de Berta

O que aconteceu contigo e com tuas horas
para o sono habitual?

Tu as devoraste
ou, acaso foi o contrário?
Porque ias
perdendo-te em pedaços
Como és a nunca
mencionada,
te chamo Berta.

Rápido, era apenas noite, a tuas costas
havia o bairro. Quantas
perguntas, em voz baixa, fizeram
teu curso?

Até que ao fim souberam
esse diário regresso antes que o sol,
sempre na ponta dos pés,
como para não tropeçar com o silêncio
e jogá-lo no chão.

Pálido, na panela, crocante, o ovo
era o único ruído de tua casa.

Ninguém te ouviu cantar ou mencionar a família. Era
como se não tivesses chegado de algum lugar
ainda que leve, no mapa.

Noches y días de Berta

¿Qué sucedió contigo y con tus horas
para el sueño habitual ?

¿Las devoraste
o, acaso fue al revés?

Porque ibas
perdiéndote a pedazos
Como eres la nunca
mencionada,
te llamo Berta.

Rápido, apenas era noche, a tus espaldas
quedaba el barrio. ¿Cuántas
preguntas, en voz baja, hicieronse
tu rumbo?.

Hasta que al fin supieron
ese diario regreso antes que el sol,
siempre en puntillas,
como para no tropezar con el silencio
y echarlo al suelo.

Pálido, en la sartén, crujiente, el huevo
era el único ruido de tu casa.

Nadie te oyó cantar ni mencionar a la familia. Era
como si no hubieses llegado de algún sitio
aunque leve, en el mapa.



Julia Cabalé



Julia Cabalé

Lume

1

O desamor, em cada ato,
dosifica a cobertura
de sua violência

2

Na solidão do espelho
a brilhante alucinação
da mordaça

3

Meus instintos mais primários
se te aproximas
acendem seu alarme.

4

A dor sempre é virgem,
daí, a solenidade
de seu cuidado.

Lumbre

1

El desamor, en cada acto,
dosifica la techumbre
de su violencia.

2

En la soledad del espejo
la brillante alucinación
de la mordaza.

3

Mis instintos más primarios
si te acercas
encienden su alarma.

4

El dolor siempre es virgen,
de ahí, la solemnidad
de su cuidado.

Telhados

Da minha janela
se expandem diversas. As roupas,
expostas ao ar e ao sol
balançam devagar. Emanações das quais,
debaixo
tentam se orientar. Atrás, o oceano
parcimonioso fabricante das águas,
de algo mais além
do propósito e da pressa.

O acontecimento se agrupa
como parede sempre nova.
Energias andam pelo ar,
presumem, às vezes, subornam o corpo
e o desfazem.

Rostos, reajustes indispensáveis
em que se desenvolvem. Implacável pulcritude
em todo feito. Depuração
do que sempre esteve
esperando a vez da cena.

Minha mão
apertou hoje toda sua corda
de algo mais além
do propósito e da pressa.

Azoteas

Desde mi ventana
se expanden diversas. Las ropas,
expuestas al aire y al sol
se mecen lentamente. Emanaciones de quienes,
debajo
intentan orientarse. Detrás, el océano
parsimonioso hacedor de las aguas,
del algo más allá
del propósito y la prisa.

El acontecer se agrupa
como pared siempre nueva.
Energías andan por el aire,
presumen, a veces, sobornan el cuerpo
y lo deshacen.

Rostros, reajustes indispensables
en que se desenvuelven. Implacable pulcritud
en cada hecho. Depuración
de lo que siempre estuvo
esperando el turno de la escena.

Mi mano
tensó hoy toda su cuerda
del algo más allá
del propósito y la prisa.

Através do cristal

Me darias uma carona
até o meio do caminho.
Certeza da cela
esforço do músculo.
Através do cristal a paisagem amarela,
as vacas em busca da penúltima erva.
Neste poema escrito
no suporte do ar.

O que vês
não é o que vês
ou sim.

A través del cristal

Me darías el aventón
hasta el medio camino.
Certidumbre de la celda
esfuerzo del músculo.
A través del cristal el paisaje amarillo,
las vacas en búsqueda de la penúltima hierba.
En este poema escrito
en el soporte del aire.

Lo que ves
no es lo que ves
o sí.

Flor

Músculos tensos sem proclamação.
O medo:
uma flor no meio do oceano.

O medo
na encruzilhada
do excludente.

Flor

Músculos tensos sin proclamación.
El miedo:
una flor en el medio del océano.

El miedo
en la encrucijada
de lo excluyente.

Tatuagem

I

Intensidade do gesto incrédulo.
Convulsão. Em face da indiferença
murmura uma oração.

Catarse de um lado do corpo:
A tatuagem. Pesar nos dias.
Segue a roda o ritmo do pedal.

II

A angústia tem sua porfia.
Deixá-la livre
sem que te trema
o olho.

Antes tua debilidade
outro se robustece.
Assim de simples é

o equilíbrio ecológico.

Tatuaje

I

Intensidad del gesto descreído.
Convulsión. Ante la indiferencia
masculla una plegaria.

Catarsis de un lado del cuerpo:
El tatuaje. Pesadumbre en los días.
Sigue la rueda el ritmo del pedal.

II

La angustia tiene su porfía.
Déjala libre
sin que te tiemble
el ojo.

Ante tu debilidad
otro se robustece.
Así de simple es

el equilibrio ecológico.

Legna Rodríguez Iglesias



Legna Rodríguez Iglesias

MS Trolley recorda países¹

Então, para não prolongar a história
me disseram *seu caso está aprovado*
embora seja um caso pendente, delicado.
E saí mais tranquila, mas lento.

Da cama/sofá, com desalento,
recordei as cidades onde estive,
Moçambique, Paris, Tóquio, Belgrado.
Somente no mapa e nos sonhos, não te minto.

Meu caso foi ruim porque eu
tivesse a aparência que tivesse
talvez dissesse sim quando era não.

E olhava nos olhos de qualquer um
porque foi o que *daddy* me ensinou
sejas alienígena ou sejas estrangeira.

Nota

1. Neste e nos outros sonetos, quando a rima não pode ser perfeita, buscamos, dentro do possível, sons semelhantes.

MS Trolley recuerda países

Entonces, para no hacer largo el cuento
me dijeron *su caso está aprobado*
aunque es caso pendiente, delicado.
Y salí más tranquila, pero lento.

Desde cama/sofá, con desaliento,
recordé las ciudades donde he estado,
Mozambique, París, Tokio, Belgrado.
Solo en mapa y en sueños, no temiento.

Mi caso era un mal caso porque yo
tuviera la mirada que tuviera
talvez decía sí cuando era no.

Y miraba a los ojos a cualquiera
porque fue lo que *daddy* me enseñó
seas alien o seas extranjera.

Samantha tem um Teddy Bear

À noite nos trouxeram Samantha
com suas roupas, seus livros e seu berço.
Dormiu mais adormecida que nenhuma
coberta dos pés até a garganta.

À noite nos trouxeram Samantha.
É órfã de pais e de lua.
Mas é boneca rica, felizmente.
São de ouro os fios de sua manta.

As cadeiras e a mesa para o chá
onde Samantha toma o chá às cinco
nos dão ganas de fazer o fricasé.

Samantha nos dá ganas de saltar
ao redor do prato de suflé.
Odiamos Samantha com afinco.

Samantha tiene un Teddy Bear

A noche nos trajeron a Samantha
con su ropa, sus libros y su cuna.
Se durmió más durmiente que ninguna
tapada de los pies a la garganta.

A noche nos trajeron a Samantha.
Es huérfana de padres y de luna.
Pero es muñeca rica, por fortuna.
Son de oro los hilos de su manta.

Las sillas y la mesa para el té
donde Samantha toma el té a las cinco
nos dan ganas de hacer la fricasé.

Samantha nos da ganas de dar brinco
alrededor del plato de suflé.
Odiamos a Samantha con ahínco.

Samantha *died*

Penduramos Samantha pelo pescoço
quatro e vinte passado o meridiano.
Era triste seu corpo tão anão
com um sapato feio e um formoso.

Samantha se chamava, mas aquilo
sorria diabólico e freudiano,
e seu par de pupilas de murano
envolia no último brilho.

A penduramos assim, sem programá-lo,
do chuveiro. A viga estava frouxa.
Tivemos que colocá-lo e ajustá-lo.

Por pouco seu vestido se molha.
Samantha, querida, você precisa tirá-lo.
Samantha nos pareceu meio roxa.

Samantha died

Colgamos a Samantha por el cuello
cuatro y veinte pasado meridiano.
Era triste su cuerpo tan enano
con un zapato feo y uno bello.

Samantha se llamaba, pero aquello
sonreía diabólico y freudiano,
y su par de pupilas de murano
envolvía en el último destello.

La colgamos así, sin programarlo,
de la ducha. La viga estaba floja.
Tuvimos que ponerlo y ajustarlo.

Por poco su vestido se le moja.
Samantha, corazón, hay que quitarlo.
Samantha se nos puso medio roja.

Não se diz

Eu venho (foi sua voz) puta, saco.
Mas não parecia repulsivo.
Palavras são palavras. Substantivo
se põe como é. Como se põe!

Eu venho (quarta vez) puta, saco.
Sua cabeça o comendo vivo.
Palavras são memórias. Substantivo
não sabe trair mesmo traições.

Memória sobre mim, debaixo de mim,
ao meu lado, comigo em uma esquina.
Palavra de que gosto e aprendi.

Espera, saco. Vaseline.
Sua cabeça comendo carmesim
é palavra, semiótica, e espinho.

No se dice

Me vengo (fue su voz) puta, cojones.
Pero no me sonaba repulsivo.
Palabras son palabras. Sustantivo
se pone como es. ¡Cómo te pones!

Me vengo (cuarta vez) puta, cojones.
Su cabeza comiéndoselo vivo.
Palabras son memorias. Sustantivo
no sabe traicionar aunque traiciones.

Memoria sobre mí, bajo de mí,
a mi lado, conmigo en una esquina.
Palabra que me gusta y aprendí.

Espérate, cojones. Vaselina.
Su cabeza comiendo carmesí
es palabra, semiótica, y espina.

Vomitar todos os donuts

Me disseram “é hora de comer”
e comi como um homem derrotado
que não sabe se parecer cansado
é melhor do que feliz parecer.

Me disseram “não pare de comer”
e comi sem futuro e sem passado,
mais alegre do que cão em um mercado,
doze horas até o amanhecer.

Logo joguei uma a uma tanta merda
que havia engolido noite antes.
Era apenas estúpida e mais lerda.

As pequenas se foram às aves tragantes
batendo-se da direita à esquerda.
Corações de farinha delirantes.

Vomitar todas las donuts

Me dijeron “es hora de comer”
y comí como un hombre derrotado
que no sabe si parecer cansado
es mejor que dichoso parecer.

Me dijeron “no pares de comer”
y comí sin futuro y sin pasado,
más alegre que perro en un mercado,
doce horas hasta el amanecer.

Luego eché una a una tanta mierda
que me había tragado noche antes.
Era apenas estúpida y más lerda.

Las pequeñas se fueron por tragantes
aporreándose de derecha a izquierda.
Corazones de harina delirantes.

Leyla Leyva



Leyla Leyva

Um cavalete para o andaluz

o longo sino toca com música variada
ressoa e ninguém ouve
meu marido suspeita que eu estou perdendo a audição
e muitas outras qualidades
que não poderá a memória reconstruir

algo disso eu imagino que pensa mas não diz
ou apenas o que oculto
vagando quando ele escreve
e não me vê colocando as mãos no fogo
remover a gordura falando baixo
com indecência

perdi quase toda a vivacidade de um olho
da mesma forma que a imagem do Coração
de Jesus de Beny
ou os zigotos
de golpe
uma queda ou sangramento interno
foram perdas não básicas que todos dissimulam
ou tentam fazer ver da mesma maneira
com que uma percebe o silêncio
das costas na noite
pouco temível
até tocar o limite sombrio

um dois sete pequenos grandezinhos
em um par
de que ninguém fala e ninguém quer ouvir
porque não cresceram de forma animada
na frente do obturador
embora alguns tivessem essa inominável
foto da alma sistêmica
que põe as mulheres a sonhar com o futuro
e se fracassam
está provado que podem suportá-lo

quando o sino de cinco cançõezinhas
caiu no natal
eu também pensei que ninguém ouvia
imaginei uma morada de surdos insaciáveis
viajando pelos canos exteriores da casa
até alcançar Luz/Arellano/Pocitos
/10 de outubro/
a avenida ensurdecadora de Havana

coberta pela merda vizinha
mas era minha mãe
minha mãe ao telefone sentindo-se algo estranha
como esses dias em que esconde
a cabeça entre os lençóis

bem no cume da granada do desfiladeiro
ela desconhece o que tento
o assunto — lhe explico — é fazer rolar a pedra
dinamitar as rotas
perder-se na cicuta do sussurro
se acaso sussurrar
e u — e s t o u — f i c a n d o — s u r d a

e a voz lhe ilumina

o tema lhe apaixona
ainda que eu presuma
que de um modo diferente

Un caballete para el andaluz

el timbre largo suena con música variada
suena y nadie oye
mi marido sospecha que estoy perdiendo oído
y otras muchas cualidades
que no podrá la memoria reconstruir

algo de eso imagino que piensa pero no dice
o sólo lo que oculta
lo de vagar cuando él escribe
y no me ve poner las manos en el fuego
remover la grasa hablando bajo
con indecencia

perdí casi toda la viveza de un ojo
de la misma forma que la imagen del Corazón
de Jesús de Beny
o los cigotos
de golpe
una caída o un sangrado interior
fueron pérdidas no básicas que todos disimulan
o intentan hacer ver de la misma manera
en que una percibe el silencio
de las costas en la noche
poco temible
hasta tocar el límite sombrío

uno dos siete pequeños grandecitos
en un par
de los que nadie habla y nadie quiere oír
porque no crecieron de forma animada
frente al obturador
aunque algunos tuviesen esa innombrable
foto del alma sistémica
que pone a las mujeres a soñar sobre el futuro
y si fracasan
está probado que pueden soportarlo

cuento el timbre de cinco cancioncillas
cayó en la navidad
yo también pensé que nadie oía
imaginé una morada de sordos insaciables
viajando por las cañerías exteriores de la casa
hasta alcanzar Luz/Arellano/Pocitos
/10 de Octubre /
la avenida ensordecida de La Habana

cubierta por la mierda vecinal
pero era mi madre
mi madre al teléfono sintiéndose algo rara
como esos días en que esconde
la cabeza entre las sábanas

justo en la cima granada del desfiladero
ella desconoce lo que intento
el asunto —le explico— es hacer rodar la piedra
dinamitar las rutas
perderse en la cicuta del susurro
si acaso susurrar
me —e s t o y —q u e d a n d o —s o r d a

y la voz se le ilumina

el tema le apasiona
aunque presumo
que de un modo diferente

O tragadouro

O que queres? O que supões que eu quero,
sentindo o viveiro, o irracional? Cinco portas
conto. Tu três. São muitos para ingressar no caos.
O caos é o tragadouro, um focinho, a laringe pedindo.
Faze uma cova em mim. Convida-me a ser a filha
ou o produto, não origem ou mediação de um fim
já impedido. Faze isso antes que o drama do arco
no chão seja inestimável. Apieda-te da criatura
de boca negra. Tutela a visão que sucede à cegueira
quando o rosto é um rosto que nunca teve rosto.
Vive-me esses íntimos detalhes da ascensão ao obstáculo.
/Arranhão de vinte centímetros exatos sobre o púbis
/. Não valem os sofismas, entendê-los, saber
por que avança e arde em risco o animal pequeno.
Há um tempo que apura a *guasasa*; um instante
difícil na formiga. Névoa suburbana que vens por
mim. Tu fechas depois de mim as portas dos banheiros
Tu te sentas sobre águas a completar as horas,
as imagens mudas que privam de saúde.
Bisbilhotas o iogurte, o leite, os pães
remordidos; a pele fresca, desafiante nos eixos,
que com violência obriga a ceder ou seguir.

El tragadero

¿Qué quieres? ¿Qué supones que yo quiera,
sintiendo el hervidero, la sinrazón? Cinco puertas
cuento. Tú tres. Son muchas para ingresar al caos.
El caos es el tragadero, un hocico, la laringe pidiendo.
Haz una madriguera en mí. Convídame a ser la hija
o el producto, no origen o medianía de un fin
ya impedido. Hazlo antes de que el drama del arco
en el suelo sea invaluable. Apiádate de la criatura
de boca negra. Tutela la visión que sucede a la ceguera
cuando el rostro es un rostro que nunca tuvo rostro.
Víveme esos íntimos detalles de ascensión al obstáculo.
/Rasguño de veinte centímetros exactos sobre el pubis
collado/. No valen los sofismas, entenderlos, saber
por qué avanza y arde en el riesgo el animal pequeño.
Hay un tiempo que apura a la guasasa; un instante
difícil en la hormiga. Niebla conurbana que vienes por
mí. Cierras después de mí las puertas de los baños.
Te sientas sobre aguas a completar las horas,
las imágenes mudas que privan de salud.
Husmeas en el yogurt, la leche, los panes
remordidos; la peladura fresca, desafiante en los ejes,
que con violencia obliga a ceder o seguir.

Da turbação do silêncio

eu
mais que calar
marinamagdalenapetitlovecraft
me ausento

De la turbación del silencio

yo
más que callar
marinamagdalenapetitlovecraft
me ausento

Doce vida, Lorine!

Algo en el agua/como una flor/devorará/el agua/la flor.
L.Niedecker

Somada à aridez do plano,
sob a árvore guardiã,
em meio ao calor da noite,
se pode encontrar
a sabedoria de uma groselha
no prato de repolho
ou no vinho derramado
sobre o mesmo prato.

Pode-se encontrar,
e uma não saber de que lhe vão servir
esse e outros conhecimentos:

bétula /cacto / a cabeça caída
sobre a areia

E nadas
dípticos. Surdos. Cegos,

que pedem espaço,
ao longo do dia desde a noite.

Dulce vida, Lorine!

Algo en el agua/como una flor/devorará/el agua/la flor.
L.Niedecker

Sumada a la aridez del plano,
bajo el árbol guardián,
en medio del calor de la noche,
se puede hallar
la sabiduría de una grosella
en el plato de col
o en el vino derramado
sobre el mismo plato.

Se puede hallar,
y una no saber de qué van a servirte
ese y otros conocimientos:

abedul /cactus/ la cabeza caída
sobre la arena.

Y nadas
dípticas. Sordas. Ciegas,
que piden espacio,
al *largo día desde anoche*.

Mataremos o filho

nesse outro
filme
que vivemos
pelo tempo que
não vimos ir-se
mas que se foi
e nos despede
nos diz
despeçam-se
vocês
que se amaram
tanto
apesar do que houve
porque houve.
Comemorem-se
na cura
como os santos
como assunto
encerrado.
Tudo
e nada
se disse
com o machado quase.

Mataremos al hijo

en esa otra
película
que vivimos
por el tiempo que
no vimos irse
pero se fue
y nos despide
nos dice
despidanse
ustedes
que se han querido
tanto
a pesar de lo que hubo
porque hubo.
Celébrense
en la cura
como los santos
como asunto
zanjado.
Todo
y nada
se ha dicho
con el hacha casi.



Línea de Feria



Lina Feria

Poema para a mulher que fala sozinha no *Parque de Calzada*

em tua sombrinha não se comprehende nenhum rumor
se contam as histórias de todas as cidades que perderam o mar
dos lugares de onde não puderam levantar mais que ruínas
onde às vezes nada valeu a pena
e desejavas tantas mãos improváveis
que terminastes sendo um galho no solo
falavas para crer
e agora incrédula dos parques
incrédula dos homens
cresces da incoerência como um golpe humano
como algo diante do que se tem que desviar o olhar
ou sentir como uma vermelhidão diante da falta de tradição
antes o nada que deixar
alguém que descarrilou tuas margens
e agora nos arrancas do teu tempo
para nos deixar na categoria de sombras que não respeitas
desclassificados do corpo frente a ti
bem que tens tua razão
e apenas se a crítica vale
se a minha denúncia não é outra coisa
que o instinto de se sentir animal nosso
 espécie nossa
 possibilidade e fim nosso
(que eras como qualquer ser lógico e agora a solidão te domina
e nada te detém e ninguém poderia te deter)
O que serias no antes
a mãe a concertista a prostituta
a que tinha o tédio a alienada do amor platônico
a assexual a torpe a que não teve continuação?
és patética e extraordinária
se mentes mentes com tua verdade
e assim te vemos alguns com teu banco com tua sombrinha
com teus lábios pintados por fora com uma linha de tremor

fazendo teus contos que ninguém recorda
e eterna como um retrato
estou segura de que me saberiam ouvir se digo que és
uma personagem de Antonioni ou Buñuel
que serias um absoluto para Dostoiévski
e que tuas mãos são para Chagall
estás cerca deles de alguma maneira
como o estás de mim em algum lugar comum na vida
mulher que fala como martelando
ninguém falará de ti mas ficas
vergonha que repete sua canção
fora de moda é certo
em frente ao teatro de Calzada e D.

Poema para la mujer que habla sola en el parque de Calzada

en tu sombrilla de huecos no se comprende ningún rumor
se cuentan las historias de todas las ciudades que perdieron
[el mar]

de los sitios donde no pudieron levantar más que ruinas

donde a veces nada valió la pena

y deseabas tantas manos improbables

que terminaste siendo un gajo contra el suelo

hablabas para creer

y ahora incrédula de los parques

incrédula de los hombres

creces de la incoherencia como un golpe humano

como algo ante lo que uno tiene que quitarse la mirada

o sentir como un enrojecimiento ante la falta de tradición

ante el nada que dejar

alguien descarriló tus márgenes

y ahora nos arrancas de tu tiempo

para dejarnos en la categoría de sombras que no respetas

desclasados del cuerpo frente a ti

bien que tienes tu razón

y apenas si la crítica vale

si la denuncia mía no es otra cosa

que el instinto de sentirse animal nuestro

especie nuestra

posibilidad y término

[nuestro

(que eras como cualquier ser lógico y ahora la soledad te

[abruma

y nada te detiene y nadie podría detenerte)

¿qué serías en el antes

la madre la concertista la prostituta

la que tenía el tedio la alienada la del amor platónico

la asexual la torpe la que no tuvo continuación?

eres patética y extraordinaria

si mientes mientes con tu verdad

y así te vemos algunos con tu banco con tu sombrilla

con tus labios pintados por fuera con una línea de temblor

haciendo tus cuentos que nadie recuerda
y eterna como un retrato
estoy segura que sabrían oírme si digo que eres
un personaje de Antonioni o de Buñuel
que serías un absoluto para Dostoyevsky
y que tus manos son para Chagall
estás cercana a ellos de alguna manera
como lo estás de mí en algún sitio común de la vida
mujer que habla como a martillazos
nadie hablará de ti pero te quedas
vergüenza que repite su canción
fuera de moda es cierto
frente al teatro de Calzada y D.

A DULMA

*em dias como hoje
em que não encontro a paz
daquele amor*

Canção popular

o hábito de se amar só pôde acontecer
por haver sido a gente que eu era e tu a outra
tomando o copo de água com as pernas quentes
empoeiradas após a correria e postas
para descansar contra o sol ardente que era o mesmo
que o interior de uma armadura
que o leme de um navio
que um desenho a carvão do tempo para o tempo.

como uma simples explicação
basta com a constância do sangue
o destino comum do olhar quando se fixa
por enormes territórios de cidade ou de selva
e a acusam de ausente de que tu tenhas partido
do chão real com o teu cachorrinho que poderia ser
eu que poderia ser a dama digna de tua mãe.

mas a mim não me basta a lei da herança
irmã minha.

conseguir o hábito foi um desafio distinto
uma longa viagem dura e eterna.
ligar-me a ti por um destino íntegro.
com álbum de família, sem cobranças.
era saber como manter a sábia cicatriz
dos terrores conjuntos
ou o momento em que aprendemos a fazer silêncio para que outros
nos dessem as indicações de como viver sobre a terra

– coisa sem importância –
embora por dentro permaneceram as palavras
que somente em dias como hoje ou quando estás doente
posso dizer coerentemente.

A DULMA

*en días como hoy
en que no encuentro la paz
de aquel amor*

Canción popular

el hábito de amarse sólo pudo pasar
por haber sido la gente que yo era y tú la otra
tomándonos el vaso de agua con las piernas calientes
polvorrientas después del corretaje y puestas
a descansar contra el solazo que era lo mismo
que el interior de una armadura
que el timón de una nave
que un dibujo a carbón del tiempo para el tiempo.

como una simple explicación
basta con la constancia de la sangre
el sino común de la mirada cuando se fija
por enormes territorios de ciudad o de selva
y la acusan de ausente de que te has marchado
del suelo real con tu perrito que pudiera ser
yo que pudiera ser la dama digna de tu madre.

pero a mí no me basta con la ley de la herencia
hermana mía.

conseguir el hábito era un reto distinto
un largo viaje duro y eterno.
ligarme a ti por un destino íntegro.
con álbum familiar, sin cobros.
era saber conservar la sabia cicatriz
de los terrores conjuntos
o el momento en que aprendimos a hacer silencio para que otros
nos diesen las indicaciones de cómo vivir sobre la tierra

– cosa sin importancia –
aunque por dentro quedaran las palabras
que sólo en días como hoy o cuando estás enferma
puedo decir coherentemente.

Poema a Gala

*que importam à minha mente as praias deste mundo?
é somente esta que se crava em minha memória.*

LUIS CERNUDA

entrei em um portão denso.
saltei de novo para a zona intocável de minha vida
quando vi a perfeição diante de minha cerca atual
com outro corpo talvez mais delicado
mas desta vez sem acordeão
sem o abrigo de Berna
para meus invernos crus inventados
sem o Diário de pérola com a chavezinha misteriosa
que me trouxe da Guatemala
para escrever meus raros segredos de menina problema.
hoje entrei de novo em uma comporta densa, única.
You only live twice.
Salvador Dalí parece que não entrara
mas também entrou.
quanto palácio em Cadacqués
frente às maravilhas das minhas pupilas dilatadas
e meio cegas pelo deslumbramento.
e aqui estava Salvador Dalí
o mais mutável ficcionista de Gala
quem disse no meu ouvido:
ninguém pode pintar Dante no Inferno
se não o leva por dentro.
não tem a ver com as ideias de uma época.
não é sequer uma Suma
ou a ponte entre a idade média e o renascimento.
deixa isso aos teóricos que são sempre
ao menos suspeitos de alguma frustração.
há que levá-lo dentro.

digo ao Inferno há que levá-lo dentro
e logo projetá-lo a qualquer hora
assim
dentro de um ovo
com um olho rachado
ou como se passa comigo
quando eu entro em um portão denso
não com Virgílio e sua harpa
mas do braço de Segismundo Freud
apagado já
ossinho neutro.

já que Emilio se perguntava:
“mas o amor como direi que seja?
o soube alguma vez?
o haverei esquecido?”
eu reconheço
sem desprender-me
do ossinho neutro dos dois Segismundos
que creio no amor
em este portão denso
cujo corredor escorregadio
me conduz ao desespero
e à calma intermitente
dependendo do momento
em que esteja observando
a completa ficção do que me comove.

ao menos sei que não é minha própria imagem no espelho.
ao menos estou segura de que os demais existem
e que se debatem na vida
 dramaticamente
como também se debateu e viveu
 cheio de equívocos

Immanuel Kant
e já por último
ao menos sei que não se trata
da confirmação de um com o outro
nem muito menos do terror

daquele poeta que não quis chegar a Paris
porque teria significado
perder sua ideia inventada da beleza
(terrível desamparo
como uma fuga para o Egito).
em vez disso eu creio que o amor
é o contágio de um olhar
único
o aspecto desconcertante
superior e íntimo
do poder inquisitivo desse olhar
ou o amor
o que sustenta a regularidade da existência
ao mesmo tempo que esta energia
e o que sustenta a regularidade dos suicídios.

se o amor
é toda porta de entrada ou de saída
é também o portão denso e infernal
e quase hipnótico
que me esperava
por trás daqueles olhos balísticos
quase errados e ingênuos e completamente absurdos
do mistério que chegou e chegou
 em gigantesca escala
como turbilhão do caos
como a substância da vertigem
como o curare na flechinha da zarabatana
paralisando-o todo
mas já pela minha desgraça e minha existência
essencialmente inevitáveis.

(29 de agosto de 1998)

Poema a Gala

*qué importan a mi mente las playas de este mundo?
es solamente ésta quien clava mi memoria.*

LUIS CERNUDA

entré en una compuerta densa.
salté de nuevo a la zona intocable de mi vida
cuando vi la perfección ante mi reja actual
con otro cuerpo tal vez más delicado
pero esta vez sin acordeón
sin el abrigo de Berna
para mis inviernos crudos inventados
sin el Diario de nácar con llavecita misteriosa
que me trajo de Guatemala
para escribir mis raros secretos de niña problema.
hoy entré de nuevo en una compuerta densa, única.
You only live twice.
Salvador Dalí parece que no entrara
pero también entró.
cuánto palacio en Cadacqués
frente a las maravillas de mis pupilas dilatadas
y medio ciegas por el deslumbramiento.
y he aquí que fue Salvador Dalí
el más mutable ficcionador de Gala
quien me lo dijo al oído:
nadie puede pintar a Dante en el Infierno
si no lo lleva dentro.
no tiene que ver con las ideas de una época.
no es ni siquiera una Suma
o el puente entre el medioevo y el renacimiento.
deja eso a los teóricos que son siempre
al menos sospechosos de alguna frustración.
hay que llevarlo dentro.

digo que al Infierno hay que llevarlo dentro
y luego proyectarlo a cualquier hora
así
dentro de un huevo
con un ojo cascado
o como me pasa a mí
cuando entro en una compuerta densa
no con Virgilio y su arpa
sino del brazo de Segismundo Freud
apagado ya
huesito neutro.
ya que Emilio se preguntaba:
«pero el amor cómo diré que sea?
lo supe alguna vez?
lo habré olvidado?»
yo reconozco
sin desprenderme
del huesito neutro de los dos Segismundos
que creo en el amor
en esta compuerta densa
cuyo pasillo resbaladizo
me conduce a la desesperación
y a la calma intermitentes
dependiendo del momento
en que esté observando
la completa ficción de lo que me commueve.
al menos sé que no es mi propia imagen en el espejo.
al menos estoy segura de que los demás existen
y que se debaten en la vida
 dramáticamente
como también se debatió y vivió
 lleno de equívocos

Enmanuel Kant
y ya por último
al menos sé que no se trata
de la confirmación de uno con el otro
ni mucho menos del terror

de aquel poeta que no quiso llegar a París
porque hubiera significado
perder su idea inventada de la belleza
(terrible indefensión
como una huida a Egipto).
mas bien yo creo que el amor
es el contagio de una mirada
única
el aspecto desconcertante
superior e íntimo
del inquisitivo poder de esa mirada
o el amor
lo que sostiene la regularidad de la existencia
a la vez que esta energía
y lo que sostiene la regularidad de los suicidios.

si el amor
es toda puerta de entrada o de salida
es también la compuerta densa e infernal
y casi hipnótica
que me esperaba
tras esos ojos balándricos
casi errados e ingenuos y completamente absurdos
del misterio que arribó y arribó
 en gigantesca escala
como vorágines del caos
como la sustancia del vértigo
como el curare en la flechita de la cerbatana
paralizándolo todo
pero ya para mi desgracia y mi existencia
esencialmente inevitables.
(29 de agosto, 1998)

De María García Granados a José Martí

a estufa
um pobre santuário de carvão
encurralado em uma morte breve.
em suas costas meus olhos escorregadios
subjugados pela fronte que eu mais amava
quando manteve outra vida corpórea
 mas igualmente solitária.

neste grande momento
em que te vejo buscar selecionar
nas vozes inúmeras do poema
com as quais deixar minha história recitável
para o pátio dos famosos atos cívicos
nas escolas privadíssimas da República
e que disseram para sempre de mim:
 teve a face mais rupestre do século
e não pôde esconder sua confusão
quando tua inteligência teve um dia
 de rédeas contra o ar.

me atenda José Martí
para que evitas de uma vez este poema
que não sou o cadáver de gelo
nem o cadáver de um amor que sentias
como filho da lisonja
 mas uma brisa oculta
ardente como a fogueira de tua solidão
brasa caindo brasa até o último instante
em que condensei toda a água do rio
na medida em que fui sem remédio até o fundo.

De María García Granados a José Martí

la estufa
un pobre santuario de carbón
arrinconado en una muerte breve.
a tu espalda mis ojos resbaladizos
subyugados por la frente que más amé
cuando sostuve otra vida corpórea
pero igualmente solitaria.

en este gran momento
en que te miro buscar seleccionar
en las voces innúmeras del poema
con que dejar mi historia recitable
para el patio de los famosos actos cívicos
en las escuelas privadísimas de la República
y que dijieran para siempre de mí:
 tuvo la cara más rupestre del siglo
y no pudo ocultar su confusión
cuando tu inteligencia tuvo un día
 de riendas contra el aire.

atiéndeme José Martí
para que evites de una vez ese poema
que no soy el cadáver de hielo
ni el cadáver de un amor que sentías
como hijo del halago
 sino una brisa oculta
ardiente como la hoguera de tu soledad
brasa cayendo brasa hasta el último instante
en que condensé toda el agua del río
a medida que fue sin remedio hasta el fondo.

Quando o lobo uiva na *Quinta del Sordo*

(Fragmento)

(III)

a greta da morte
poderia ser o abandono de uns olhos abertos
recremindo a madeira que se afasta no mar

nunca há ironia
se não rápida compreensão do mínimo destino
dos seres humanos
que nunca sobrevivem a seu próprio desenho.
a terrível memória nos carcome algum ídolo
melhor poda nobrezas
e se disparam tantos amanheceres
que o azul não se estanca.

o lobo uiva na *Quinta del Sordo*
mas ainda nas mais estreitas selvas
uma faca pode cortar as víboras
escondendo traições e perigos.
o problema está na cidade
onde somos liliputienses
oprimidos por leis universais
condenando todo pensamento a um descanso
apenas momentâneo.

a vida é tão faminta
como se a injustiça se armasse
de repente com o empalamento antigo
e somos atravessados do princípio ao fim
pelo destino negado

a ser simples carro de estrelas
contra o céu.

amar às vezes
é uma simples multa para o tráfego em ordem
e se nos detemos diante de um ferido
e cobrimos seu sangue com um olhar

que esse olhar não seja mais
que a rebentação dos restos
da nossa nobreza.
esperancemo-nos diante do íntimo deus que sobrevém
como calada mão
desmoronando-nos a teimosa fome
os rebentos a ponto de secarem.

Cuando el lobo aúlla en la Quinta del Sordo
(Fragmento)

(III)

la grieta de la muerte
pudiera ser el abandono de unos ojos abiertos
recremado el madero que se aleja en el mar

nunca hay ironía
 sino rápida comprensión del mínimo destino
de los seres humanos
que nunca sobreviven a su propio diseño.
la terrible memoria nos carcome algún ídolo
 más bien monda noblezas
y se disparan tantos amaneceres
 que el azul no se estanca.

el lobo aúlla en la Quinta del Sordo
pero aún en las más angostas selvas
un cuchillo puede cercenar las víboras
ocultando traiciones y peligros.

el problema está en la ciudad
 donde somos liliputienses
agobiados por leyes universales
condenando todo pensamiento a un descanso
 sólo momentáneo.

la vida es tan hambrienta
como si la injusticia se armara
de pronto con el empalamiento antiguo
y somos atravesados de principio a fin
por el destino negado

 a ser simple carro de estrellas
 contra el cielo.

amar a veces
 es una sencilla multa para el tráfico en orden
y si nos detenemos ante un herido
 y cubrimos su sangre con una mirada

que esa mirada no sea más
que el rompiente de los restos
de nuestra nobleza.
esperancémonos ante el íntimo dios que sobreviene
como callada mano
migajándonos la tercera hambruna
los retoños a punto de secarse.

Martha Luisa Hernández Cadenas



Martha Luisa Hernández Cadenas

O Palácio das Ursulinas *un siglo de sol después*

A casa cai em cima de nós
A casa não suporta este sol que se impregna
Nas paredes rachadas que não suportam
Esta cidade patrimônio.

Cai em cima de nós.

Meu amor não resiste às paredes
Escuta
Meu amor escuta através das paredes
O silêncio se estende e se dissipá
Através de meus ouvidos que desconhecem tudo
Este sol, luz, forno, queimadura.

A casa de teu pai cai em cima de nós
Quando cheguei a esta cidade não sabia desta casa
Não sabia quase nada
Me desconhecia nesta cidade
E agora sou alguém que também desconheço
Um homem me abraçou e me trouxe a esta casa
As paredes ao chegar gritaram
Como as crisálidas gritam silenciosas
Mas eu as posso escutar.

Um homem que me amava e que queria sã
Me pôs nesta cama
Me acomodou as cadeiras
Me limou o umbigo
E pôs outro nome em minha história
Agora sou uma mulher que não se reconhece.

À minha mãe enviava soldos
Soldos que viajavam até a porta de sua casa
E soldos que giravam com uma parte de mim

Sangrada e aparafusada e em uma casa
Um quartinho sujo de Havana Velha
Que antes foi convento
Que antes foi fábrica
O agora é parede, rachadura, sangramento
Porque aqui tudo se queima com o sol.

Amei de meu colchão e meus lençóis brancos-sujos
A voz entorpecida de insetos
A cidade dos insetos
A cidade da escuta quebrada
A entrada para uma passagem
A entrada para o labirinto.

Eu conheci a este homem em um carnaval de meu povoado
E no central fechado
Este homem me fez duas promessas:
Vou mudar te nome e vou te levar para viver em Havana.

Quando cheguei a esta casa me senti surda
Por isso escutei o que não escutava antes
Minha mãe me queimou a roupa para que não me fosse
Minha mãe matou seus cães para que não me fosse
Minha mãe matou a virgem para eu não me fosse
Mas esse homem pôs em mim a ideia de uma cidade.

Às vezes me torceram os ossos
A coluna infinitas vezes machucada
Pelo peso de cem homens
Às vezes me mudaram o nome
Me pediram para ser outra e outra e outra.

Em um colchão puído e de molas
Meu homem, meu herói, meu traficante de cidade
Me deu beijos no ouvido e me cantou uma canção
Me chamou de princesa e me lavou a cabeça
Descuidei da cabeça entre torção e torção
Descuidei dos fios de meu cabelo encaracolado.

Olhava para fora com meus olhos
Até que meus olhos se queimaram pelo resplendor
Uma mulher ativa na máquina de costura
A escuto
Essa mulher me escuta
Mas é o som da crisálida o que aprendes a beijar
E o som da crisálida o que aprender a olhar.

À minha mãe não voltei a ver
Os soldos veem seus olhos
bilhetes que há de queimar e queimar.
Minha mãe, camponesa, mãe, odeia o dinheiro que levou sua filha para
a cidade
Odeia a estreita visão do coração de sua filha
Agora sabe que devia queimar esse coração.

Uma mão me toma as medidas
Me embala e fecho os olhos
Escutei do filho que foi até o sol
Escutei das telas e das texturas
Escutei das bonequinhas de papel
Desenhava vestidos para minhas bonequinhas e era feliz
Correndo no campo
No canavial vestia minhas bonequinhas
E esperava o homem que chegaria para me salvar
E vestir-me com outras roupas.

Minha mãe estará enrugada e enferma
Caminhará devagar com toda a ira do mundo
E acenderá uma velinha por mim
Minha mãe estará morrendo
Me olhará com lástima e me coserá um vestido
Um vestido que usarei no dia de meu batismo
Esta ilha de batismo e roupa sangrenta
Minha mãe soube meu destino e começou a morrer
Se os soldos não chegam à minha mãe

Até onde irão os soldos
Se meus vestidos foram queimados
Até onde ficarão os tecidos.
Escuto a outra mulher de um ano desconhecido
Uma mulher parece a outra mulher de uma época desconhecida.

Lajes que levanto com as unhas
Para dormir pegada ao chão
E ali sentir a essa mulher
Que me olha e canta para mim
Minha segunda mãe me teme
Minha segunda mãe beija minhas asas
Minha segunda mãe fala de liberdade
Minha segunda mãe tem fios de espuma
No chão se bordam seus fios
Querem me vestir de princesa.

Me obsessionei com o mar e a liberdade
O pó e o vermelho me cansaram
A ironia da fome e a ironia da carne de porco
Meus lençóis sempre foram puros
Mas minha casa sempre cheirou mal
Aqui o sol e a chuva apagam os rastros
Não são capazes de apagar as pragas
Mas apagam vestígios de chiqueiros e banheiros comuns
De homens que se torcem em cima de mim
O lodo de sua miséria
A depressão de sua soberba
A lástima de sua luta.

Através das paredes
Minha segunda mãe e eu escutamos
Um concerto de solidão e raiva
Doze mulheres foram mortas assassinadas
Crimes passionais
Filhos sem mãe rezam

Crimes acusados

A meu homem não lhe importam os outros

A meu homem não lhe importam minhas feridas

A meu homem não lhe importa que minha segunda mãe e eu conversemos
todo o dia

Vinte jogos conhecemos

Sobre raios de sol, insetos e costuras.

Me lê livros e me fala de seus filhos

Ponho debaixo da lousa os segredos

Me revela segredos sobre o tempo

Sobre a terra infértil de um país

Ponho selinhos para minha segunda mãe

Que agora está grávida.

Onde começa a história de minha mãe

Onde começa minha história

Onde começa a história do Palácio das Ursulinas

Onde se verte e se perde meu sangue

Onde os lençóis se amontoam branco-sujos

Para ferver com o colapso

Para ferver com o *matajíbaro*¹

No canavial uma vez vi a dois homens

É a única vez que vi a dois homens que se amam

E os olhei tranquila pensando no quão só estaria minha mãe

se esses homens me agarravam

Agora minha mãe é uma recordação

Uma recordação que não dói

Não cega

Não espessa o hábito de invadir os homens

Minha mãe e minha segunda mãe não são um estorvo

Nota

1. Prato da culinária cubana, feito com bananas, carne de porco e torresmo.

É a noite

E os fantasmas dessas mulheres cobertas de borboletas

E os fantasmas de mulheres de outra história e outro século e outro futuro

Cobertas de mariposas pretas e *tataguas*¹ rosas, roupas de papel.

Penso nos cães que matou minha mãe para que não me fosse

Minha roupa ardendo no ar

Voando até a central e perdendo-se como se perde o mundo depois da chuva

Se esse homem volta a pedir que eu me vá

Acreditarei em sua promessa

Entrarei em um trem com ele

E virei a este quarto no Palácio das Ursulinas para não sair jamais.

As bonequinhas de papel de rosto e olhar diferentes

O único de que sinto falta é a liberdade do campo

O vermelho e o pó de minha mãe me aparecem

Esta mulher me fala de política e de sonhos

Minha segunda mãe tem muita fé no amor

Tem muito medo das outras mulheres

Mas a mim não teme

A mim me olha para me remover os tímpanos e aliviar os ossos torcidos.

Todos os homens entram no quarto

Cospem no chão

Durmo sobre o resto úmido de tantos homens

Entraram os gatos e quiseram ficar aqui

Meu homem os envenenou e os envolveu em um lençol

Comendo sempre o mesmo

Untei o veneno em meu arroz

E morreu uma desconhecida

Minha segunda mãe e eu a enterramos em uma esquina do quarto

Nota

1. Um tipo de mariposa

A vimos agonizar
E nos pusemos a recortar bonequinhos de papel
Ela me disse como vesti-las
E eu desenhei as roupas mais lindas que imagino
E eu pressinto que serão as roupas mais lindas nunca antes imaginadas.

Anunciam um furacão
Ele fecha as janelas e me abraça e me acaricia
Às vezes creio que sou como esses gatos
Vêm fugindo de algo
Vêm para morrer
Faz 5 anos
Vim à cidade a ver costurar minha segunda mãe
Ela terá uma filha
E eu estarei percorrendo este labirinto
Junto a doze mulheres mortas por crimes passionais
Junto a outras doce mulheres suicidas
Junto a outras mulheres de vinte nomes.

Escuto sua voz
Me fala do mar
O mar destrói o papel
Mas as bonequinhos de papel não se destroem
Escuto o mar
Me fala do mar
E escuto o mar
Um mar que como tsunami desbordado na cidade
Vai adentrando-se entre estas paredes
Chega até meus ossos
Um canavial também é o mar
Uma mãe que sente saudade também é o mar
Uma cidade com um quartinho no Palácio das Ursulinas também é o mar
Escuto sua voz
Escuto a máquina
Escuto os cortes
Escuto dobrada ao biés

Escuto argolas
Escuto fendas
Escuto milhões de homens que se rasgam como o papel no mar
Sua saliva no solo é limpa
Por este mar que destroça as pegadas
Mas não destroça meu sonho
Mas não destroça as figuras
As figuras de uma revista na qual faz o traçado
O traçado das minhas bonequinhas de papel.

Um século de sol
Escuto
Ao cadáver de meu pai o velamos na casa
Morto a facadas
Quero ir-me
Quero ir-me do pó e do vermelho
Quero ir-me
Quero sair da morte de meu pai
Um mar através do canto de doze mulheres
Queimadas também por um homem
Minha mãe me espera às 5 da tarde
Minha mãe tem me esperado em século de sol às 5 da tarde
Minha mãe me espera dando-se facadas
Sentindo lástima por mim
Crédula e enamorada em uma central
Fantasmagórica na cidade
Vendo o furacão
Um século de sol depois de novembro de 1952.

El Palacio de las Ursulinas *un siglo de sol después*

La casa se nos viene encima
La casa no soporta este sol que se impregna
En las paredes rajadas que no soportan
Esta ciudad patrimonio.

Se nos viene encima.

Mi amor no resiste las paredes
Escucha
Mi amor escucha a través de las paredes
El silencio se extiende y se disipa
A través de mis oídos que desconocen todo
Este sol, luz, horno, quemadura.

La casa de tu padre se nos viene encima
Cuando llegué a esta ciudad no sabía de esta casa
No sabía casi nada
Me desconocía en esta ciudad
Y ahora soy alguien que también desconozco
Un hombre me abrazó y me trajo a esta casa
Las paredes al llegar chillaron
Como las crisálidas chillan silenciosas
Pero yo las puedo escuchar.

Un hombre que me amaba y me quería sana
Me puso en esta cama
Me acomodó las caderas
Me limpió el ombligo
Y puso otro nombre a mi historia
Ahora soy una mujer que no se reconoce.

A mi madre le enviaba giros
Giros que viajaban hasta la puerta de su casa
Y giros que giraban con una parte de mí

Desangrada y atornillada en una casa
Un cuartico sucio de la Habana Vieja
Que antes fue convento
Que antes fue fábrica
Que ahora es pared, rayadura, desangramiento
Porque aquí todo se achicarra con el sol.

Amé de mi colchón y mis sábanas blanquisucias
La voz adormecida de los insectos
La ciudad de los insectos
La ciudad de la escucha rota
La entrada a un pasadizo
La entrada al laberinto.

Yo conocí a este hombre en un carnaval de mi pueblo
Y en el central cerrado
Este hombre me hizo dos promesas:
Te voy a cambiar el nombre y te voy a poner a vivir en La Habana.

Cuando llegué a esta casa me sentí sorda
Por eso escuché lo que no escuchaba antes
Mi madre me quemó la ropa para que no me fuera
Mi madre mató a sus perros para que no me fuera
Mi madre mató a la Virgen para que no me fuera
Pero ese hombre puso en mí la idea de una ciudad.

A veces me torcieron los huesos
La columna infinitas veces machucada
Por el peso de cien hombres
A veces me cambiaron el nombre
Me pidieron ser otra y otra y otra y otra.

En un colchón roído y de muelles
Mi hombre, mi héroe, mi traficante de ciudad
Me dio besos en el oído y me cantó una canción
Me llamó princesa y me lavó la cabeza
Descuidé la cabeza entre torcedura y torcedura
Descuidé las hebras de mi pelo rizado.

Miraba hacia fuera con mis ojos
Hasta que mis ojos se quemaron por el resplandor
Una mujer activa una máquina de coser
La escucho
Esa mujer me escucha
Pero es el sonido de la crisálida lo que aprendes a besar
Es el sonido de la crisálida lo que aprendes a mirar.

A mi madre no la he vuelto a ver
Los giros miran sus ojos
billetes que ha de quemar y quemar.
Mi madre, guajira, madre, odia el dinero que se llevó a su hija
[a la ciudad
Odia la estrecha visión del corazón de su hija
Ahora sabe que debió quemar ese corazón.

Una mano me toma las medidas
Me arrulla y cierro los ojos
Escuché del hijo que fue hasta el sol
Escuché de las telas y las texturas
Escuché de las cuquitas
Dibujaba vestidos para mis cuquitas y era feliz
Corriendo en el campo
En el cañaveral vestía a mis cuquitas
Y esperaba al hombre que llegaría a salvarme
A vestirme con otras ropas.

Mi madre estará arrugada y enferma
Caminará despacio con toda la ira del mundo
Y prenderá una velita por mí
Mi madre estará muriendo
Me mirará con lástima y me coserá un vestido
Un vestido que usaré el día de mi bautizo
Esta isla de bautismo y vestidura sangrante
Mi madre supo mi destino y empezó a morir
Si los giros no llegan a mi madre
Hacia dónde irán los giros

Si mis vestidos fueron quemados
Hacia dónde quedarán los tejidos.
Escucho a otra mujer de un año desconocido
Una mujer sueña a otra mujer de una época desconocida.

Losas levanto con las uñas
Para dormir pegada al suelo
Y allí sentir a esa mujer
Que me mira y me canta
Mi segunda madre me teme
Mi segunda madre me besa las alas
Mi segunda madre habla de la libertad
Mi segunda madre tiene hilos de espuma
En el suelo se bordan sus hilos
Me quieren vestir de princesa.

Me obsesioné con el mar y la libertad
El polvo y lo rojo me cansaron
La guasa del hambre y la guasa del puerco
Mis sábanas siempre fueron puras
Pero mi casa siempre apestó
Aquí el sol y la lluvia borran los rastros
No son capaces de borrar las plagas
Pero borran los rastros de cochiquerías y baños comunes
De hombres que tuercen encima de mí
La baba de su miseria
La depresión de su soberbia
La lástima de su lucha.

A través de las paredes
Mi segunda madre y yo escuchamos
Un concierto de soledad y rabia
Doce mujeres han muerto asesinadas
Crímenes pasionales
Hijos sin madre rezan
Crímenes inculpados

A mi hombre no le importan los otros
A mi hombre no le importan mis heridas
A mi hombre no le importa que mi segunda madre y yo
[conversemos todo el día

Veinte juegos conocemos
Sobre rayos de sol, insectos y costuras.

Me lee libros y me habla de sus hijos
Pongo debajo de la losa los secretos
Me revela secretos sobre el tiempo
Sobre la tierra infértil de un país
Pongo estampitas para mi segunda madre
Que ahora está embarazada.

Dónde comienza la historia de mi madre
Dónde comienza mi historia
Dónde comienza la historia de El Palacio de las Ursulinas
Dónde se vierte y se pierde mi sangre
Dónde las sábanas se amontonan blanquisucias
Para hervir con el derrumbe
Para hervir con el matajíbaro
En el cañaveral una vez vi a dos hombres
Es la única vez que he visto a dos hombres que se aman
Y los miré tranquila pensando en lo sola que estaría mi mamá
si esos hombres me agarraban
Ahora mi madre es un recuerdo
Un recuerdo que no duele
Ni enceguece
Ni espesa el hábito de quebrarme en hombres
Mi madre y mi segunda madre no son un estorbo
Es la noche
Y los fantasmas de estas mujeres cubiertas de mariposas
Y los fantasmas de mujeres de otra historia y otro siglo y otro
[futuro
Cubiertas de mariposas negras y tataguas rosas, ropas de papel.

Pienso en los perros que mató mi madre para que no me fuera
Mi ropa ardiendo en el aire
Volando hasta el central y perdiéndose como se pierde el
[mundo después de la lluvia
Si ese hombre me vuelve a pedir que me vaya
Creeré en su promesa
Me montaré en un tren con él
Y vendré a este cuarto de El Palacio de las Ursulinas para no
[salir jamás.

Las cuquitas de rostro y mirada diferentes
Lo único que extraño es la libertad del campo
Lo rojo y el polvo y mi madre se me aparecen
Esta mujer me habla de política y de sueños
Mi segunda madre tiene mucha fe en el amor
Tiene mucho miedo de las otras mujeres
Pero a mí no me teme
A mí me mira para quitarme los tímpanos y aliviar los huesos
[torcidos.

Todos los hombres que entran al cuarto
Escupen el suelo
Me acuesto sobre el resto húmedo de tantos hombres
Entraron los gatos y quisieron quedarse aquí
Mi hombre los envenenó y los envolvió en una sábana
Comiendo siempre lo mismo
Unté el veneno en mi arroz
Y murió una desconocida
Mi segunda madre y yo la enterramos en una esquina del cuarto
La vimos agonizar
Y nos pusimos a recortar cuquitas
Ella me dice cómo vestirlas
Y yo dibujo las ropas más lindas que imagino
Y yo presiento que serán las ropas más lindas nunca antes
[imaginada.

Anuncian un huracán
Él cierra las ventanas y me abraza y me acaricia
A veces creo que soy como esos gatos
Vienen huyendo de algo
Vienen a morir
Vine a la ciudad a morir
Hace 5 años
Vine a la ciudad a mirar coser a mi segunda madre
Ella tendrá una hija
Y yo estaré recorriendo este laberinto
Junto a doce mujeres muertas por crímenes pasionales
Junto a otras doce mujeres suicidas
Junto a otras mujeres de veinte nombres.

Escucho su voz
Me habla del mar
El mar destruye el papel
Pero las cuquitas no se destruyen
Escucho el mar
Me habla del mar
Y escucho el mar
Un mar que como tsunami desbordado en la ciudad
Va adentrándose entre estas paredes
Llega hasta mis huesos
Un cañaveral también es el mar
Una madre que extraña también es el mar
Una ciudad en un cuartico de El Palacio de las Ursulinas
[también es el mar

Escucho su voz
Escucho la máquina
Escucho los cortes
Escucho doblado al biés
Escucho tirabuzón
Escucho hendidura
Escucho millones de hombres que se rompen como el papel
[en el mar

Su saliva en el suelo es limpiada
Por este mar que destroza las huellas
Pero no destroza mi sueño
Pero no destroza los figurines
Los figurines de una revista en la que hace el calco
El calco de mis cuquitas.

Un siglo de sol
Escucho
Al cadáver de mi padre lo velamos en la casa
Muerto a machetazos
Me quiero ir
Me quiero ir del polvo y lo rojo
Me quiero ir
Me quiero salir de la muerte de mi padre
Un mar a través del canto de doce mujeres
Quemadas también por un hombre
Mi madre me espera a las 5 de la tarde
Mi madre me ha esperado un siglo de sol a las 5 de la tarde
Mi madre me espera dándose machetazos
Sintiendo lástima por mí
Crédula y enamorada en un central
Fantasmagórica en la ciudad
Mirando el huracán
Un siglo de sol después de noviembre de 1952.

Maylan Alvarez



Maylan Álvarez

ao meu filho Marcos Gabriel,
brindar à nossa infância sindical

Eu era menina
mas bem poderia ser um menino
e jogar bola com meu pai aos domingos,
quando os moradores não jogaram no terreno
e o eco das vozes de outros meninos
competiam com o mugido das vacas.

Eu nasci menina,
mas bem poderia ser menino
e vestir apenas calças
e pulôveres
e não usar trancinhas,
nem fitas
nem laços
e subir na cerca do vizinho
roubar as graviolas
com as pernas bem abertas
e um estilingue
e um saco de pedras do rio
para caçar gatos
e pardais
ou qualquer outro bicho de savana.

Eu era menina
típico exemplar de menina de cidade pequena,
sem graça,
sem domingos de bola,
sem estilingue,
com trancinhas
e fitas
e laços
saboreando uma graviola
que o vizinho me deu.
Eu crescia como menina
e deixei de sê-la
quando ninguém me repreendeu mais
pelas pernas abertas.

a mi hijo Marcos Gabriel,
en brindis por nuestra infancia unionense

Yo era niña,
pero bien pude ser niño
y jugar a la pelota con mi padre los domingos,
cuando los locales no practicaran en el terreno
y el eco de las voces de otros niños
competían con el mugido de las vacas.

Yo nací como niña,
pero bien pude ser niño
y vestir sólo pantalones
y pulóveres
y no usar moñitos,
ni cintas,
ni lazos
y subirme en la cerca del vecino
a robar las guanábana
con las piernas bien abiertas
y un tiraflecha
y una bolsa de piedras del río
para cazar gatos
y gorriones
o cualquier otro bicho sabanero.

Yo era una niña,
típico ejemplar de niña pueblerina,
desabrida,
sin domingos de pelota,
sin tiraflecha,
con moñitos
y cintas
y lazos,
degustando una guanábana
que me regaló el vecino.

Yo crecía como niña
y dejé de serlo
cuando ya nadie me regañó
por las piernas abiertas.

De mim também esquecerão,
me disse esfregando o último prato de almoço
(ou de comida)
e a transcendentalidade do oráculo ocupou
um espaço entre a massa cerebral,
a glote
e o osso lacrimal.

E chorei como uma menina
antes da indiferença do lavatório
que tudo engole
que tudo arrasta.

Chorei diante do silêncio
e a profundidade
de cada prato limpo,
diante da quietude das colheres,
os garfos,
do meu avental com flores vermelhas
e apenas a faca mostrou sua face,
com um leve brilho,
recordando-me o emocionante
que pode ser viver no fio,
sempre no fio da vida.

De mim esquecerão... me disse,
e aos demais também.

A mí también me olvidarán,
me dije fregando el último plato del almuerzo
(o de la comida)
y la trascendentalidad del oráculo ocupó
un espacio entre la masa encefálica,
la glotis
y el hueso lagrimal.
Y lloré como una niña
ante la indiferencia del fregadero
que todo lo engulle,
que todo lo arrastra.
Lloré ante el silencio
y la hondura
de cada plato limpio,
ante la quietud de las cucharas,
los tenedores,
de mi delantal con flores rojas
y solo el cuchillo mostró su faz,
con un leve centelleo,
recordándome lo emocionante
que puede ser vivir al filo,
siempre al filo de la vida.
A mí me olvidarán...me dije,
y a los demás también.

A ninguém pedi permissão para dormir com um homem.

A ninguém eu disse: *este é o começo,*

e tenho medo

muito medo

e minhas mãos suavam

enquanto outras mãos

me baixaram a calcinha

e me tiraram meu sutiã.

A ninguém pedi permissão para dormir com um homem

pela primeira vez,

para que ninguém me dissesse *eu te disse,*

a curiosidade matou o gato,

aquele que começa termina mal,

dize-me com quem andas e eu te direi com quem tu dormes.

Por isso não disse a ninguém.

A ninguém pedi permissão

e a rebeldia do ato sufocou cada grito,

esse desejo de chorar por minha sinceridade,

esse desejo de chorar tão diferente

de quando meus avós me colocaram em penitência.

A nadie le pedí permiso para acostarme con un hombre.

A nadie le dije: *éste es el comienzo,*

y tengo miedo,

mucho miedo

y las manos me sudaban

mientras otras manos

me bajaron el blúmer

y me quitaron el ajustador.

A nadie le pedí permiso para acostarme con un hombre

por primera vez,

para que nadie me dijera *te lo dije,*

la curiosidad mató al gato,

el que mal comienza mal acaba,

dime con quién andas y te diré con quién te acuestas.

Por eso a nadie le dije.

A nadie le pedí permiso

y la rebeldía del acto sofocó cada grito,

esas ganas de llorar por mi candidez,

esas ganas de llorar tan diferentes

a cuando mis abuelos me ponían de penitencia.

E quando uma sabe que é hora de começar a cozinhar para todos na casa? De lavar todos os pratos? De lavar todas as roupas? De fazer todas as camas? De limpar a chaminé? De levar as crianças para a escola? De usar saltos altos e usar a saia com o tamanho que se queira entre a ponta das nádegas e os joelhos? De dormir com um homem sem pedir permissão a ninguém? De pintar os lábios com o vermelho mais intenso que existe no mercado da moda? Quando foi que minha mãe parou de me dar banho? De me dizer que eu era a garota mais bonita do mundo enquanto me afivelava os sapatos?

¿Y cuándo sabe una que es el momento para empezar a cocinarles a todos en la casa? ¿A fregar todos los platos? ¿A lavar toda la ropa? ¿A tender todas las camas? ¿A deshollinar? ¿A llevar los niños a la escuela? ¿A vestir con tacones y usar la saya del largo que una quiera entre la punta de las nalgas y las rodillas? ¿A dormir con un hombre sin pedir permiso a nadie? ¿A pintarse los labios del rojo más intenso que exista en el mercado fashion? ¿Cuándo fue que mi madre dejó de bañarme? ¿De decirme que yo era la niña más linda del mundo mientras me abrochaba los zapatos?

Comer lentamente uma ameixa é melhor do que viver com um homem.
Você escolhe a ameixa
(tanto verde como madura)
e sempre será agradável quando você a levar à sua boca.
Seu suco doce vai convidá-la a engolir uma ameixa a mais,
quinhentas ameixas a mais,
mais quinhentas ameixas,
escorrendo a pele entre os dentes,
brincando com a semente entre os dentes
e ninguém exigirá por isso que você lave a roupa,
que jogue o lixo fora,
que o leite foi jogado fora,
que o menino está chorando,
que onde você estava,
que...
que...
que...
e jogará a semente na terra quando quiser
se quiser
apertadíssima
salivada
e ninguém a você reclamará
de absolutamente nada.

Comerse despacito una ciruela es mejor que vivir con un hombre.
Tú escoges a la ciruela,
(lo mismo verde que madura)
y siempre será agradable cuando te la lleves a la boca.
El jugo dulzón te convidará a engullirte una ciruela más,
cinco ciruelas más,
quinientas ciruelas más,
escurriendo la piel entre los dientes,
jugueteando con la semilla entre los dientes
y nadie te exigirá por eso que laves la ropa,
que saques la basura,
que la leche se botó,
que el niño está llorando,
que dónde tú estabas,
que...
que...
que...
y botarás la semilla a la tierra cuando quieras,
siquieres,
estrujadísima,
ensalivada
y nadie te reclamará
absolutamente nada.

Isso de dar à luz com dor.
De chorar por um homem.
Isso da infidelidade.
Isso de cozinar,
Lavar
e esfregar.
Isso das dores no ovário,
as menstruações.
Das noites com enxaqueca.
Baixar a febre
de um anjo que chora.
Isso da impaciência
diante do jorro dos demais
e que tu recolherás com paciência.
Isso de pernas raspadas.
De parecer bem com todos
e mal contigo.
Isso de ver morrer tua mãe,
ver partir tuas avós
longe da casa de família
e ouvir os primeiros palavrões
na boca do seu filho adolescente.
Isso das primeiras rugas,
dos calos,
varizes nascidas em tornozelo
ou na pélvis,
os cabelos grisalhos que resistem à tinta.
O permanente adeus à infância.
A emigração.
Os falsos elogios.
A morte diária.
Disso sabem todos.
Isso te silenciam todos
desde que começas a respirar.
Para isso jamais te preparam

E tudo isso dá medo,
muito medo.

Eso de parir con dolor.
De llorar por un hombre.
Eso de la infidelidad.
Eso de cocinar,
lavar
y fregar.
Eso de los dolores de ovarios,
las menstruaciones.
De las noches con migraña.
Bajar la fiebre
a un ángel que llora.
Eso de la impaciencia
ante el reguero de los demás
y que tú recogerás con paciencia.
Eso de las piernas afeitadas.
Del quedar bien con todos
y mal contigo.
Eso de ver morir a tu madre,
ver marchar a tus abuelas
lejos de la casa de familia
y oír las primeras malas palabras
en boca de tu hijo adolescente.
Eso de las primeras arrugas,
los callos,
las várices naciendo en un tobillo
o en la pelvis,
las canas que se resisten al tinte.
El permanente adiós a la infancia.
La emigración.
Los falsos elogios.
La muerte diaria.
Eso lo saben todos.
Eso te lo callan todos
desde que comienzas a respirar.
Para eso jamás te preparan.

Y todo eso da miedo,
mucho miedo.



Nara Mansur



Nara Mansur

Botão de rosa

essa boca girando
esse dizer desvario desvão desvio
esse tomar e deixar meia língua na ponta da língua
esse bocejo inabalável, essa fé em mim, na minha cegueira
essa boca mordida, escurecida, trágica
essa boca próxima, girando em cima de minha cabeça
iluminando-me
esse morrer lento, aos poucos, com as cuecas postas
os sapatos
esse abraço estremecedor, essas paredes que se caem
apenas ao tocá-lo
essa boca aberta que não me espera, que se esquece antes de me
conhecer
esses lábios secamente parados, me reconhecendo
esse espaço aberto e frio para ir-me sem toque, sem repique
essa rosa girando dentro de mim
rosas, rosas, rosas, rosas

(In: *El trajecito rosa*, Buenos Aires Poetry, 2018)

Capullo de rosa

esa boca dada vuelta
ese decir desvarío desván desvío
ese tomar y dejar media lengua en la punta de la lengua
ese bostezo inquebrantable, esa fe en mí, en mi ceguera
esa boca mordida, oscurecida, trágica
esa boca próxima, dada vuelta encima de mi cabeza
alumbrándome
ese morir lento, de a ratos, con los calzones puestos
los zapatones
ese abrazo estremecedor, esas paredes que se caen
de solo tocarlo
esa boca abierta que no me espera, que se olvida antes de
[conocerme
esos labios parados en seco, reconociéndome
ese espacio abierto y frío para irme sin roce, sin redoble
esa rosa dada vuelta dentro mío
rosas, rosas, rosas, rosas, rosas

(In: *El trajecito rosa*, Buenos Aires Poetry, 2018)

Batom

Me diz que eu devo ser mais espiritual / me diz
que eu não sou espiritual?
então
atire-se na grama de pernas para cima e olhe para o céu me atiro lhe digo
me atiro
eu caio olho para o tiro longo em sua virilha
estrela solitária o tiro na minha testa longa
como uma cadela uma barata uma boina me atiro
brilhante toda de lantejoulas cabeça e sapatos de salto agulha
espiritual metida aí olhando sem ver de que se trata o espírito
a verdade atirar-se e atirar-se bem
destes tempos a economia o preço do leite hoje.
E começam os latidos a me vestir como ninguém
o fez
amo esses cachorros – me digo – e lato eu também
ensimesmada, peluda
deixando-me ser em outra parte em parte ser outra mesma
porque aqui não há palavras apenas tiros curtos e longos
lhe repito: "Aqui não há palavras é só espírito".

Ai!

daqueles que querem chegar a algum lugar, deixem-lhes ir
agora ou em qualquer outro momento Disparem neles
na testa como em mim. Deem a qualquer pensamento
um empurrão
como me deram na grama de pernas para cima
uma pulsão, como se eu me despissem com todos
os brilhantes sobre os olhos
como se não fizesse falta ver-se cortar a parede
como se eu me esquecesse dos saltos agulha.
Mas o assume leva-o adiante se treina é teimoso
fala. Me mete um tiro. Me põe
esse tom rosado nas bochechas tão favorecedor
e o batom que não pode faltar nos lábios
o batom.

(In: *El trajecito rosa*, Buenos Aires Poetry, 2018)

Rouge

Me dice que debo ser más espiritual / ¿me dice
que no soy espiritual?
entonces
tírate en la yerba patas arriba mira el cielo me tiro le digo me tiro
me caigo miro el tiro largo en su entrepierna
estrella solitaria el tiro sobre mi frente largo
como una perra una cucaracha una boina me tiro
brillante toda de lentejuelas cabeza y zapatos tacos aguja
espiritual metida ahí mirando sin ver de qué se trata el espíritu
la verdad tirar y tirar bien
de estos tiempos la economía el precio de la leche hoy.
Y empiezan los ladridos a vestirme como nadie
lo ha hecho
amo a estos perros – me digo– y ladro yo también
ensimismada, peluda
dejándome ser en otra parte en parte ser otra misma
porque aquí no hay palabras solo tiros cortos y largos
le repito: "Aquí no hay palabras es sólo espíritu".

¡Ay!

de aquellos que quieren llegar a alguna parte déjenlos ir
ahora o en cualquier otro momento Dispárenles
en la frente como a mí. Den a cualquier pensamiento
un empujón
como me lo dieron a mí en la yerba patas arriba
una pulsión, como si me desnudara con todos
los brillantes sobre los ojos
como si no hiciera falta mirarse destajar la pared
como si me olvidara de los tacos aguja
Pero lo asume lo lleva adelante se entrena es porfiado
habla. Me mete un tiro. Me pone
ese tono rosado en las mejillas tan favorecedor
y el rouge que no puede faltar en los labios
el rouge.

(In: *El trajecito rosa*, Buenos Aires Poetry, 2018)

Reinventando pessoa e personagem

Nesse momento em que temos sido mais que nada rotina:
violação marcada, sem praça e sem palácio.

Nesse buraco de sobriedade e cinza
sem considerações ou lugares para dúvidas,
no instante do desamor
profundo,
como o mar que nos afoga na foto
ainda sem nos submergir.

Nesse momento quando demos tudo
equivocadamente,
como uma esmola graciosa e burguesa,
com um leve ar de superioridade:
algo assim como um par de sapatos usados
já levemente deformados em seu punho.
Seriam armas eficazes nossos sapatos?
aqueles sapatos que me deram, que eu mesma dei?

Algo assim como um vestido que nos adormece
de tão quente e sólido. Nessa rachadura
se fragmenta o frio gesto da dádiva
o diálogo e o sigilo.

Nesse voo sem plumas nem balão me desintegro um pouco:
neste balão entediado e triste que nos deixa cair agora,
no instante embaçado, irrepetível,
que a foto não soube testemunhar nem eu
contá-lo a Guillermo com suficiente clareza.

Este momento é o da mão que se levanta
mas não assiste
à revelação anunciada.
Só o hábito recebe à minha mão
doce o hábito
que me adormece novamente e me veste de longo
para irmos juntos à festa.

(In: *Régimen de afectos*, Letras Cubanias, 2015)

Reinventando persona y personaje

En ese momento en que hemos sido más que nada rutina:
violación aplazada, sin plaza y sin palacio.

En ese hueco de sobriedad y grisura
sin miramientos ni lugares para la duda,
en el instante del desamor
profundo,
como el mar que nos ahoga en la foto
aún sin sumergirnos.

En ese momento cuando lo dimos todo
equivocadamente,
como una limosna grácil y burguesa,
con un leve aire de superioridad:
algo así como un par de zapatos usados
ya levemente deformados en la empuñadura.

¿Serían armas eficaces nuestros zapatos,
aquellos zapatos que me regalaron, que yo misma regalé?
Algo así como un vestido que nos adormece
de tan abrigado y sólido. En esa hendidura
se fragmenta el frío gesto de la dádiva,
el diálogo y el sigilo.

En ese vuelo sin plumas ni globo me desintegro un poco:
en este globo agujereado y triste que nos deja caer ahora,
en el instante borroso, irrepetible,
que la foto no supo testimoniar ni yo
contarle a Guillermo con suficiente claridad.

Este momento es el de la mano que se levanta
pero no asiste
a la revelación anunciada.

Sólo el hábito la recibe – a mi mano –
dulce el hábito
que me adormece nuevamente y me viste de largo
para irnos juntos de fiesta.

(In: *Régimen de afectos*, Letras Cubanas, 2015)

Tratado de mecânica celeste

Flor doméstica, beijo que beija triste a uma amiga;
inocultável inocente, vergonha quase – teu nome preso a
minha boca –
minha boca dizendo que esta boca não é tua nem minha;
um ritmo insalubre, um ritmo outra vez e outra vez
mal-humorado, que sente vergonha de si mesmo
e eu me digo e me dizes: “não me lembro”. Que palavras
são essas.

“Não nego essa pequena flor na minha varanda
doméstica” – eu disse. “Domesticada” – disseste,
não sei de onde veio semelhante flor:
se a pesquei ou a cacei ou a matei de algum modo
a essa flor antes alheia e livre
(a matei de algum modo para possuí-la,
dominá-la com certo critério de beleza
mais selvagem ainda que sua condição).
Que banal, que lunática, que veia aberta
que ventania:
como ensinar a brincar a uma flor
como ensiná-la a brincar com os demônios de uma casa.
Que lhe dizer quando ficamos sozinhas.
— “Vai me ensinar a brincar?” – digo eu à flor selvagem.
Que voz é essa:
a de minha mãe afônica pelo giz ou é a Emília outra vez?
quem ameaça, quem provoca, quem quer se entreter?
branca minha mãe, branca Emília, eu verde.
Que coisa imaterial sua voz, que alegre a voz de minha mãe
depois de tantas horas de aula,
que terna revanche ao passar do tempo.
A voz da minha mãe que cantante – diz meu pai.

E agora sou feliz?
Agora e depois ou amanhã e antes inclusive quiçá.
Ontem enquanto chovia quiçá estivesse pronta para ser feliz.
Me manterei tranquila um pouco ontem. Falarei
mais baixinho e mais devagar ontem.
Vai me ensinar a brincar, mamãe?

(In: *Régimen de afectos*, Letras Cubanias, 2015)

Tratado de mecánica celeste

Flor doméstica, beso que besa triste a una amiga;
inocultable paz, vergüenza casi – tu nombre pegado a
mi boca –
mi boca diciendo que esta boca no es tuya ni mía;
un ritmo insalubre, un ritmo otra vez y otra vez
malhumorado, que siente vergüenza de sí mismo,
y me digo y me dices: "no me acuerdo". Qué palabras
son esas.

"No niego esa pequeña flor en mi balcón
doméstica" – dije. "Domesticada" – dijiste,
no sé de dónde vino semejante flor:
si la pesqué o la cacé o la maté de algún modo
a esa flor antes ajena y libre
(la maté de algún modo para poseerla,
para dominarla con cierto criterio de belleza
más salvaje aun que su condición).
Qué banal, qué venática, qué vena abierta,
qué ventolera:
cómo enseñar a jugar a una flor,
cómo enseñarle a jugar con los demonios de una casa.
Qué decirle cuando nos quedamos solas.
– "¿Me vas a enseñar a jugar?" – le digo yo a la flor
[salvaje].

Qué voz es esa:
¿la de mi madre afónica por la tiza o es Emilia otra vez?
¿quién amenaza, quién provoca, quién quiere entretenerte?,
blanca mi madre, blanca Emilia, yo verde.
Qué cosa inmaterial su voz, qué alegre la voz de mi madre
después de tantas horas de clases,
qué tierna revancha al paso del tiempo.
La voz de mi madre qué cantarina – dice mi padre.

¿Y ahora soy feliz?
Ahora y después o mañana y antes incluso quizás.
Ayer mientras llovía quizás estaré lista para ser feliz.
Me quedaré tranquila un rato ayer. Hablaré
más bajito y más despacio ayer.
¿Me vas a enseñar a jugar, mamá?

(In: *Régimen de afectos*, Letras Cubanas, 2015)

Má práxis. O goleiro está de luto

Há um menino morto que cuida das outras crianças.
Há um bebê afogado em seu cordão e enquanto Emília respira
ele pisca e tira o ar que pode machucá-la,
a faz arrotar e agarrar-se às pernas
o mais empinadas possível.
E na coreografia se beijam os lábios nus
os dois bebês:
o bebê que não está onde o esperavam, e Emília.

Há uma cerimônia preparada, um rum envelhecido e ferido
um pressentimento;
estão os avós esperando que eles entreguem
o corpo do santo varão,
está o milagre da felicidade no meu próprio quarto, ao lado meu.
Mas também o medo e o anjo com binóculos
que vê tudo e não perdoa as simulações
nem os acidentes.

Então Emília boceja e vem toda abaixo,
onde estão as vacas, os elefantes e as baleias;
com uma só vogal ele os chama e lhes passa a língua
encantada,
encantados,
eee

Há algumas mamães que não chegaram na hora certa,
não se deram conta ou não se assustaram o suficiente
e nos deixam suas histórias clínicas como arquivos de boa sorte
às outras que pudemos aprender algo no caminho,
às que nos sucedeu o milagre
e não perdemos o sonho nem nada mais precioso.

(Algo que não me atrevo a escrever aqui
caso eles pensem que eu tomei alguma atribuição indevida
ou uma dessas bebidas com as quais não pude celebrar
como esperava a família de Ramón).

Há um menino morto que vela o sonho de Emília
e a faz chorar, sentir fome e despertar.

Ela olha para ele, lhe parece formoso;
se reflete em suas pupilas o olhar do outro menino
com mais cabelo e esse tipo de limbo
de onde vem:
o lugar das águas que o inundam todo,
frágeis e pequenos os corpos
à deriva.

(In: *Manualidades, Letras Cubanas, 2011*)

Mala praxis. El portero está de duelo

Hay un niño muerto que cuida a los otros niños.

Hay un bebé ahogado en su cordón y mientras Emilia respira
él hace guiños y saca el aire que la puede dañar,
la hace eructar y agarrarse las piernas
lo más empinadas posible.

Y en la coreografía se besan los labios desnudos
los dos bebés:
el bebé que no está donde lo esperaban, y Emilia.

Hay una ceremonia preparada, un ron añejado y herida
una coronada;
están los abuelos esperando que les entreguen
el cuerpo del santo varón,
está el milagro de la felicidad en mi propio cuarto, al lado
[mío.

Pero también el miedo y el ángel con prismáticos
que lo ve todo y no perdona las simulaciones
ni los accidentes.

Entonces Emilia bosteza y se viene todo abajo,
donde están las vacas, los elefantes y las ballenas;
con una sola vocal los llama y les pasa la lengua
deleitada,
deleitados,
ee.

Hay algunas mamás que no llegaron a la hora indicada,
no se dieron cuenta o no se asustaron lo suficiente
y nos dejan sus historias clínicas como legajos de buena
[suerte

a las otras que pudimos aprender algo en el camino,
a las que nos sucedió el milagro
y no perdimos el sueño ni nada más preciado.

(Algo que no me atrevo a escribir aquí
por si creen que me he tomado alguna atribución indebida
o una de esas bebidas con las que no pudo celebrar
como esperaba la familia de Ramón).

Hay un niño muerto que vela el sueño de Emilia
y la hace llorar, tener hambre y despertarse.

Ella lo mira, le parece hermoso;
se refleja en sus pupilas la mirada del otro niño
con más pelo y esa especie de limbo
de donde viene:
el lugar de las aguas que lo inundan todo,
frágiles y pequeños los cuerpos
a la deriva.

(In: *Manualidades, Letras Cubanas, 2011*)

Teresa Forneris



Teresa Fornaris

Te explicaria o crescimento. O bombardeio de um noticiário de recente criação. Em vermelho: roupas / tetos / hortaliças / ... Mas outra realidade sob a tela plana. Imagine como seus bóns saltam. Conectados. De palavras. Quem poderia dizer que eu não minto. Que me ignoram para que desapareça. Que tremo e me encaixo perfeitamente nessa dobra. O descobriram: não tenho mais sentidos do que os que se permitem. Mordo em falso. Como louca. Dizem. "Ingrávida mulher com falta de marido." E já.

Te explicaría el crecimiento. El bombardeo de un noticiario de reciente creación. En rojo: vestiduras/techos/hortalizas/... Mas otra realidad bajo la pantalla plana. Imaginas como saltan sus biones. Conectados. De palabras. Quién podría decir que yo no miento. Que me ignoran para que desaparezca. Que tiemblo y quepo perfectamente en esta urdimbre. Lo descubrieron: no tengo más sentidos de los que se permiten. Muerdo en falso. Como loca. Dicen. "Ingrávida mujer con falta de marido." Y ya.

Se também está quebrado, aberto por um lugar que poderia ser a metade, por que não se liquefaz como eu? Por que rosna com afilamentos onde eu coloco a carne macia? Por que não estende seu círculo cruzado? Sobreposto. Com dificuldade. Um anel se fecha sobre o outro. Encha minha paciência de animal inferior. De branco projétil. Outro pedestal sem argumentos.

Si también está roto, abierto por un sitio que podría ser la mitad ¿por qué no se licua como yo? ¿Por qué chapurrea con afilamientos donde yo pongo la carne blanda? ¿Por qué no extiende su círculo cruzado? Superpuesto. Con dificultad. Un aro se cierra sobre otro. Colma mi paciencia de animal inferior. De blanco proyectil. Otro pedestal sin argumentos.

Se pensei em te escrever em outro livro foi mentira. Grande como dor na risada que sinto. O nada silencioso que imagino. Aquela inopia adorável? de permanecer como uma avalanche. Passam sem advertência o átomo e sua matéria inicial. Horizonte de hexaedros que giram a cada vez. Tua lista de tarefas com ternas pipocas coloridas. Impronunciáveis no idioma diário da carne. Outra voz escapa do órgão cortado: uma ferramenta animal desafinada.

Si pensé escribirte en otro libro fue mentira. Grande como dolor en la risa que siento. La nada silenciosa que imagino. Esa inopia adorable? de permanecer como un alud. Inmóvil. Pasan sin advertencia el átomo y su materia inicial. Horizonte de hexaedros que giran cada vez. Tu lista de tareas con tiernas palomitas de colores. Impronunciables en el idioma diario de la carne. Otra voz escapa del órgano cortado: una herramienta animal desafinada.

Quando uma diz “não há espaço”, o pênis cresce o indizível – o pênis próprio e o mental –. O homem da casa se assusta com a concorrência com tal protuberância: pega o sabre: o argumento de sua história / seu dinheiro / seu outro pênis que usa para penetrá-la loucamente. Uma escolhe a carta e embaralha o resto

Cuando una dice “no hay espacio” el pene crece lo indecible —el pene propio y mental—. El hombre de la casa se asusta por la competencia con tal protuberancia: saca el sable: el argumento de su historia / su dinero / su otro pene que emplea para penetrarte locamente. Una escoge la carta y baraja el resto.

Um fogo. Um jarro com água. Que escassa companhia.

Una lumbre. Un jarro con agua. Qué escasa compañía.

Diz-se refundar. Ressurgir. Seguir adiante. Confiar e esperar.
Sobretudo confiar.

Se dice refundar. Resurgir. Seguir adelante. Confiar y esperar. Sobre
todo confiar.

Yanira Marimón



Yanira Marimón

As algas e eu

Do alto do penhasco
vejo os sargaços dançando sobre a água,
seu afã de alcançar a costa
sem suspeitar que vão morrer ali.

As algas e eu balançamos entre as ondas
nos colocamos em fila, nos dispersamos.

Será assim até que as ondas desapareçam.
Será assim até a maré nos empurrar
contra as rochas.
Mas, por enquanto, as algas e eu somos,
mesmo por pouco tempo
suspeitosamente felizes.

Las algas y yo

Desde lo alto del acantilado
veo los sargazos danzar sobre el agua,
su afán por alcanzar la orilla
sin sospechar que van a morir allí.

Las algas y yo nos mecemos entre las olas
nos ponemos en fila, nos dispersamos.

Será así hasta que arrecie el oleaje.
Será así hasta que la marea nos empuje
contra las rocas.
Pero mientras, las algas y yo somos,
aunque sea por un rato
sospechosamente felices.

O abraço da minha filha

O abraço de minha filha me faz humana
me tira a frieza de estátua que trago
de outros séculos.

Abraçar minha filha é tudo o que importa
nesses dias em que perdi a fé
no retorno.

Abraçar minha filha é um ato de fé
correr para seus braços
e que tudo volte a ser quietude nesse instante
como o amor em seu estado primitivo.

El abrazo de mi hija

El abrazo de mi hija me hace humana
me quita el frío de estatua que traigo
de otros siglos.

Abrazar a mi hija es todo lo que importa
en esos días en que he perdido la fe
en el retorno.

Abrazar a mi hija es un acto de fe
correr a sus brazos
y que todo vuelva a ser quietud en ese instante
como el amor en su estado primigenio.

O milagre

Esta chuva persistente é o culpado de não ter chegado a tempo à sua escola.

Essa chuva e as crises: a crise dos transportes, a crise de valores de alguns motoristas que passam e não param seus carros, a crise financeira que só me deixa com a opção de esperar um ônibus que não chega.

Você ficará ansiosa porque as outras crianças moram perto e já foram embora.

Mas acontece que há um momento aconteceu um milagre: nas poças d'água, os pingos de chuva começaram a formar círculos concêntricos, centenas de círculos que se ampliam até desaparecerem na água. E então eu agradeci à crise e a esta garoa por atrasar nosso encontro, por me dar essa visão.

Hoje você será a última garota a ir para casa. E com certeza vou encontrá-la com a cabeça abaixada, um pouco temerosa dessa chuva que não para. Mas iremos abraçadas, filha, e não lhe falarei sobre a crise transporte ou a mesquinhez de alguns homens, ou do pouco dinheiro que eles trazem em seus bolsos, mas lhe descreverei com precisão a maravilha de pingos de chuva em poças Desenharei com palavras o milagre dos círculos concêntricos que nascem, se desintegram e desaparecem na água.

El milagro

Esta lluvia pertinaz es la culpable de no haber llegado a tiempo a tu escuela.

Esta lluvia y las crisis: la crisis del transporte, la crisis de valores de algunos choferes que pasan y no detienen sus autos, la crisis financiera que solo me deja opción para esperar un ómnibus que no llega.

Estarás ansiosa porque los demás niños viven cerca y ya se han ido. Pero sucede que hace un instante ha sucedido un milagro: en los charcos, las gotas de lluvia han empezado a formar círculos concéntricos, cientos de círculos que se agrandan hasta desvanecerse en el agua. Y entonces he agradecido a las crisis y a esta llovizna por retrasar nuestro encuentro, por regalarme esta visión.

Hoy serás la última niña en irse a casa. Y seguro te encontraré con la cabeza baja, un poco temerosa de esta lluvia que no cesa. Pero nos iremos abrazadas, hija, y no te hablaré de la crisis del transporte, ni de la mezquindad de algunos hombres, ni del poco dinero que traigo en los bolsillos, sino que te describiré con exactitud la maravilla de las gotas de lluvia sobre los charcos. Dibujaré con palabras el milagro de los círculos concéntricos que nacen, se disgregan y desaparecen en el agua.

Um poema de amor

O homem que eu amo dorme junto a mim.
Faz pouco me jurou amor eterno.
Eu olho para ele, tão quieto
e penso na ingenuidade de meu amado
que neste momento não sabe que nenhum amor é infinito
que no dia menos esperado se torna um estranho
e se vai para jurar para alguém mais seu amor eterno.

Como se esta noite não tivesse existido
como se não tivesse pronunciado essas três palavras
que quase me fizeram feliz
nas quais quase acredei.

Un poema de amor

El hombre que amo duerme junto a mí.
Hace un rato me juró amor eterno.
Yo lo miro, tan quieto,
y pienso en la ingenuidad de mi amado
que a estas alturas no sabe que *ningún amor es infinito*
que el día menos pensado se vuelve un desconocido
y se marcha a jurar a alguien más su amor eterno.

Como si esta noche no hubiese existido
como si no hubiese pronunciado esas tres palabras
que casi me han hecho feliz
en las que casi he creído.

Fé

Regressa a ti minha infância fragmentada
a ausência do pai
a mesma desolação de meus olhos
quando tinha a tua idade

No meio do caos, minha menina,
da podridão e da desesperança
no meio do nada,
teu pai joga facas de silêncio
torna-se cada vez mais distante
nos separam como um sonho
que devemos abandonar no caminho.
Escapa esse futuro na forma de presente
que pensei para ti
e não posso, minha menina, fazer nada.

Falham as forças e os desígnios
falham (contra todo prognóstico)
as mãos bondosas
e tudo volta a ser queda e vazio.
Flanqueiam minha fé,
minha palavra imprecisa
minha voz que cala,
até a memória se torna mais frágil
e as recordações se mesclam
díspares
imprecisas.

Se não tivesses quatro anos de idade,
se pudesse te contar sobre o imprevisível
da escuridão da alma.
E também da bondade
dessas eternas mortes e renascimentos.

Se pudesse te contar,
mas na tua idade não entenderias.
Por isso dormes assim, tão quieta,
ignorando todas as perguntas
e as respostas do mundo.
Eu estarei aqui em teu despertar
estarei sempre
não importa que agora não compreendas.
Nada pode nos roubar a memória e sua eternidade
as forças ancestrais que carregamos dentro
e que nos sustentam, no final, diante de toda queda.

Fe

Regresa a ti mi infancia fragmentada
la ausencia del padre
la misma desolación de mis ojos
cuando tenía tu edad.

En medio del caos, mi niña,
de la podredumbre y la desesperanza
en medio de la nada,
tu padre lanza cuchillos de silencio
se vuelve cada vez más lejanía,
nos apartan como a un sueño
que debemos abandonar en el camino.
Se escapa ese futuro en forma de presente
que ideé para ti
y no puedo, mi niña, hacer nada.

Fallan las fuerzas y los designios
fallan (contra todo pronóstico)
las manos bondadosas,
y todo vuelve a ser caída y oquedad.
Flaquean mi fe,
mi palabra imprecisa
mi voz que calla,
incluso la memoria se torna más frágil
y los recuerdos se mezclan
dispare
imprecisos.

Si no tuvieras cuatro años,
si pudiera contarte de lo imprevisible
de lo oscuro del alma.
Y también de la bondad,
de esas eternas muertes y renaceres.

Si pudiera contarte,
pero a tu edad no entenderías.
Por eso duerme así, tan quieta,
ignorando todas las preguntas
y las respuestas del mundo.
Yo estaré aquí en tu despertar,
estaré siempre
no importa que ahora no comprendas.
Nada puede arrebatarnos la memoria y su eternidad
las fuerzas ancestrales que llevamos dentro
y que nos sostienen, al final, ante toda caída.



Yeny's Laura Prieto Velasco



Yenys Laura Prieto Velazco

Minha mãe suportava o peso que lhe outorgava sua condição horizontal.

Cada dia a víamos dobrar a roupas sem partir
mexer o arroz, grisalhar um pouco ao vapor.

Nunca quis ser troço em desuso
por isso não abandonou o cozinhlar antes do tempo.

Amadurecia depressa sobre a mesa,
vasculhando as receitas, nos feijões sucessivos.

Viú as crianças crescerem nela, sobre ela,
enquanto segurava o talo das beterrabas
que manchavam com seu suco as paredes,
a foto de família, de um modo definitivo.

Dias e noites inteiras a observamos
reparar a estrutura.

Despertava antes para ocultar as formas
que o cansaço deixava nas caçarolas.

A escutávamos remover as camadas de gordura,
raspar a superfície a todo custo
para nos deixar intactos no brilho.

Seu corpo desgastado era a dívida do nosso esplendor.
Nossa mesa se armava com fragmentos de sua fome.

Minha mãe adentrava os prédios da casa
sem designar com as palavras
a carga que era necessária
para sustentá-la.

Mi madre soportaba el peso que le otorgaba su condición horizontal.
Cada día la veíamos doblar la ropa sin partirse
revolver el arroz, encanecer un poco al vapor.
Nunca quiso ser trozo en desuso
por eso no abandonó la cocción antes de tiempo.
Maduraba de prisa sobre la mesa,
hurgando en las recetas, en los frijoles sucesivos.
Vio a los hijos crecer en ella, sobre ella,
mientras sostenería el tallo de las remolachas
que manchaban con su jugo las paredes,
la foto familiar, de un modo definitivo.
Días y noches enteras la observamos
reparar la estructura.
Se despertaba antes para ocultar las formas
que el cansancio dejaba en las cazuelas.
La escuchábamos remover las capas de grasa,
raspar la superficie a toda costa
para dejarnos intactos en el brillo.
Su cuerpo raído era la deuda de nuestro esplendor.
Nuestra mesa se armaba con fragmentos de su hambre.
Mi madre se adentraba en los predios de la casa
sin designar con las palabras
la carga que era necesaria
para sostenerla.

A cabeça desta mulher saiu rodando rua abaixo.
quis consagrarse a um deus para implorar sua ajuda
mas chegou tarde para a fé.
Esta mulher é um veículo de duas rodas,
um chapéu de duas pontas,
um assento de cerimônia,
com o pescoço exposto ao excesso de peso
do tempo que é colocado como adorno.
A cabeça desta mulher para a comodidade de outros
não se usava na casa.
De tanto apertar os dentes
e anestesiar a língua,
colocou em um acampamento desconhecido
seu material de guerra.
Esta cabeça negligenciou a ciência da conservação.
Livre de toda carga e direito, roda
como manifesto invisível.
As ideias morrem de asfixia
para alcançar a linha de chegada.

La cabeza de esta mujer salió rodando calle abajo.

quiso consagrarse a un dios para implorar su auxilio
pero llegó tarde a la fe.

Esta mujer es un vehículo de dos ruedas,
un sombrero de dos picos,
un asiento de ceremonia,
con el cuello expuesto al sobrepeso
del tiempo que se coloca como adorno.

La cabeza de esta mujer por comodidad de otros
no se usaba en la casa.

De tanto apretar los dientes
y anestesiar la lengua,
colocó en un campamento desconocido
su material de guerra.

Esta cabeza descuidó la ciencia de la conservación.

Libre de toda carga y derecho, rueda
como manifiesto invisible.

Las ideas mueren por asfixia
para alcanzar la línea de la meta.

À meia-noite abro uma janela.

Não foi fácil posar de valente quando nada permanece intacto.
O pôlen com seu discurso elétrico espalhou meus filhos pelo mundo
e desabitou esta árvore de ladrilhos que cubro com cortinas.
Ninguém deve notar a ausência nestas paredes.
Somente à noite a casa mostra seu abate.
Envelheço entre os mesmos resíduos que ninguém olhou.
Um certo carro se move na esquina. Todos seguem de longe.
Ignoram a morte com que me visto,
a dor que enlaço a uma cãibra.
A solidão me convida a despovoar
e um casal abre o guarda-chuva
com a ingenuidade dos começos.
Devem ter retornado de um lugar feliz.
Dentro só existe um pão oco
que me engole lentamente sob um céu alheio ao amor.
Devo estar calada. Aposentar-me em minha idade.
Observar em silêncio. Esperar em silêncio.
Somente se eu me afastasse das luzes que me ignoram
deixaria de ser uma intrusa.

En la medianoche abro una ventana.

No ha sido fácil posar de valiente cuando nada queda intacto.
El polen con su discurso eléctrico diseminó a mis hijos por el mundo
y deshabitó este árbol de ladrillos que cubro con cortinas.
Nadie debe notar la ausencia en estas paredes.
Solo en la noche la casa demuestra su tala.
Envejezco entre los mismos residuos que nadie miró.
Certo auto se aleja por la esquina. Todos siguen de largo.
Ignoran la muerte con que me visto,
el dolor que enlazo a una agujeta.
La soledad me invita a despoblar
y una pareja abre el paraguas
con la ingenuidad de los comienzos.
Han debido volver de un lugar feliz.
Adentro solo existe un pan hueco
que me engulle despacio bajo un cielo ajeno al amor.
Debo estar callada. Aposentarme en mi edad.
Observar en silencio. Esperar en silencio.
Solo si me alejara de las luces que me ignoran
dejaría de ser una intrusa.

As mulheres tecelãs

picam um dedo com a agulha.
O sangue tinge os pedaços
e o esposo fica satisfeito.
As mulheres parideiras
abrem as pernas mais além de si
até ampliar o número de filhos
em cifras redondas
para que o pai não se vá
e não descomplete o álbum da família.
As mulheres cozinheiras
dormem sobre um livro de receitas
assim quando ele chegue do trabalho
não haverá nem uma mosca na mesa.
As mulheres do lar
não sorriem para outros homens
e realizam suas tarefas sem esforço.
Não dão guerra
porque se dão guerra
o esposo regressa tarde
e no dia seguinte ela terá que fazer silêncio
e se esmerar ao alimentar, costurar ou empurrar ao pai
para que ele siga pendurado em sua própria costela.

Las mujeres tejedoras

se pinchan un dedo con la agujeta.

La sangre tiñe las piezas
y el esposo queda satisfecho.

Las mujeres paridoras
abren las piernas más allá de sí
hasta ampliar el número de hijos
en cifras redondas
para que el padre no se vaya
y no descomplete el álbum familiar.

Las mujeres cocineras
duermen sobre un libro de recetas
así cuando él llegue del trabajo
no habrá ni una mosca en la mesa.

Las mujeres de la casa
no sonríen a otros hombres
y llevan sus tareas sin esfuerzo.

No dan guerra
porque si dan guerra
el esposo regresa tarde
y al otro día ella tendrá que hacer silencio
y esmerarse al alimentar, coser o pujar al padre
para que él siga colgando de su propia costilla.

Sweet Thriller

A Margaret Atwood

Quisemos bailar toda a noite
sem abandonar a festa
nem sair ao caminho com ele.
Tivemos os lábios vermelhos
e o cabelo solto e nunca viu
uma moçoila tão bela.
Dançamos com cintura doce
e dissemos que não
enquanto ocultava o ruído do moedor.
Levamos saia curta
e os braços descobertos
porque alguém nos ensinou mal.
Podíamos cumprir 16
se não houvesse sido pela faca.

2

Trago na garganta o medo
de uma mulher que não regressa a sua casa.
Seu corpo é um altar que se derruba
ante a violência de um desconhecido.
Fez-se noite na estrada
e alguém supôs que seria divertido
sujeitar-lhe as mãos com uma correia.
Levo nos lábios o tremor
da família que espera a uma mulher
que só quis chegar antes
no junto momento em que um homem pensou que era atraente
e que penetrar seu sexo, apertar suas nádegas
seria fascinante.

Trago a raiva de uma mulher aberta em talhos
com o horror da erva apertada
contra seu coração.
A um lado da autopista
seu eco os golpeia
com a mesma pergunta...
como voltar a casa,
como voltar.

3

Outra vez chegará com seus olhos de vidro
e suas mãos pontudas.
Vouvê-lo bufar em mim
torcer, quebrar meus dias
com seu o casco.
Sorverá o café
como um asno.
Me olhará como quem
olha uma doença
uma impingem
uma chaga.
Virá me dizer
que nada esteve a tempo
nem os filhos ou o arroz.
No final do dia
ele me abrirá as pernas
para cavar um túnel
que o expulsará definitivamente de mim.
Eu fecharei os olhos
e eu encontrarei sossego nas pílulas
que atravessam o sangue.
Esta noite irei a um lugar
onde ele não poderá me alcançar
Quando amanheça, poucos entenderão
como me perdi.

Sweet Thriller

A Margaret Atwood

Quisimos bailar toda la noche
sin abandonar la fiesta
ni salir al camino con él.
Tuvimos los labios rojos
el pelo suelto y nunca vio
una muchacha tan bella.
Danzamos con cintura dulce
y dijimos que no
mientras ocultaba el ruido del amolador.
Llevamos la falda corta
y los brazos descubiertos
porque alguien nos enseñó mal.
Pudimos cumplir 16
si no hubiera sido por el cuchillo.

2

Traigo en la garganta el miedo
de una mujer que no regresa a su casa.
Su cuerpo es un altar que se derrumba
ante la violencia de un desconocido.
Se hizo de noche en la carretera
y alguien supuso que sería divertido
sujetarle las manos con una correa.
Llevo en los labios el temblor
de la familia que espera a una mujer
que solo quiso llegar antes
en el justo momento en que un hombre pensó que era
[atractiva
y que penetrar su sexo, apretar su cuello
sería fascinante.

Traigo la rabia de una mujer abierta en tajos
con el horror de la hierba apretada
contra su corazón.

A un lado de la autopista
su eco nos golpea
con la misma pregunta...
cómo volver a casa,
cómo volver.

3

Otra vez llegará con sus ojos de vidrio
y sus manos de púa.

Lo veré resoplar sobre mí
torcer, romper mis días
con su pezuña.

Sorberá el café
como un asno.

Me mirará como quien
mira una empella
un empeine
una llaga.

Vendrá a decirme
que nada estuvo a tiempo
ni los hijos o el arroz.

Al final del día
él me abrirá las piernas
para cavar un túnel
que lo expulsará definitivamente de mí.

Yo cerraré los ojos
y encontraré sosiego en las pastillas
que atraviesan la sangre.

Esta noche iré hacia un sitio
donde no podrá alcanzarme.

Cuando amanezca pocos entenderán
cómo me perdí.

Zurelys López Amaya



Zurelys López Amaya

Espaço interior

Mulher dormindo,
sai de casa e desvia o olhar,
decida pela luz e enterra os horrores do choro que a podam.
Depois de tanta gente vendo-a morrer,
Esperando que apague a luz de sua janela,
volta.

Recolhe a semente de qualquer semelhante que simule um guerreiro,
semeia outra vez em seu ventre uma cidade perdida,
cidade que esconde os amantes da terra.

Mulher dormindo,
quase morta.

Ainda mantém o umbigo de sua filha em uma caixa de fósforos,
vira as costas para o primeiro elefante que se acerque.

Ele não teme o amor senão os homens.

Mulher dormindo,
sentenciada outra vez.

Não se retrai do traidor que a inventa.

Espacio interior

Mujer dormida,
sale del hogar y expulsa la mirada,
decide por la luz y entierra los horrores del llanto que la podan.
Después de tanta gente mirándola morir,
esperando a que apague la luz de su ventana,
vuelve.
Recoge la semilla de cualquier semejante que simule un guerrero,
siembra otra vez en su vientre una ciudad perdida,
ciudad que esconde a los amantes de la tierra.
Mujer dormida,
casi muerta.
Aún guarda el ombligo de su hija en una caja de fósforos,
pone de espaldas al primer elefante que se acerque.
No le teme al amor sino a los hombres.
Mujer dormida,
sentenciada otra vez.
No se retracta del traidor que la inventa.

Coisas não ditas

Não alcança tempo para correr o mundo, para escolher o lugar desejado. Logo da morte não escutaremos o som da água a cair, nem veremos o pôr do sol nas ruas de minha Havana. Minha mãe falava do poder com dor, da pobreza no espírito do poder e do cansaço do homem e sua busca. O poder dos homens sobre as coisas pequenas os converte em coisas pequenas. Coisas que exigem um balanço para meditar.

Cosas no dichas

No alcanza el tiempo para recorrer el mundo, para escoger el sitio deseado. Luego de la muerte no escucharemos el sonido del agua al caer, no veremos la puesta del sol en las calles de mi Habana. Mi madre hablaba del poder con dolor, de la pobreza en el espíritu del poder y del cansancio del hombre y su búsqueda. El poder de los hombres sobre las cosas pequeñas los convierte en cosas pequeñas. Cosas que requieren un columpio para meditar.

Loucuras

O que quero e não quero é o medo
que me oculta e arrasta pelos mares,
o que não quero é ver-te, e o que quero
é ver-te duplamente por minhas ruas.

O que desejo é algo como amar-te,
não a morte nem o fogo e a tristeza,
o que desejo é algo que me amarre
a esse quarto que guarda tuas rarezas.

Eu que volto a querer-me e a querer-te,
e não querer nem ver-me em encontrar-te.
eu que nada me sei sem que me pulse
este seguro estar-me que é o ver-te.

O que quero é beijar-te sem beijar-te,
coroar teu intelecto de loucuras,
o que quero é chorar sem explicar-te,
e ser barco perdido na espessura.

O que quero é tocar-te sem tocar-te,
enredar-me em tua pele sem enredar-me,
ser tua amante sem sê-lo e abraçar-te,
amar-te e ser amada sem amar-te.

Locuras

Lo que quiero y no quiero es el miedo
que me oculta y arrastra por los mares,
lo que no quiero es verte, y lo que quiero
es verte doblemente por mis calles.

Lo que deseo es algo como amarte,
no la muerte ni el fuego y la tristeza,
lo que deseo es algo que me amarre
a ese cuarto en que guardas tus rarezas.

Yo que vuelvo a quererme y a quererte,
y no querer ni verme ni encontrarte,
yo que nada me sé sin que me late
este seguro hallarme que es el verte.

Lo que quiero es besarte sin besarte,
coronar tu intelecto de locuras,
lo que quiero es llorar sin explicarte
y ser barco perdido en la espesura.

Lo que quiero es tocarte sin tocarte,
enredarme en tu piel sin enredarme,
ser tu amante sin serlo y abrazarte,
amarte y ser amada sin amarte.

Entrega

Seja mais que o coração, seja mais minha ferida,
seja sua mão na minha confessando
que meu amor não é teu amor, nem é o encanto
deste horrível ter-te que me cala.

Não saibam do escuro, não naveguem
entre águas difíceis e brutas,
não espalhem do amor o que não chega,
apaziguem a alma das dúvidas.

Põe tua mão na minha como o medo,
põe teu corpo no meu como a ave,
quero voar, morrer se fico,
e logo decifrar-te quando acabe.

Entrega

Sé más que el corazón, sé más mi llaga,
sé tu mano en la mía confesando
que mi amor no es tu amor, ni es el encanto
de este horrible tenerte que me calla.

No sepan de lo oscuro, no naveguen
entre aguas difíciles y crudas,
no esparzan del amor lo que no llegue,
apacigüén el alma de las dudas.

Pon tu mano en la mía como el miedo,
pon tu cuerpo en el mío como el ave,
quiero volar, morirme si me quedo,
y luego descifrarte cuando acabe.

Haicai da liberdade

Uma jovem recolhe sementes na noite. Sonhei com suas asas.

Haiku de la libertad

Una muchacha recoge semillas en la noche. Soñé con sus alas.



Sobre as autoras brasileiras
Sobre las autoras brasileñas



Aglacy Mary da Silva nasceu em Aracaju, estado brasileiro de Sergipe, e ganhou intimidade com a literatura, menina ainda, na biblioteca dos pais, Joel e Lucy. Estudou Pedagogia na UFS e sendo professora, fez-se também poetisa, autora de composições musicais e contadora de histórias. Em 2008, publicou o livro de poemas *A Lavra*. Teve pequenos contos publicados semanalmente em um jornal de sua cidade, o *Cinform* (2010 e 2011). A convite da escritora Ieda de Oliveira (RJ), escreveu um depoimento que integra o livro *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil – com a palavra o educador* (DCL/2011). Tem música em um EP e no CD *Sescanção 2011*, parcerias com o grupo *A Casa do Zé*. É coautora do livro didático *História de Sergipe* (Grafset/2013). É membro-fundadora da Academia Sergipana de Contadores de Histórias e sócia-proprietária da Nossa Escola, onde faz a direção pedagógica da Educação Infantil. E-mail: ameire@gmail.com. Blog: aglacy.blogspot.com.

Aglacy Mary da Silva nació en Aracaju, estado brasileño de Sergipe, y ganó intimidad con la literatura, niña aún, en la biblioteca de los padres, Joel y Lucy. En la UFS estudió Pedagogía, siendo profesora, se hizo también poetisa, autora de composiciones musicales y cuentacuentos. En 2008, publicó el libro de poemas *A Lavra*. Tuvo pequeños cuentos publicados semanalmente en un periódico de su ciudad, el *Cinform* (2010 y 2011). A invitación de la escritora Ieda de Oliveira (RJ), escribió un testimonio que integra el libro *O que é qualidade em Literatura Infantil e Juvenil – com a palavra o educador* (DCL / 2011). Tiene música en uno EP y en el CD *Sescanção 2011*, alianzas con el grupo *A Casa do Zé*. Es coautora del libro didáctico *História de Sergipe* (Grafset / 2013). Es miembro fundadora de la Academia Sergipana de Contadores de Historia y socia-proprietaria de la Nossa Escola, donde es directora pedagógica de Educación Infantil. Correo electrónico: ameire@gmail.com. Blog: aglacy.blogspot.com.

Ana de Santana é Doutora em Estudos da Linguagem, professora aposentada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e membro correspondente da Academia Maranhense de Letras. Além das atividades de ensino (presencial e a distância), acumula experiência, na condição de colaboradora ou coordenadora, no campo da pesquisa, da extensão e da gestão. Os temas de interesse são: ensino de língua portuguesa e literatura, leitura, crítica literária, formação de professores, diversidade, feminismo interseccional e decolonial e processos de formação humana integral. Além de capítulos e artigos na área de literatura é autora dos livros de crítica literária *A nação guesa de Sousândrade* (2008), *Adélia Prado e a poética do falanjo* (2009), e dos livros de poesia *Danaides* (2005), *Em nome da pele* (2008) e *À unha* (2016). Em 2021, publicou, por meio da Lei Aldir Blanc, os livros *Bicicletas para descer ladeiras à noite* (poesia) e *As faxineiras sabem de tudo* (romance).

Ana de Santana es Doctora en Estudios del Lenguaje, profesora jubilada de la Universidad Federal de Rio Grande do Norte – UFRN y miembro correspondiente de la Academia Maranhense de Letras. Además de las actividades de enseñanza (presencial y a distancia), acumula experiencia, a condición de colaboradora o coordinadora, en el campo de la investigación, de la extensión y de la gestión. Los temas de interés son: la enseñanza de lengua portuguesa y literatura, lectura, crítica literaria, formación del profesorado, diversidad, el feminismo interseccional y decolonial y los procesos de formación humana integral. En su producción, además de libros organizados, artículos y capítulos de libros, firma la autoría de los libros de crítica literaria *A nação guesa de Sousândrade* (2008), *Adélia Prado e a poética do falanjo* (2009) y de los libros de poesía *Danaides* (2005), *Em nome da pele* (2008) y *À unha* (2016). En 2021 publicó, a través de la Ley Aldir Blanc, los libros *Bicicletas para descer ladeiras à noite* (poesía) e *As faxineiras sabem de tudo* (novela).

Carmen Moreno Carmen Moreno é poeta e ficcionista carioca premiada, membro do PEN Clube do Brasil. Bacharel em Artes Cênicas e Licenciada em Educação Artística (UNIRIO). Leciona na área de sua formação. Publicou sete livros solo: *Diário de Luas*, romance (Rocco), finalista da “5ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira”; *Sutilezas do Grito*, contos (Rocco); *O Primeiro Crime, romance policial* (Rocco), Coleção “Elas São de Morte”, Denise Assis (Org.). *O Estranho*, contos (FiveStar). Poesia: *De Cama e Cortes* (UERJ); *Loja de Amores Usados* (Multifoco) e *Para Fabricar Asas* (Ibis Libris). Lançará, em abril de 2021, *Sobre o Amor e Outras Traições* (Patuá). Integra mais de 35 coletâneas, entre as quais a *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, Olga Savary (Org.), Hipocampo, e *Mais 30 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira*, contos, Luiz Ruffato (Org.), Record. Seu romance *Diário de Luas* foi tema da dissertação de Mestrado de Lilian Gonçalves de Andrade, pela Fundação Universidade do Rio Grande, FURG/ RS. Sua criação é analisada no livro *Quem Conta um Conto – Estudos sobre Contistas Brasileiras Estreantes nos anos 90 e 2000*, Helena Parente Cunha (Org.), Tempo Brasileiro, entre outros. Algumas premiações: Prêmio Casa da América Latina (Concurso de Contos Guimarães Rosa), Rádio França Internacional, Paris, e a Bolsa de Incentivo ao Escritor Brasileiro (poesia), MINC / Biblioteca Nacional.

E-mail: carmenmoreno2@gmail.com.

Blog Literário: carmenmorenoemprosaeverso.blogspot.com

Canal de vídeos: youtube.com/user/CarmenMoreno2

Instagram (literário): [carmenmoreno6061](https://www.instagram.com/carmenmoreno6061)



Carmen Moreno es una galardonada poeta y escritora de ficción, miembro de PEN Clube do Brasil. Licenciada en Artes Escénicas y Licenciado en Educación Artística (UNI-RIO). Ella enseña en el área de su formación. Ha publicado siete libros: *Diário de Luas*, romance (Rocco), finalista da “5ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira”; *Sutilezas do Grito*, contos (Rocco); *O Primeiro Crime, romance policial* (Rocco), Coleção “Elas São de Morte”, Denise Assis (Org.). *O Estranho*, contos (FiveStar). Poesía: *De Cama e Cortes* (UERJ); *Loja de Amores Usados* (Multifoco) y *Para Fabricar Asas* (Ibis Libris). En abril de 2021, lanzará *Sobre o Amor e Outras Traições* (Patuá). Participa de más de 35 antologías, entre ellas *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, Olga Savary (Org.), Hipocampo, y *Mais 30 Mulheres que Estão Fazendo a Nova Literatura Brasileira*, contos, Luiz Ruffato (Org.), Record. Su novela *Diário de Luas* fue objeto de la tesis de maestría de Lilian Gonçalves de Andrade, de la Fundação Universidade do Rio Grande, FURG / RS. Su creación se analiza en el libro *Quem Conta um Conto – Estudos sobre Contistas Brasileiras Estreantes nos anos 90 e 2000*, Helena Parente Cunha (Org.), Tempo Brasileiro, entre otros. Algunos premios: Premio Casa da América Latina (Concurso de Contos Guimarães Rosa), Rádio França Internacional, París, y Bolsa de Incentivo ao Escritor Brasileiro (poesía), MINC / Biblioteca Nacional.

E-mail: carmenmoreno2@gmail.com.

Blog Literario: carmenmorenoemprosaeverso.blogspot.com

Canal de vídeos: youtube.com/user/CarmenMoreno2

Instagram (literario): carmenmoreno6061



Christina Ramalho é carioca (1964) e cidadã aracajuana (2016) e sergipana (2018). Doutora em Letras (UFRJ, 2004, CNPq), com Pós-doutorado em Estudos Cabo-Verdianos (USP, 2012, FAPESP) e em Estudos Épicos (Université Clermont-Auvergne, França, 2017). É professora do Curso de Letras da Universidade Federal de Sergipe, Itabaiana. Autora e organizadora de 36 livros, que envolvem teoria e crítica literária, além de criação literária (poesia, crônica e conto). Pintora e fotógrafa amadora com diversas exposições realizadas. Membro da Academia Gloriense de Letras (SE) e da Academia Cabo-Verdiana de Letras. Seus livros de poesia são *Musa Carmesim* (1998, poema épico) e *Laço e nó* (2000), *fio de teNsão* (2018), *Lição de voar* (2019), *Poemas mínimos* (2019), *O inusitado amor do Catingueira e da Brucha* (cordel, 2019. Com Ítalo de Melo Ramalho), *Poemas de Danda & Chris* (para crianças. Com Rosângela Trajano, 2020), *Ponteiros de papel* (2020) y *Sessenta minutos* (Lei Aldir Blanc, 2021). Alguns disponíveis em e-book no site da autora (miXturas): www.ramalhochris.com.

Christina Ramalho nació en Rio de Janeiro (1964) y es ciudadana de Sergipe (2018) y su capital, Aracaju (2016). Es Doctora en Letras (UFRJ, 2004, CNPq), con Postdoctorado en Estudios Caboverdianos (USP, 2012, FAPESP) y en Estudios Épicos (Université Clermont-Auvergne, Francia, 2017). Es profesora del Curso de Letras de la Universidad Federal de Sergipe, Itabaiana. Autora y organizadora de 36 libros, de teoría y crítica literaria, además de creación literaria (poesía, crónica y cuento). Pintora y fotógrafa aficionada con diversas exposiciones realizadas. Miembro de la Academia Gloriense de Letras (SE) y de la Academia Caboverdiana de Letras. Entre sus libros de poesías publicados están: *Musa Carmesim* (1998, poema épico) e *Laço e nó* (2000), *fio de teNsão* (2018), *Lição de voar* (2019), *Poemas mínimos* (2019) y *O inusitado amor do Catingueira e da Brucha* (cordel, 2019. Con Ítalo de Melo Ramalho), *Poemas de Danda & Chris* (para niños. Con Rosângela Trajano, 2020), *Ponteiros de papel* (2020) y *Sessenta minutos* (Ley Aldir Blanc, 2021). Algunos de ellos disponibles en e-book en la página web de la autora (miXturas): www.ramalhochris.com.

Conceição Evaristo nasceu em uma favela de Belo Horizonte, Minas Gerais (1946). Estreou como escritora em 1990, publicando textos nos *Cadernos Negros*. Doutora em Letras pela Universidade Federal Fluminense, atuou como professora visitante na Universidade Federal de Minas Gerais. É militante ativista de movimentos negros. Sua produção literária reúne romances, contos e poemas. Participou de diversas antologias no Brasil e no mundo. O livro *Ponciá Vicêncio* foi traduzido para o inglês e publicado nos Estados Unidos em 2007. Foi finalista do Prêmio Portugal Telecom em 2009. Obras: *Ponciá Vicêncio* (2003, romance), *Becos da memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2011, poesia), *Olhos d'Água* (2014, contos), *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016, contos) y *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016, contos).



Conceição Evaristo nació en una *favela* de Belo Horizonte, Minas Gerais (1946). Hizo su debut como escritora en 1990, publicando textos en *Cadernos Negros*. Doctora en Letras de por Universidad Federal Fluminense, actuó como profesora visitante en la Universidad Federal de Minas Gerais. Es activista militante de los movimientos negros. Su producción literaria reúne novelas, cuentos y poemas. Participó en varias antologías en Brasil y en todo el mundo. Su libro *Ponciá Vicêncio* fue traducido al inglés y publicado en los Estados Unidos en 2007. Fue finalista del Premio Portugal Telecom en 2009. Obras: *Ponciá Vicêncio* (2003, novela), *Becos da memória* (2006), *Poemas da recordação e outros movimentos* (2011, poesia), *Olhos d'Água* (2014, cuentos), *Insubmissas lágrimas de mujeres* (2016, cuentos) y *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016, cuentos).

Eliane Potiguara é escritora, poeta, ativista, professora, empreendedora social de origem étnica potiguara, formada em Letras e Educação pela UFRJ e extensão em Educação e Meio Ambiente pela UFOP. É contadora de histórias. Nasceu em 29/09/1950. É Cavaleiro da Ordem do Mérito Cultural do Brasil, pelo Ministério da Cultura. Fellow da organização internacional Ashoka (empreendedores sociais), fundadora do GRUMIN/Grupo Mulher - Educação Indígena e *Enlace Continental de Mujeres indígenas* e Embaixadora da Paz pelo Círculo de Escritores da França. Participou da elaboração da Declaração Universal dos Povos Indígenas/ONU/ por 6 anos nas sessões em Genebra. Teve seus textos publicados em diversos sites, antologias e e-books nacionais e internacionais. Sua obra é objeto de estudo de Mestrado de Rosivania dos Santos, na Universidade Federal de Sergipe. Premiada pelo Pen Club da Inglaterra e Fundo Livre de Expressão (USA). Autora de *Metade cara, metade máscara* (2004); *O coco que guardava a noite*; *O pássaro encantado*; *A cura da terra*; *Sol do pensamento*; *A terra é a mãe do índio*; e *Akajutibiró, Terra do índio Potiguara*.

Site: www.elianepotiguara.org.br.



Eliané Potiguara es escritora, poeta, activista, profesora, emprendedora social de origen étnico Potiguara, graduada en Letras y Educación por la UFRJ y extensión en Educación y Medio Ambiente por la UFOP. Ella es una narradora oral. Nació el 29/9/1950. Es Caballero de la Orden del Mérito Cultural de Brasil, por el Ministerio de Cultura. Miembro de la organización internacional Ashoka (emprendedoras sociales), fundador de GRUMIN/ Grupo Mulher - Educação Indígena y Enlace Continental de Mujeres Indígenas y Embajadora de la Paz por el Círculo de Escritores de Francia. Participó en la elaboración de la Declaración Universal de los Pueblos Indígenas / ONU / por 6 años en las sesiones en Ginebra. Ha publicado sus textos en varios sitios web nacionales e internacionales, antologías y libros electrónicos. Su trabajo es objeto de estudio de la Maestra de Rosivania dos Santos, en la Universidad Federal de Sergipe. Otorgado por el Pen Club de Inglaterra y el Fondo de Expresión Libre (EE. UU.). Autora de *Metade cara, metade máscara* (2004); *O coco que guardava a noite; O pássaro encantado; A cura da terra; Sol do pensamento; A terra é a mãe do índio;* y *Akajutibiró, Terra do índio Potiguara.*

Sitio web: www.elianepotiguara.org.br.



elimacuxi é uma multiartista. Poeta, fotógrafa, mulher mãe de três mulheres. Vive em Boa Vista, Roraima, norte do Brasil, onde faz parte do coletivo literário *Máfia do Verso*. Sua obra poética, focada no cotidiano, é publicada há dez anos sobretudo no blog *Elimacuxi, Poesia Pura*. Embora se considere uma “poeta de internet”, participou de diversas coletâneas de poesia contemporânea e publicou o livro solo intitulado *Amor para quem Odeia*, com boa repercussão entre críticos e público. Feminista atuante junto ao movimento LGBTQIA+, vem se tornando uma “artivista” da questão de gênero e traz uma série de poemas com reflexões sobre como pensa e sente as questões da identidade a partir do seu corpo de mulher. Para conhecer mais da obra, acesse www.elimacuxi.blogspot.com.



Elimacuxi es una artista múltiple. Poeta, fotógrafo, madre de tres mujeres. Vive en Boa Vista, la capital del estado de Roraima, en el norte de Brasil. Forma parte del colectivo literario *Máfia do Verso* y su obra poética, centrada en la vida cotidiana, se publica desde hace diez años principalmente en el blog *Elimacuxi, Poesia Pura*. Aunque se considera una "poeta de Internet", ha participado en varias colecciones de poesía contemporánea y ha publicado un libro en solitario titulado *Amor para quem Odeia*, con buenas repercusiones entre la crítica y el público. Feminista activa en el movimiento LGBTQIA +, se ha convertido en una "artivista" del tema de género y trae una serie de poemas con reflexiones sobre cómo piensa y siente los temas de identidad desde su cuerpo de mujer. Para obtener más información sobre su trabajo, visite www.elimacuxi.blogspot.com.

Helena Parente Cunha é baiana de Salvador, mas reside há muitos anos no Rio de Janeiro. Doutora em Letras pela Universidade Federal de Santa Catarina, tem títulos de Pós-Doutorado e Livre Docência pela UFRJ, onde hoje atua como Professora Emérita, junto ao Departamento de Pós-Graduação em Letras (Ciência da Literatura), atuando na linha de pesquisa "Imaginários Culturais e Literatura". É Pesquisadora Sênior do CNPq e desenvolve pesquisa na área de Crítica Feminista. Sua vasta produção, que recebeu prêmios e distinções das mais diversas, reúne romances, contos, poemas, poema épico e muitas obras de crítica literária, além de traduções do italiano. Em poesia, seus livros são: *Corpo no cerco* (1989), *Maramar* (1980), *O outro lado do dia*. Poemas de uma viagem ao Japão (1995), *Além de estar* (2000), *Cantos e cantares* (2005), *Caminhos de quando e além: diálogo com poemas de Fernando Pessoa* (2007), *Impregnações na floresta*. Poemas amazônicos (2013), *Poemas para a amiga e outros dizeres* (2014) e *Hora de fogo*. Poemas em combustão (2017).

Helena Parente Cunha nació en Salvador, Bahía, pero reside hace muchos años en Río de Janeiro. Es Doctora en Letras por la Universidad Federal de Santa Catarina, tiene títulos de Postdoctorado e Libre Docencia por la Universidade Federal do Rio de Janeiro, dónde actúa como Profesora Emérita junto al Departamento de Postgrado en Letras, en la línea de investigación "Imaginarios Culturales y Literatura". Es Investigadora Senior del CNPq y desarrolla investigación en el área de Crítica Feminista. Su vasta producción, que recibió premios y distinciones de las más diversas, reúne romances, cuentos, poemas, poema épico y muchas obras de crítica literaria, además de traducciones del italiano. En poesía ha publicado los libros: *Corpo no cerco* (1989), *Maramar* (1980), *O outro lado do dia*. Poemas de una viagem ao Japão (1995), *Além de estar* (2000), *Cantos e cantares* (2005), *Caminhos de quando e além: diálogo com poemas de Fernando Pessoa* (2007), *Impregnações na floresta*. Poemas amazônicos (2013), *Poemas para a amiga e otros dizeres* (2014) y *Hora de fogo*. Poemas em combustão (2017).

Leda Miranda Hühne nasceu em Natal, RN em 1934, foi para o Rio de Janeiro e lançou raízes. No colégio escapuliu das aulas para ver o desabrochar das ninféias num lago. A contemplação despertou Poesia e Filosofia. Bacharelou-se em Filosofia na USU, fez mestrado com a tese *O sentido hermenêutico da Poesia* e doutorado *A Estética aberta de Mário de Andrade*. Estudo e pesquisas acompanhavam o casamento, a maternidade e as atividades de vice-reitora comunitária da USU. Fundou a editora UAPÊ voltada para livros de Ciências Humanas, principalmente Filosofia e Poesia. Sempre produzindo e publicando as suas obras. De Poesia *Em memória de um poeta anônimo*, *Ludus*, *A cor da terra*, *Cantilena do rei-rainha*, *Fim de um Juízo*, *Porta-Bandeira*, *O Jardim Silencioso*, *Brasilaçu*, *Mentirosa*, *Fantasmaia*, *Coleção Anos Oitenta* (10 livros), *Poesia Incompleta*, *A Sombra*. E romances, contos, livros didáticos de Filosofia. Coordenou revistas, jornais de Filosofia e Poesia, artigos em revistas e poemas em Antologias.

Leda Miranda Hühne nació en Natal, Rio Grande do Norte, RN, en 1934, se fue a Rio de Janeiro y echó raíces. En la escuela huía de las clases para ver el desabrochar de las ninféas en un lago. La contemplación despertó Poesía y Filosofía. Se licenció en Filosofía en la USU, hizo una maestría con la tesis El sentido hermenéutico de la Poesía y doctorado La Estética abierta de Mário de Andrade. Estudio e investigaciones acompañaban el matrimonio, la maternidad y las actividades de vicerrectora comunitaria de la USU. Fundó la editorial UAPÊ dirigida a libros de Ciencias Humanas, principalmente Filosofía y Poesía. Siempre produciendo y publicando sus obras. De Poesía “*Em memória de um poeta anônimo*”, *Ludus*, *A cor da terra*, *Cantilena do rei-rainha*, *Fim de um Juízo*, *Porta-Bandeira*, *O Jardim Silencioso*, *Brasilaçu*, *Mentirosa*, *Fantasmaia*, *Colección Anos Oitenta* (10 libros), *Poesia Incompleta*, *A Sombra*. Y romances, cuentos, libros didácticos de Filosofía. Coordinó revistas, periódicos de Filosofía y Poesía, artículos en revistas y poemas en Antologías.

Maria Lúcia Dal Farra aposentou-se como professora titular de Literatura Portuguesa da Universidade Federal de Sergipe (UFS), onde hoje atua como professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Letras. Defendeu Mestrado (1973) e Doutorado (1979) na USP (onde foi professora) e obteve grau de Livre-Docência em Literatura Comparada na UNICAMP (1987), onde também atuou professora. Fez parte da equipe pioneira de Antonio Candido para a fundação do Departamento de Teoria Literária e do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP (1975) e foi professora em Berkeley (Universidade da Califórnia, 2002). Tem Pós-Doutorado pela École Pratique des Hautes Études de Paris (1981) e pela Universidade de Lisboa (1985). Possui formação musical (piano e educação musical) pela Faculdade de Música Santa Marcelina de Botucatu (1964) e tem publicados inúmeros estudos de Literatura Portuguesa, Brasileira e Comparada (sobre poesia e narrativa), bem como um elenco de obras sobre Florbela Espanca. Sua obra poética reúne: *Livro de auras*, 1994; *Livro de possuídos*, 2002; *Alumbramentos*, 2012 (Prêmio Jabuti de Poesia); *Terceto para o fim dos tempos*, 2017. Neste ano de 2019 foi publicada, pela Universidade de Évora, a sua correspondência com o escritor Vergílio Ferreira, bem como, em Lisboa, a sua antologia *Alguns Poemas* (Edições Esgotadas).



Maria Lúcia Dal Farra se retiró como profesora catedrática de Literatura Portuguesa en la Universidade Federal de Sergipe (UFS), donde actualmente actúa como profesora colaboradora del Programa de Postgrado en Literatura. Ha obtenido su grado de Master (1973) y de Doctorado (1979) de la USP (donde actuó como profesora) y obtuvo una licenciatura en Literatura Comparada en la UNICAMP (1987), donde también actuó como profesora. Formó parte del equipo pionero de Antonio Candido para la fundación del Departamento de Teoría de la Literatura y el Instituto de Estudios del Lenguaje de UNICAMP (1975) y fue profesora en Berkeley (Universidad de California, 2002). Tiene un postdoctorado de la École Pratique des Hautes Études de Paris (1981) y la Universidad de Lisboa (1985). Tiene formación musical (piano y educación musical) por la Facultad de Música Santa Marcelina de Botucatu (1964) y ha publicado numerosos estudios de Literatura Portuguesa, Brasileña y Comparada (sobre poesía y narrativa), así como una lista de obras sobre Florbela Espanca. Su obra poética reúne: *Livro de auras*, 1994; *Livro de possuídos*, 2002; *Alumbramentos*, 2012 (Prêmio Jabuti de Poesía); *Terceto para o fim dos tempos*, 2017. En este año 2019 fue publicada, por la Universidad de Évora, su correspondencia con el escritor Vergílio Ferreira, así como, ne Lisboa, su antología *Alguns Poemas* (Edições Esgotadas).



Marilia Kubota nasceu no Paraná. É poeta, jornalista e Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal do Paraná. Autora de *Velas ao vento* (Medusa, 2020), *Eu também sou brasileira* (Lavra, 2020), *Bicicletas caiçaras* (Edição da autora, 2020), *Diário da vertigem* (Patuá, 2015), *micropolis* (Lumme, 2014), *Esperando as Bárbaras* (Blanche, 2012) e organizadora das coletâneas *Um girassol nos teus cabelos – poemas para Marielle Franco* (Quintal, 2018), *Blasfêmeas: Mulheres de Palavra* (Casa Verde, 2016) e *Retratos Japoneses no Brasil – Literatura mestiça* (Annablume, 2010).



Marilia Kubota nació en Paraná. Es poeta, periodista y Maestra en Estudios Literarios por la Universidade Federal do Paraná. Autora de *Velas ao vento* (Medusa, 2020), *Eu também sou brasileira* (Lavra, 2020), *Bicicletas caiçaras* (Edición da autora, 2020), *Diário da vertigem* (Patuá, 2015), *micropolis* (Lumme, 2014) y *Esperando as Bárbaras* (Blanche, 2012) y organizadora de las antologías *Um girassol nos teus cabelos – poemas para Marielle Franco* (Quintal Ediciones, 2018), *Blasfêmeas: Mulheres de Palavra* (Casa Verde, 2016) y *Retratos Japoneses no Brasil - Literatura mestiça* (Annablume, 2010).

Marize Castro (Natal/RN, 1962) é autora dos livros de poemas *Marrons Crepons Marfins* (1984); *Rito* (1993); *poço. festim. mosaico* (1996); *Esperado ouro* (2005); *Lábios-espelhos* (2009); *Habitar teu nome* (2011) e *A Mesma Fome* (2016). É graduada em Jornalismo, tem mestrado em Educação e doutorado em Estudos da Linguagem. Editou nos anos 1980 o jornal *O Galo* e, nos anos 1990, a revista *Odisseia*. Edita seus livros por sua própria editora, a Una, o que define como “deliciosa e desamparada viagem”. Sobre ela, escreveu Nelly Novaes Coelho no *Dicionário Crítico de Escritoras Brasileiras*: “Poeta em tom maior, *expert* em Comunicação, jornalista, editora e uma das fortes vozes femininas da poesia brasileira contemporânea, revelou-se em livro, em 1984, com a publicação de *Marrons Crepons Marfins* que surpreendeu crítica e público pela força e originalidade de sua palavra”. Sobre Marize Castro, afirmou o poeta e crítico Haroldo de Campos: “Em seus versos há algo de fundamental, algo entre o belo e o *verum*, a verdade em beleza, um cuidado especial com a síntese, um encontro com a poesia”.

Marize Castro (Natal / RN, 1962) es autora de los libros de poemas *Marrons Crepons Marfins* (1984); *Rito* (1993); *poço. festim. mosaico* (1996); *Esperado ouro* (2005); *Lábios-espelhos* (2009); *Habitar teu nome* (2011) y *A Mesma Fome* (2016). Es graduada en Periodismo, tiene una maestría en Educación y doctorado en Estudios del Lenguaje. En la década de 1980, el periódico *O Galo* y en los años 1990, la revista *Odisseia*. Edita sus libros por su propia editora, la Una, lo que define como "deliciosa y desamparada viaje". Sobre ella, escribió Nelly Novaes Coelho en el Diccionario Crítico de Escritoras Brasileñas: "Poeta en tono mayor, experta en Comunicación, periodista, editora y una de las fuertes voces femeninas de la poesía brasileña contemporánea, se reveló en libro, en 1984, con la publicación de *Marrons Crepons Marfins* que sorprendió crítica y público por la fuerza y originalidad de su palabra. "En sus versos hay algo de fundamental, algo entre lo bello y lo *verum*, la verdad en belleza, un cuidado especial con la síntesis, un encuentro con la poesía", afirmó el poeta y crítico Haroldo de Campos.

Noélia Ribeiro nasceu em Recife, mas mora em Brasília desde 1972. Formada em Letras na Universidade de Brasília, publicou os livros *Expectativa* (independente, 1982); *Atarantada*(Verbis, 2009); *Escalafofética* (Vidrágua, 2015) e *Espevitada* (Penalux, 2017). Tem poemas em antologias e jornais brasileiros e nas revistas eletrônicas *Mallarmagens*, *InComunidade*, *Gueto* e *Germina*, entre outras. Em 2017, a poeta recebeu da Secretaria de Cultura do Distrito Federal o Prêmio FAC – *Igualdade de Gêneros na Cultura*. Integrou a exposição itinerante Poesia Agora, no Rio de Janeiro, e foi homenageada no 32º Salão Nacional de Poesia *Psiu Poético*, em Montes Claros (MG). É membro da Associação Nacional de Escritores (ANE) e da União Brasileira de Escritores - RJ (UBE).Facebook: @noeliamrs; Instagram: @noeliaribeiropoeta; Email: nmariarsilva@hotmail.com.



Noelia Ribeiro nació en Recife (1963), Pernambuco (PE), pero vive en Brasilia desde 1972. Formada en Letras en la Universidad de Brasilia, publicó los libros *Expectativa* (independiente, 1982); *Atarantada* (Verbis, 2009); *Escalafofética* (Vidrágua, 2015) y *Espevitada* (Penalux, 2017). Tiene poemas en antologías y periódicos brasileños y en las revistas electrónicas *Mallarmagens*, *InComunidad*, *Gueto* y *Germina*, entre otras. En 2017, la poeta recibió de la Secretaría de Cultura del Distrito Federal el Premio FAC -. *Igualdade de Gêneros na Cultura*. Integró la exposición itinerante *Poesía Agora*, en Río de Janeiro, y fue homenajeada en el 32º Salón Nacional de Poesía *Psiu Poético*. En el 32º Salón Nacional de Poesía Psiu Poético, en Montes Claros (MG), Es miembro de la Associação Nacional de Escritores (ANE) y de la União Brasileira de Escritores - RJ (UBE).Facebook: @noeliamrs; Instagram: @noeliaribeiropoeta; Email: nmariarsilva@hotmail.com.

Raquel Naveira nasceu no dia 23 de setembro de 1957, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. É escritora, poeta, romancista, cronista, com vários livros publicados. Professora de Literatura aposentada pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Pertence ainda ao PEN Clube do Brasil e à Academia Cristã de Letras. Seus livros mais recentes são: *Jardim fechado: uma antologia poética* (Porto Alegre/ RS: Vidráguas, 2016); *O avião invisível (crônicas)* (Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2017); *Menina dos olhos (poemas)* (Guaratinguetá/SP: Penalux, 2018), *Mar de rosas (crônicas)* (Guaratinguetá/ SP: Penalux, 2018) e *Leque Aberto: crônicas* (Guaratinguetá/SP: Penalux, 2020)



Raquel Naveira nació el 23 de septiembre de 1957 en Campo Grande, Mato Grosso do Sul (MS). Es escritora, poeta, novelista, cronista, con varios libros publicados. Profesora de Literatura jubilada por la Universidad Católica Don Bosco (UCDB). Maestra en Comunicación y Letras por la Universidad Presbiteriana Mackenzie de São Paulo. Miembro de la Academia Sul-Mato-Grossense de Letras. Pertenece al PEN Club de Brasil ya la *Academia Cristã de Letras*. Sus libros más recientes son: *Jardim fechado: uma antologia poética* (Porto Alegre/ RS: Vidráguas, 2016); *O avião invisível (crônicas)* (Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2017); *Menina dos olhos (poemas)* (Guaratinguetá/SP: Penalux, 2018), *Mar de rosas (crônicas)* (Guaratinguetá/ SP: Penalux, 2018) y *Leque Aberto: crônicas* (Guaratinguetá/SP: Penalux, 2020).

Renata de Castro nasceu no Rio de Janeiro, em 1979, mas vive em Aracaju, Sergipe, há mais de 30 anos. Professora, mestre em Linguística e, atualmente, doutoranda em Literatura na UFS atua no Ensino Superior e no Básico. Dedica-se sobretudo à escrita de versos, embora também escreva prosa. Tem três livros publicados: *O terceiro quarto* (Ed. Benfazeja, 2017) – composto não só por poemas, mas também por contos –, *Hystéra* (Ed. Escaleras, 2018) – composto exclusivamente por poemas eróticos – e *De quando estive em Alto-Mar: poemas de afogamento e algumas mortes felizes* (Ed. Escaleras, 2021). Teve alguns de seus poemas publicados em revistas virtuais, como *Varal*, na *Crioula USP* (2011); *Atávica flor*, em uma edição especial da *Gueto* (2017), em *Minguante*, *Todo mal*, *Candidum*, e em diferentes edições da *Revista Barbante* (2017 e 2018). Fez parte da *Antologia Poética Senhoras Obscenas* (Ed. Benfazeja, 2016), da *Antologia Poética Damas entre Verdes* (Selo Senhoras Obscenas, 2017) e da *Antologia Poética Senhoras Obscenas* (Ed. Patuá, 2019). E-mail: renataadecastro_@hotmail.com.

Renata de Castro nació en Río de Janeiro (RJ), en 1979, pero vive en Aracaju, Sergipe, hace más de 30 años. Profesora, maestra en Lingüística y, actualmente, estudiante de Doctorado en Literatura en la UFS actúa en la Enseñanza Superior y en el Básico. Se dedica sobre todo a la escritura de versos, aunque también escriba prosa. Tiene tres libros publicados: *O terceiro quarto* (Ed. Benfazeja, 2017) – compuesto no sólo por poemas, sino también por cuentos – *Hystéra* (Ed. Escaleras, 2018) – compuesto exclusivamente por poemas eróticos – y *De quando estive em Alto-Mar: poemas de afogamento e algumas mortes felizes* (Ed. Escaleras, 2021). Ha tenido algunos de sus poemas publicados en revistas virtuales, como *Varal*, na *Crioula USP* (2011); *Atávica flor*, en una edición especial de la *Gueto* (2017), *Minguante*, *Todo mal* y *Candidum*, y en diferentes ediciones de la *Revista Barbante* (2017 y 2018). Hizo parte de la *Antologia Poética Senhoras Obscenas* (Ed. Benfazeja, 2016), de la *Antologia Poética Damas entre Verdes* (Selo Senhoras Obscenas, 2017) y de la *Antologia Poética Senhoras Obscenas* (Ed. Patuá, 2019). E-mail: renataadecastro_@hotmail.com.

Rosângela Trajano é poeta, escritora, ilustradora e fotógrafa. Licenciada e bacharel em filosofia pela UFRN e mestra em literatura comparada também pela UFRN. Atualmente, cursa História na UFRN. Com mais de 21 livros publicados para crianças, ministra cursos a distância de filosofia para crianças. Últimos livros: *Dia de céus; Vestes do cuidado* e *Na rua dos ninhos*, de 2020; *Pezinho da noite; Iracema, a linda* (2021) e *Poemas para Chris*, de 2021. É editora da Lucgraf Virtual que produz ebooks científicos e de ficção. Ministra um curso voluntário de Inglês para as crianças do seu bairro em Natal, Rio Grande do Norte. Desde 2008 vem fazendo um trabalho de leitura e produção de textos no Memorial Combatente Manoel Lino de Paiva na cidade de Martins, Rio Grande do Norte. De sua autoria conta com 10 (dez) desenhos animados para crianças e alguns videopoemas. Também trabalha com a criação de infopoesia. Ilustradora, cartunista e fotógrafa premiada pela Justiça Federal do Rio Grande do Norte em 2018 com o segundo e terceiro lugar. Participou do III Salão de Arte Potiguar Dorian Gray com a obra *Carrinho de mão*. Faz parte do CIMEEP – Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos tendo produzido o seu primeiro poema épico no ano de 2015 intitulado *O menino louro e o galo de ouro*. Escreve para os sites Fãs da Psicanálise e Nei Pies – Educação e Direitos Humanos. Editora da revista científica de Letras intitulada *Barbante* há mais de sete anos no mercado editorial. Criadora do projeto “Flores Partidas”, por meio do qual combate a violência contra a mulher com ilustrações e poesias da sua autoria participando de exposições em escolas de ensino médio e universidades. O que mais gosta de fazer é conversar com as estrelas e andar no meio da chuva. Seus sites para visitas são: rosangelatrajano.com.br e danda.com.br.



Rosângela Trajano (Natal, RN, 1971) es poeta, escritora, ilustradora y fotógrafo. Licenciada y bachiller en filosofía por la UFRN y maestra en literatura comparada también por la UFRN. Actualmente, cursa Historia en la UFRN. Con más de 21 libros publicados para niños, imparte cursos a distancia de filosofía para niños. Últimos libros: *Dia de céus; Ventes do cuidado e Na rua dos ninhos*, de 2020; *Pezinho da noite; Iracema, a linda* (2021) e *Poemas para Chris*, de 2021. Es editora de Lucgraf Virtual que produce e-books científicos y de ficción. Ministró un curso voluntario de inglés para los niños de su barrio en Natal, Rio Grande do Norte. Desde 2008 viene haciendo un trabajo de lectura y producción de textos en el *Memorial Combatente Manoel Lino de Paiva* en la ciudad de Martins, Rio Grande do Norte. De su autoría cuenta con 10 (diez) dibujos animados para niños y algunos videopoemas. También trabaja con la creación de infopoesía. Ilustradora y fotógrafa premiada por la Justicia Federal de Rio Grande do Norte en 2018 con el segundo y tercer lugar. Participó del III Salón de Arte Potiguar Dorian Gray con la obra *Carrinho de mão*. Es parte del CIMEEP – *Centro Internacional e Multidisciplinar de Estudos Épicos* habiendo producido su primer poema épico en el año 2015 titulado *O menino louro e o galo de ouro*. Escribir para los sitiosweb de *Fãs da Psicanálise* y *Nei Pies – Educação e Direitos Humanos*. Es la editora de la revista científica de Letras titulada *Revista Barbante* hace más de siete años en el mercado editorial. Creadora del proyecto “*Flores Partidas*”, por medio de cual combate la violencia contra la mujer con ilustraciones y poesías de su autoría participando de exposiciones en escuelas de enseñanza media y universidades. Lo que más le gusta hacer es conversar con las estrellas y caminar en medio de la lluvia. Sus sitios web para visitas son: rosangelatrajano.com.br y danda.com.br.



Tatiana Pequeno nasceu no Rio de Janeiro, em 1979. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com tese sobre Maria Gabriela Llansol. É professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordena o grupo de pesquisa “Corpo, Gênero e Sexualidade nas Literaturas Portuguesa e Africanas”. Obras líricas: *réplica das urtigas* (2009), *Aceno* (2014) e *Onde estão as bombas* (2019).



Tatiana Pequeno nació en Rio de Janeiro (RJ), en 1979. Doctora en Letras por la Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), con tesis sobre Maria Gabriela Llansol. Es profesora de la Universidade Federal Fluminense (UFF). Coordina el grupo de investigación “Corpo, Gênero e Sexualidade nas Literaturas Portuguesa e Africanas”. Obras líricas: *réplica das urtigas* (2009), *Aceno* (2014) y *Onde estão as bombas* (2019).

Sobre as autoras cubanas
Sobre las autoras cubanas



Caridad Atencio nasceu em 14 de fevereiro de 1963. Poeta, ensaísta e pesquisadora. Graduada em Filologia pela Universidade de Havana em 1985. Trabalhou como pesquisadora no Centro de Estudos Martianos por 27 anos, onde detém a categoria de pesquisadora assistente. Autora dos livros de poemas: *Los viles aislamientos* (1996) Letras Cubanas; *Los poemas desnudos* (1995) Ediciones Mucuglifo, Mérida, Venezuela; *Reina del mar* (1997), Cienfuegos y Letras Cubanias (2014); *Umbrías* (1999) Letras Cubanias; *Los cursos imantados* (2000) Ediciones Unión; *Salinas para el potro* (2001) Ediciones Extramuros; *La Sucesión* (2004) Editorial Letras Cubanias; *Notas a unas notas para L.A.* (2005), Editorial Unión; *El libro de los sentidos* (2010), Letras Cubanias; *Desplazamiento al margen* (2018), Ediciones Extramuros. E dos livros de ensaio: *Recepción de Versos sencillos: poesía del metatexto*, Editorial Abril, 2000; *Génesis de la poesía de José Martí*, Editorial Estatal a Distancia y Centro de Estudios Martianos, 2005, Costa Rica; *Circulaciones al libro póstumo*, Editorial Oriente, Santiago de Cuba, 2005; *De algunos poetas románticos mexicanos en Martí* (2005), Instituto Mexiquense de Cultura; Toluca, *Un espacio de pugna estética*, Ediciones Matanzas, Matanzas, 2006; *La saga crítica de Ismaelillo*, Editorial José Martí. La Habana, 2008, *Del agua refluente: sobre los versos de La Edad de Oro*, Ediciones Matanzas, Matanzas, 2011; *Los cuadernos de apuntes de José Martí o la legitimación de la escritura*, Ediciones Unión, La Habana, 2012; *José Martí: de cómo la poesía encarna en la historia*, Centro de Estudios Martianos, 2014; *José Martí y Lezama Lima: la poesía como vaso comunicante*; Ediciones Unicornio, Artemisa 2015; e *De la escritura rota y restos de la memoria: apuntes en hojas sueltas de José Martí*, Editorial Oriente. Recebeu os prêmios: *Premio Pinos Nuevos* de poesia em 1996, o *Premio Dador* em 2000 em ensaio; o *Premio Calendario* em ensaio em 1999; o *Premio Razón de Ser* em 2002; o *Premio Dador* do Instituto Cubano del Libro no gênero poesia em 2002; o da *Gaceta de Cuba* em 2005; o *Premio de la Crítica Literaria* em 2010; o *Premio Dador* de poesia em 2013. Recebeu, ainda, a distinção *Gitana Tropical* em 2014 e em 2016 a *Medalla Raúl Gómez García*. Possui a *Distinción por la Cultura Nacional*.

Caridad Atencio nació en 14 de febrero de 1963. Poeta, ensayista e investigadora. Licenciada en Filología por la Universidad de la Habana en 1985. Trabaja como investigadora del Centro de Estudios Martianos desde hace 27 años donde ostenta la categoría de investigadora auxiliar. Autora de los poemarios: *Los viles aislamientos* (1996) Letras Cubanias; *Los poemas desnudos* (1995) Ediciones Mucuglifo, Mérida, Venezuela; *Reina del mar* (1997), Cienfuegos y Letras Cubanias (2014); *Umbrías* (1999) Letras Cubanias; *Los cursos imantados* (2000) Ediciones Unión; *Salinas para el potro* (2001) Ediciones Extramuros; *La Sucesión* (2004) Editorial Letras Cubanias; *Notas a unas notas para L.A.* (2005), Editorial Unión; *El libro de los sentidos* (2010), Letras Cubanias; *Desplazamiento al margen* (2018), Ediciones Extramuros. Y de los libros de ensayo: *Recepción de Versos sencillos: poesía del metatexto*, Editorial Abril, 2000; *Génesis de la poesía de José Martí*, Editorial Estatal a Distancia y Centro de Estudios Martianos, 2005, Costa Rica; *Circulaciones al libro póstumo*, Editorial Oriente, Santiago de Cuba, 2005; *De algunos poetas románticos mexicanos en Martí* (2005), Instituto Mexiquense de Cultura; *Toluca, Un espacio de pugna estética*, Ediciones Matanzas, Matanzas, 2006; *La saga crítica de Ismaelillo*, Editorial José Martí. La Habana, 2008, *Del agua refluente: sobre los versos de La Edad de Oro*, Ediciones Matanzas, Matanzas, 2011; *Los cuadernos de apuntes de José Martí o la legitimación de la escritura*, Ediciones Unión, La Habana, 2012; *José Martí: de cómo la poesía encarna en la historia*, Centro de Estudios Martianos, 2014; *José Martí y Lezama Lima: la poesía como vaso comunicante*; Ediciones Unicornio, Artemisa 2015; y *De la escritura rota y restos de la memoria: apuntes en hojas sueltas de José Martí*, Editorial Oriente. Ha recibido los premios: Premio Pinos Nuevos en poesía en 1996; Premio Dador en el año 2000 en ensayo; Premio Calendario en ensayo en 1999; Premio Razón de ser en 2002; Premio Dador del Instituto Cubano del Libro en el género de Poesía durante el año 2002; o de La Gaceta de Cuba en el 2005; Premio de la Crítica Literaria, em 2010; y Premio Dador de Poesía, em 2013. Recibió la distinción Gitana Tropical en 2014 y en 2016 la Medalla Raúl Gómez García. Posee la Distinción por la Cultura Nacional.

Charo Guerra (Limonar, Matanzas, 1962) publicou os livros de poemas: *Un sitio bajo el cielo* (Ediciones Matanzas, 1991); *Los inocentes* (Ediciones Vigía, 1993); *Vámonos a Icaria* (Letras Cubanas, 1998); *Luna de los pobres* (Ediciones Matanzas, 2010), e os livros de contos *Pasajes de la vida breve* (Ediciones Unión, 2007) e *Mientras llegan los gatos salvajes* (Ediciones Extramuros, 2018).



Charo Guerra (Limonar, Matanzas, 1962). Ha publicado los poemarios *Un sitio bajo el cielo* (Ediciones Matanzas, 1991); *Los inocentes* (Ediciones Vigía, 1993); *Vámonos a Icaria* (Letras Cubanas, 1998); *Luna de los pobres* (Ediciones Matanzas, 2010), y los libros de cuentos *Pasajes de la vida breve* (Ediciones Unión, 2007) y *Mientras llegan los gatos salvajes* (Ediciones Extramuros, 2018).

Dalila León nasceu em Sancti Spíritus, em 1980. É poeta e ficcionista. Membro da UNEAC. Pertence ao Consejo Provincial da Editorial Luminaria e trabalha na Casa de Cultura de Sancti Spíritus como Instrutora do Dpto. de Literatura. Entre suas principais conquistas na literatura se encontram: menção no prêmio "David" (Havana, 2011), prêmio "El Girasol Sediento" (Cienfuegos, 2012), primeira menção no prêmio "Francisco (Paco) Mir Mulet" (Ilha da Juventud, 2013), prêmio na Beca de Creación "La Enorme Hoguera" (Havana, 2013), menção no prêmio "Calendario" (Havana, 2014 e 2016), menção no concurso "Hermanos Loynaz" (Pinar del Rio, 2014), prêmio Pinos Nuevos en poesía (Havana, 2014), prêmio da Ciudad "Fayad Jamís" (S. Spíritus, 2016), prêmio da Beca Julio Crespo Francisco" (UNEAC, S. Spíritus, 2016), prêmio Fundación de la Ciudad de Santa Clara (2017). Publicou os livros: *Bon Appétit* (Letras Cubanias, 2014 e Guantanamera 2017), *Sin buenas nuevas* (Editorial Reina del Mar, 2016), *Pop Art Collection* (Editorial Luminaria, 2016), *Antes que amanezca* (Editorial Luminaria, 2017) e *Bon Voyage* (Editorial Capiro, 2018).

Dalila León nació en Sancti Spíritus, en 1980. Es poeta y narradora. Miembro de la UNEAC. Pertece al Consejo Provincial de la Editorial Luminaria y trabaja en la Casa de Cultura de Sancti Spíritus como Instructora del Dpto. de Literatura. Dentro de sus principales resultados se encuentran: Mención en el Premio "David" (Habana, 2011), Premio "El Girasol Sediento" (Cienfuegos, 2012), Primera mención en el Premio "Francisco (Paco) Mir Mulet" (Isla de la Juventud, 2013), Premio en la Beca de Creación "La Enorme Hoguera" (Habana, 2013), Mención en el Premio "Calendario" (Habana, 2014 y 2016), Mención en el Concurso "Hermanos Loynaz" (Pinar del Rio, 2014), Premio Pinos Nuevos en poesía (Habana, 2014), Premio de la Ciudad "Fayad Jamís" (S. Spíritus, 2016), Premio de la Beca Julio Crespo Francisco" (UNEAC, S. Spíritus, 2016), Premio Fundación de la Ciudad de Santa Clara (2017), Ha publicado los libros: *Bon Appétit* (Letras Cubanias, 2014 y Guantanamera 2017), *Sin buenas nuevas* (Editorial Reina del Mar, 2016), *Pop Art Collection* (Editorial Luminaria, 2016), *Antes que amanezca* (Editorial Luminaria, 2017) y *Bon Voyage* (Editorial Capiro, 2018).

Dolores Labarcena (Santiago de Cuba, 1972). Poeta e ficcionista. Publicou o caderno de poesia *Las puertas dialogadas* (Editora Abril, La Habana, 2004) e recentemente *Tundra* (Casa Vacía, Richmond, Virginia, 2018). Também publicou os romances *Kruschov* (Editorial Verbum, Madrid, 2015), *Cachemir* (Aduana Vieja, Valencia, 2016), *Diario de un Tuátara* (Baile del Sol, Islas Canarias, 2018) y *No quiero llanto* (Betania, Madrid, 2020). Codirige a publicação digital de literatura Potemkin Ediciones. Atualmente reside em Barcelona.



Dolores Labarcena (Santiago de Cuba, 1972). Poeta y narradora. Publicó el cuaderno de poesía *Las puertas dialogadas* (Editora Abril, La Habana, 2004) y recientemente *Tundra* (Casa Vacía, Richmond, Virginia, 2018). Ha publicado además las novelas *Kruschov* (Editorial Verbum, Madrid, 2015), *Cachemir* (Aduana Vieja, Valencia, 2016), *Diario de un Tuátara* (Baile del Sol, Islas Canarias, 2018) y *No quiero llanto* (Betania, Madrid, 2020). Codirige la publicación digital de literatura Potemkin ediciones. Actualmente reside en Barcelona.

Georgina Filomena Herréa Cárdenes nasceu em Jovellanos, província de Matanzas, Cuba, uma área onde predomina a escravidão e, portanto, isso fez parte da história no meio em que cresceu, ouvindo parentes e amigos contarem como foi aquela tragédia ainda não terminada que viveram. Com essas histórias dentro de seu coração e de sua cabeça, ela se mudou para Havana aos 20 anos, trabalhando como doméstica durante o dia e estudando à noite. Foi fácil para ela encontrar um emprego no triunfo da Revolução e começou a trabalhar para a Rádio, escrevendo novelas. Ela publicou 10 livros de poemas e recebeu prêmios e condecorações tanto na rádio quanto na literatura. Ela viajou para os Estados Unidos, Canadá, México, Argentina, Colômbia, Equador, Brasil e outros países, quase sempre tratando de questões de gênero e raça. Seu trabalho é estudado em várias universidades no exterior.



Georgina Filomena Herrera Cárdenes nace en Jovellanos, provincia de Matanzas, Cuba, zona en la que predominó la esclavitud y por tanto, eso fue parte de la historia en medio de la cual se crió, oyendo contar a familiares y amigos que vivieron esa tragedia aún no terminada de contar tal como fue. Con esas historias dentro de su corazón y su cabeza se trasladó a la Habana a los 20 años, trabajando de doméstica por el día y estudiando por la noche. Le fue fácil encontrar un trabajo al triunfo de la Revolución y comenzó a trabajar para la Radio escribiendo novelas. Ha publicado 10 libros de poemas y tanto en la radio como en la Literatura ha recibido premios y condecoraciones. Ha viajado a E. Unidos, Canadá, Méjico, Argentina, Colombia, Ecuador, Brasil y otros países, casi siempre tratando el tema de Género y raza. Se estudia su obra en varias universidades del extranjero.

Julia Cabalé (Havana, 1954) é poeta, editora, promotora cultural. Publicou os livros *Ceremonia del tacto* (prêmio David de poesia), 2001, e *La ficción de la luz*, 2010, pela Ediciones Unión; *Voz de las gravas*, 2012, pela Ediciones Unicornio; *Cuerpo en fuga*. 2016, pela Editorial Shushikuikat, San Salvador, El Salvador e *Ojo del viento*, pela Ediciones Montecallado, 2018. Coautora da antologia cubana-salvadorenha *Dos naciones en versos. Volumen I, II, III y IV*, 2013, 2015, 2016, 2017, pela Editorial Shushikuikat, San Salvador, El Salvador. É membro da UNEAC.



Julia Cabalé, La Habana, 1954. Poeta, editora, promotora cultural. Ha publicado los libros *Ceremonia del tacto* (premio David de poesía), 2001 y *La ficción de la luz*, 2010, por Ediciones Unión; *Voz de las gravas*, 2012, por Ediciones Unicornio; *Cuerpo en fuga*. 2016, editorial Shushikuikat, San Salvador, El Salvador y *Ojo del viento*. Ediciones Montecallado, 2018. Coautora de la antología cubana salvadoreña *Dos naciones en versos. Volumen I, II, III y IV*, 2013, 2015, 2016, 2017. Editorial Shushikuikat, San Salvador, El Salvador. Es miembro de la UNEAC.

Legna Rodríguez Iglesias (Camagüey, 1984) obteve o Prêmio Iberoamericano de Contos Julio Cortázar, 2011, e foi ganhadora do Prêmio Casa de Las Américas, teatro, 2016, com a obra *Si esto es una tragedia yo soy una bicicleta*. É autora de vários livros como *Hilo+Hilo*, poesia, Editorial Bokeh, Leiden, 2015; *Las analfabetas*, romance, Editorial Bokeh, Leiden, 2015; *No sabe/no contesta*, contos, Ediciones La Palma, España, 2015; *Mayonesa bien brillante*, romance, Hypermedia Ediciones, 2015; *Dame Spray*, poesia, Hypermedia Ediciones, 2016; *Chicle(ahora es cuando)*, poesia, edição bilíngue da Editorial Letras Cubanás, 2016; *Todo sobre papá*, poesía para crianças, Ediciones Aguadulce, 2016; *Transtucé*, Editorial Casa vacía, EEUU, 2017; *La mujer que compró el mundo*, contos, Editorial Los libros de la mujer rota, Chile, 2017. Em 2016 mereceu o Paz Prize, outorgado pelo The National Poetry Series, com *Miami Century Fox*, 51 sonetos, AkashicBooks, 2017. A Editorial Alfaguara publicou *Mi novia preferida fue un bulldog francés*, narrativa hispânica, Espanha, 2017. É mamãe de um bebê muito precioso e tinha a mesma quantidade de tatuagens que de anos de idade, agora já não. E-mail: doblecamino@yahoo.es.



Legna Rodríguez Iglesias (Camagüey, Cuba, 1984) obtuvo el Premio Iberoamericano de Cuentos Julio Cortázar, 2011, y es ganadora del Premio Casa de Las Américas, teatro, 2016, con la obra *Si esto es una tragedia yo soy una bicicleta*. Es autora de varios libros como *Hilo+Hilo*, poesía, Editorial Bokeh, Leiden, 2015; *Las analfabetas*, novela, Editorial Bokeh, Leiden, 2015; *No sabe/no contesta*, cuento, Ediciones La Palma, España, 2015; *Mayonesa bien brillante*, novela, Hypermedia Ediciones, 2015; *Dame Spray*, poesía, Hypermedia Ediciones, 2016; *Chicle(ahora es cuando)*, poesía, edición bilingüe de la Editorial Letras Cubanas, 2016; *Todo sobre papá*, poesía para niños, Ediciones Aguadulce, 2016; *Transtucé*, Editorial Casa vacía, EEUU, 2017; *La mujer que compró el mundo*, cuento, Editorial Los libros de la mujer rota, Chile, 2017. En el año 2016 mereció el Paz Prize, otorgado por The National Poetry Series, con *Miami Century Fox, 51 sonetos*, Akashic Books, 2017. La Editorial Alfaguara publicó *Mi novia preferida fue un bulldog francés*, Narrativa Hispánica, España, 2017. Es mamá de un bebé demasiado precioso y tenía la misma cantidad de tatuajes que de años, ahora ya no. E-mail: doblecamino@yahoo.es.



Leyla Leyva Lima (03/08/1964) é poeta, jornalista e crítica literária. Graduada em Licenciatura em Jornalismo pela Universidad de La Habana. É membro da Asociación de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC). Publicou os livros de poemas: *Piélagos* (Editorial Letras Cubanás, 2000), ganador do Concurso "Lourdes Casal", em sua primeira convocatória internacional; *Ejercicios carnales* (Editorial Letras Cubanás, 2009), e *Estado de espera* (Editorial UNION, 2012). Sua poesia foi incluída, ainda, nas antologias: *Hombres necios que acusáis...*, *estudio sobre el discurso femenino de la décima en Cuba* (Editorial Oriente, 2001), *Esta cárcel de aire puro, panorama de la décima cubana en el Siglo XX* (Casa Editora Abril, 2010) e *Catedral sumergida, compilación de poesía cubana escrita por mujeres entre el siglo XX y el XXI* (Editorial Letras Cubanás, 2014). Foi crítica literária durante mais de quinze anos, escrevendo para as páginas culturais do jornal *Granma*. Seus poemas também aparecem nas revistas *La Gaceta de Cuba*, *Amnios* e *La Letra del Escriba*. Reside em Havana.

Leyla Leyva Lima (03/08/1964) es poeta, periodista y crítica literaria. Graduada de Licenciatura en Periodismo en la Universidad de La Habana. Es miembro de la Asociación de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC). Ha publicado los poemarios: *Piélagos* (Editorial Letras Cubanás, 2000), ganador del Concurso "Lourdes Casal", en su primera convocatoria internacional; *Ejercicios carnales* (Editorial Letras Cubanás, 2009), y *Estado de espera* (Editorial UNION, 2012). Su poesía ha sido incluida, además, en las Antologías: *Hombres necios que acusáis...*, *estudio sobre el discurso femenino de la décima en Cuba* (Editorial Oriente, 2001), *Esta cárcel de aire puro, panorama de la décima cubana en el Siglo XX* (Casa Editora Abril, 2010) y *Catedral sumergida, compilación de poesía cubana escrita por mujeres entre el siglo XX y el XXI* (Editorial Letras Cubanás, 2014). Ha realizado durante más de quince años la crítica literaria en las páginas culturales del diario *Granma*. Poemas suyos también aparecen recogidos en la revistas *La Gaceta de Cuba*, *Amnios* y *La Letra del Escriba*. Reside en La Habana.

Lina de Feria (Santiago de Cuba, 1945). Poeta, investigadora e crítica. Publicou numerosos livros de poesia, entre os quais se pode destacar: *Casa que no existía*, que obteve em 1967 o prêmio fundacional do Concurso David de la UNEAC (1968), *A mansalva de los años* (1990), *El ojo milenario* (1995), *El rostro equidistante* (2001), *País sin abedules* (2003), *Antología boreal* (seleção de sua poesia, 2007). Em várias ocasiões foi merecedora do *Premio Nacional de la Crítica*. Figura en antologias poéticas de Cuba, México, Argentina, Chile, Estados Unidos, Espanha, França, Grã Bretanha, Áustria e Suiça, entre outros. Recebeu o *Premio Internacional de Poesía Raúl Hernández Novás* por seu libro de poemas *El libro de los equívocos* (1999). Em dezembro de 2019, Lina de Feria ganhou, em Havana, Prêmio Nacional de Literatura.



Lina de Feria (Santiago de Cuba, 1945). Poeta, investigadora y crítica. Tiene publicados numerosos libros de poesía, entre los que se pueden señalar: *Casa que no existía*, que obtuviera en 1967 el premio fundacional del Concurso David de la UNEAC (1968), *A mansalva de los años* (1990), *El ojo milenario* (1995), *El rostro equidistante* (2001), *País sin abedules* (2003), *Antología boreal* (selección de su poesía, 2007). Ha sido merecedora en varias ocasiones del Premio Nacional de la Crítica. Figura en antologías poéticas de Cuba, México, Argentina, Chile, Estados Unidos, España, Francia, Gran Bretaña, Austria y Suiza, entre otros. Le fue otorgado el Premio Internacional de Poesía Raúl Hernández Novás por su poemario *El libro de los equívocos* (1999).

Martha Luisa Hernández Cadenas (Martica Minipunto). Teatróloga, poeta e performer. O único que lhe interessa é a experiência de conhecer o outro. Seu trabalho se dá nas bordas e na impossibilidade dessa experiência. Coordenadora do Laboratorio Escénico de Experimentación Social, LEES. Entre suas obras recentes se encontram as performances *Nueve* (2017) *Extintos, aquí no vuelan mariposas* (2018) e as intervenções *La última ópera china* (2018) e *Las fundadoras* (2019). Fundadora da editora independente *Ediciones Sinsentido*. Publicou o livro de poemas *Días de hormigas* (*Ediciones Unión*, 2018) pelo qual obteve o Premio David de Poesía 2017. Ganhadora do Premio de ensayo *La Selva Oscura* por sua pesquisa *Notas de un simulador. La crítica teatral de Calvert Casey (1960-1965)*. Ganhadora do Premio de Teatrología Rine Leal por seu livro *ESTA OBRA HABLA DE TI Y DE MI. Ensayos para (des)a(r)mar la experimentación escénica en Cuba* (2012-2018).

Martha Luisa Hernández Cadenas (Martica Minipunto). Teatróloga, poeta y performer. Lo único que le interesa es la experiencia de conocer al otro. Su obra se sucede en los bordes y la imposibilidad de esa experiencia. Coordinadora del Laboratorio Escénico de Experimentación Social, LEES. Entre su obra reciente se encuentran los performances *Nueve* (2017) *Extintos, aquí no vuelan mariposas* (2018), las intervenciones *La última ópera china* (2018) y *Las fundadoras* (2019). Fundadora de la editorial independiente *Ediciones Sinsentido*. Ha publicado el poemario *Días de hormigas* (*Ediciones Unión*, 2018) con el que obtuviera el Premio David de Poesía 2017. Ganadora del Premio de ensayo *La Selva Oscura* por su investigación *Notas de un simulador. La crítica teatral de Calvert Casey (1960-1965)*. Ganadora del Premio de Teatrología Rine Leal por su libro *ESTA OBRA HABLA DE TI Y DE MI. Ensayos para (des)a(r)mar la experimentación escénica en Cuba* (2012-2018).

Maylan Álvarez Rodríguez nasceu em Unión de Reyes, Matanzas, Cuba, em 1978. É Licenciada em Espanhol-Literatura. Graduada do Centro de formação literária Onelio Jorge Cardoso. Trabalhou como jornalista do Sistema Informativo da Televisão Cubana. Trabalha como editora da revista Matanzas. Publicou 12 criadores entrevistados. *Coordenadas de arte y literatura* (Ediciones Aldabón, 2011, entrevistas); *Naufragios del San Andrés*(Editorial Abril, 2012, poesia); *La callada molienda* (Editorial Pablo de la Torrente Brau, 2013, testemunhos); *Tratados de la mala hierba* (Áncoras Ediciones, 2014, poesia); *Body Art* (Plaquette, Ediciones El Fortín, 2015, poesia); *Todo lo que en silencio es lenguaje* (Ediciones Vigía, tradução do portugués para o espanhol da poesia de Lêdo Ivo, junto com Karel Bofill, 2015); *El mundo de Marcos* (Ediciones Aldabón, 2016, narrativa infantil); *La dulce superficie de la vida* (Ediciones Vigía, 2016, poesia);*Otras lecturas del cuerpo* (Ediciones La Luz, 2017, poesia). Em processo de edição: *This bag isnot a toy* (Ediciones Matanzas, poesia) e *Un patio para Fabio* (Ediciones Aldabón, narrativa infantil). Obteve, entre outros, o *Premio Internacional Escribanía Dollz*; bolsa de criação *Aldabóne* prêmio anual da revista *Matanzas*(entrevista) em 2009, respectivamente; *Premio Calendario* de poesia em 2011 e prêmio de entrevista da revista *Videncia*, 2012. Obteve o *Premio Memoria*, em 2012, auspiciado Pe lo Centro Pablo de la Torriente Brau (testemunho); bolsa de criação *La Noche* (narrativa infantil), 2012 e menção no *Concurso nacional Reina del Mar* (poesia), 2012; prêmio nacional de poesia *Digidora Alonso*, 2013; ganhadora do concurso nacional *Paco Mir* (poesia), 2013. Obteve a bolsa de criação Dador, 2014, gênero poesia; Menção Especial no *Premio Extraordinario de Poesía Bicentenario de José Jacinto Milanés*, 2014 e Menção no *Concurso Debate Provincial José Jacinto Milanés*, 2018 (poesia). Foi incluída nas antologias: *El libro verde. Festival Internacional de Poesía de La Habana* (Biblioteca Tabasqueña del Centenario, México, 2011); *La calle de Rimbaud* (Ediciones Aldabón, Cuba, 2013); *Catedral sumergida* (Editorial Letras Cubanás, Cuba, 2014); *El árbol en la cumbre* (Editorial Letras Cubanás, Cuba, 2015); *Laisla escrita. 35 poetas cubanos (2000-2015)* (Editorial Universitaria de La Plata,

Argentina, 2015); *Poetas en Matanzas VI*(Ediciones Matanzas, Cuba, 2016), *Los sueños cantan*(Ediciones Vigía, Cuba, 2016); *La isla de los peces blancos* (Ediciones La Luz, Cuba, 2017), 9x19 Cuba traducida(Projeto de la Universidad de Houston y Ediciones Matanzas, 2018). Trabalhou como júri em competições nacionais e internacionais. Seus poemas e artigos foram publicados em revistas e mídia cubanas e estrangeiras. Membro da União de escritores e artistas de Cuba (UNEAC).



Maylan Álvarez Rodríguez nació en Unión de Reyes, Matanzas, Cuba, en 1978. Es Licenciada en Español-Literatura. Graduada del Centro de formación literaria Onelio Jorge Cardoso. Ha laborado como periodista del Sistema Informativo de la Televisión Cubana. Trabaja como editora en la revista Matanzas. Ha publicado 12 creadores entrevistados. *Coordenadas de arte y literatura* (Ediciones Aldabón, 2011, entrevistas); *Naufragios del San Andrés* (Editorial Abril, 2012, poesía); *La callada molienda* (Editorial Pablo de la Torrente Brau, 2013, testimonios); *Tratados de la mala hierba* (Áncoras Ediciones, 2014, poesía); *Body Art* (Plaquette, Ediciones El Fortín, 2015, poesía); *Todo lo que en silencio es lenguaje* (Ediciones Vigía, traducción del portugués al español de la poesía de Ledö Ivo, junto a Karel Bofill, 2015); *El mundo de Marcos* (Ediciones Aldabón, 2016, narrativa infantil); *La dulce superficie de la vida* (Ediciones Vigía, 2016, poesía); *Otras lecturas del cuerpo* (Ediciones La Luz, 2017, poesía). En proceso de edición *This bag is not a toy* (Ediciones Matanzas, poesía) y *Un patio para Fabio* (Ediciones Aldabón, narrativa infantil). Ha obtenido, entre otros, el Premio Internacional Escribanía Dollz; Beca de creación Aldabón y Premio Anual de la revista Matanzas (entrevista) en 2009, respectivamente; Premio Calendario de poesía en el 2011 y premio de entrevista de la revista Videncia, 2012. Obtuvo el Premio Memoria, 2012, auspiciado por el Centro Pablo de la Torriente Brau (testimonio); Beca de creación La Noche (narrativa infantil), 2012 y mención en el Concurso nacional Reina del Mar (poesía), 2012. Premio nacional de poesía Digidora Alonso, 2013. Ganadora del Concurso nacional Paco Mir, (poesía), 2013. Obtuvo la Beca de creación Dador, 2014, género poesía; Mención Especial en el Premio Extraordinario de Poesía Bicentenario de José Jacinto Milanés, 2014 y Mención en el Concurso Debate Provincial José Jacinto Milanés, 2018 (poesía). Ha sido incluida en las antologías *El libro verde. Festival Internacional de Poesía de La Habana* (Biblioteca Tabasqueña del Centenario, México, 2011); *La calle de Rimbaud* (Ediciones Aldabón, Cuba, 2013); *Catedral sumergida* (Editorial Letras Cubanias, Cuba, 2014); *El árbol en la cumbre* (Editorial Letras Cubanias, Cuba, 2015); *La isla escrita. 35 poetas cubanos (2000-2015)* (Editorial Universitaria de La Plata,

Argentina, 2015); *Poetas en Matanzas VI* (Ediciones Matanzas, Cuba, 2016), *Los sueños cantan* (Ediciones Vigía, Cuba, 2016); *La isla de los peces blancos* (Ediciones La Luz, Cuba, 2017), *9x19 Cuba traducida* (Proyecto de la Universidad de Houston y Ediciones Matanzas, 2018). Ha ejercido como jurado en concursos de carácter nacional e internacional. Poemas y artículos suyos se han publicado en revistas y medios de prensa cubanos y foráneos. Miembro de la Unión de escritores y artistas de Cuba (UNEAC).



Nara Mansur Cao (Havana, 1969) é poeta, dramaturga e crítica de teatro, formada pelo Instituto Superior de Arte en La Habana. Ganhou o Prêmio de Crítica Literária em seu país duas vezes: como poeta, por seu livro *Manualidades*, também premiado com o Prêmio Nacional de Poesia Nicolás Guillén, e como dramaturga, por *Desdramatizándome. Cuatro poemas para el teatro*, que reúne alguns de seus materiais para o teatro. *Charlotte Corday. Poema dramático* é uma das obras que esse livro contém e que em 2017 Nara Mansur montou em Buenos Aires como espetáculo musical, junto com os músicos Marian Dames e Guillermo Esborraz. Como poeta, publicou também os livros *Arpegio* (Alción, 2019), *El trajecito rosa* (Buenos Aires Poetry, 2018), *Régimen de afectos* (2016); *Un ejercicio al aire libre* (2004); e *Mañana es cuando estoy despierta* (2000), estes por Letras Cubanas. Em 2013 obteve o *Premio Iberoamericano de Cuento Julio Cortázar* por seu relato "*¿Por qué hablamos de amor siempre?*". Seus textos teatrais têm sido levados ao palco em Cuba, Argentina, Colômbia, Estados Unidos, Itália e Porto Rico. Em 2015, a encenação de Corina Fiorillo de seu trabalho *Ignacio & María* em Buenos Aires ganhou três indicações para o ACE Awards (Asociación de Cronistas de Espectáculos). Como crítica teatral preparou a seleção e o estudo crítico do teatro de Virgilio Piñera (2014) e os estudos introdutórios aos teatros completos de Antón Chéjov e Iván Turguéniev (2015). Criou e coordena desde 2013 o ciclo *Dramaturgias posibles* no Centro Cultural de la Cooperación. Os *Cuadernos de Picadero* (n.33 e n.34, 2018), da Editora do Instituto Nacional del Teatro, incluem materiais desse ciclo. É pesquisadora do Instituto de Artes del Espetáculo (IAE) da Universidade de Buenos Aires. Antes de se mudar para a Argentina em 2007, ministrou o Seminário de Dramaturgia na Escola de Artes Teatrais do Instituto Superior de Arte em Havana e foi editora da revista *Conjunto*, dedicada ao teatro latino-americano, editada pela Casa das Américas.

Nara Mansur Cao (La Habana, 1969) es poeta, dramaturga y crítico teatral, egresada del Instituto Superior de Arte en La Habana. Ha obtenido el Premio de la Crítica Literaria de su país en dos ocasiones: como poeta, por su libro *Manualidades*, también galardonado con el Premio Nacional de Poesía Nicolás Guillén, y como dramaturga, por *Desdramatizándome. Cuatro poemas para el teatro*, que reúne algunos de sus materiales para el teatro. *Charlotte Corday. Poema dramático* es una de las obras que contiene este libro y que en 2017 Nara Mansur ha armado en Buenos Aires como espectáculo musical, junto a los músicos Marian Dames y Guillermo Esborraz. Como poeta ha publicado también los libros *Arpegio* (Alción, 2019), *El trajecito rosa* (Buenos Aires Poetry, 2018), *Régimen de afectos* (2016); *Un ejercicio al aire libre* (2004); y *Mañana es cuando estoy despierta* (2000), estos por Letras Cubanas. En 2013 obtuvo el Premio Iberoamericano de Cuento Julio Cortázar por su relato “¿Por qué hablamos de amor siempre?”. Sus textos teatrales han sido llevados a escena en su país, Argentina, Colombia, Estados Unidos, Italia y Puerto Rico. En 2015 la puesta en escena de Corina Fiorillo de su obra *Ignacio & María* en Buenos Aires obtuvo tres nominaciones a los Premios ACE (Asociación de Cronistas de Espectáculos). Como crítico teatral preparó para Ediciones Colihue la selección y el estudio crítico del teatro de Virgilio Piñera (2014) y los estudios introductorios a los teatros completos de Antón Chéjov e Iván Turguéniev (2015). Creó y coordina desde 2013 el ciclo *Dramaturgias posibles* en el Centro Cultural de la Cooperación. Dos *Cuadernos de Picadero* (n.33 y n.34, 2018), de la Editorial del Instituto Nacional del Teatro, incluyen materiales de este ciclo. Es investigadora del Instituto de Artes del Espectáculo (IAE) de la Universidad de Buenos Aires. Antes de mudarse a Argentina en 2007 impartía el seminario de Dramaturgia en la Facultad de Arte Teatral del Instituto Superior de Arte en La Habana y era editora de la revista *Conjunto*, dedicada al teatro latinoamericano, que edita Casa de las Américas.

Teresa Fornaris (Havana, 1971). Poeta, escritora e promotora cultural. Obteve vários prêmios em poesia, entre eles *Pinos Nuevos*, *Nossida Caribe*, *Hermanos Loynaz*. Publicou: *Aqua-sex*, 2000; *Raya X*, 2004; *Encima de chapas de refresco*, 2007; *A propósito del Fast Track*, 2007; *Elocutio sine nomine*, 2011; *Hasta que se acabe la luna*, 2015. Participou de diversas antologias publicadas em Cuba, México, Itália e Espanha. É coautora na seleção e nos comentários da antologia *El árbol en la cumbre. Nuevos poetas cubanos a la puerta del milenio*, 2014. Graduada em Engenharia Química, foi diretora de *La Casa de la Poesía na Oficina del Historiador de la Ciudad* e atualmente trabalha como Assistente Executiva e Especialista de Importações na empresa espanhola Freixenet.



Teresa Fornaris (Ciudad de la Habana, 1971). Poeta, escritora y promotora cultural. Ha obtenido varios premios en poesía, entre ellos *Pinos Nuevos*, *Nossida Caribe*, *Hermanos Loynaz*. Tiene publicados *Aqua-sex*, 2000; *Raya X*, 2004; *Encima de chapas de refresco*, 2007; *A propósito del Fast Track*, 2007; *Elocutio sine nomine*, 2011; *Hasta que se acabe la luna*, 2015. Participa en diversas antologías publicadas en Cuba, México, Italia y España. Coautora en la selección y comentarios de la antología *El árbol en la cumbre. Nuevos poetas cubanos a la puerta del milenio*, 2014. Graduada de Ingeniería Química, fue directora de La Casa de la Poesía en la Oficina del Historiador de la Ciudad y actualmente trabaja como Asistente Ejecutiva y Especialista de Importaciones en la empresa española Freixenet.

Yanira Marimón (Matanzas, 16 de março de 1971). Poeta, ficcionista e editora. Publicou os livros *La sombra infinita de los vencidos* (Poesia); *Donde van a morir las mariposas* (Romance), Prêmio *Calendario*, 2005, Prêmio *La Rosa Blanca* de melhor texto; *Contemplación versus acto* (Poesia), Prêmio *José Jacinto Milanés*, 2008 e *Premio Nacional de la Crítica*, 2009; *Tocar las puertas del cielo* (Romance), Bolsa de Criação *Juan Francisco, Manzano de la Uneac*, 2012 e Prêmio *La Rosa Blanca*, 2015, o livro de poesia *La fragmentada memoria*; 2017 e as reedições de seus livros *Donde van a morir las mariposas* (Ediciones Aldabón, 2018) e *Contemplación versus acto* (Editorial Red Mountain, EEUU, 2017). Ganhou inúmeros prêmios nacionais e internacionais, em ter os quais se destacam o *Rosalía de Castro*, de 2016, na Espanha, e a Menção no Prêmio Poesia La Gaceta de Cuba, 2007 e 2016, entre outros. Seu trabalho foi traduzido para várias línguas e aparece em numerosas antologias e periódicos de Cuba e do exterior. Antologizou numerosos textos de poesia, especialmente seu pai, Luis Marimón. É membro da União Nacional dos Escritores e Artistas de Cuba (Uneac) e editora da revista artística e literária *Matanzas*.



Yanira Marimón (Matanzas, Cuba, 16 de marzo de 1971). Poeta, narradora y editora. Ha publicado los libros *La sombra infinita de los vencidos* (Poesía); *Donde van a morir las mariposas* (Novela), Premio Calendario 2005, Premio La Rosa Blanca al mejor texto; *Contemplación versus acto* (Poesía), Premio José Jacinto Milanés 2008 y Premio Nacional de la Crítica 2009; *Tocar las puertas del cielo* (Novela), Beca de Creación Juan Francisco, Manzano de la Uneac, 2012 y Premio La Rosa Blanca, 2015; el poemario *La fragmentada memoria*; 2017y las reedicionesde sus libros *Donde van a morir las mariposas* (Ediciones Aldabón, 2018) y *Contemplación versus acto* (Editorial Red Mountain, EEUU, 2017). Ha obtenido numerosos premios internacionales y nacionales dentro de los que sobresalen el "Rosalía de Castro", 2016, en España, Mención en el premio de Poesía La Gaceta de Cuba 2007 y 2016, entre otros. Su obra ha sido traducida a varios idiomas y aparece recogida en numerosas antologías y publicaciones periódicas de Cuba y el extranjero. Ha antologado numerosos textos de poesía, especialmente de su padre Luis Marimón. Es miembro de la Unión Nacional de Escritores y artistas de Cuba (Uneac) y jefa de redacción de la revista artística y literaria *Matanzas*.



Yenys Laura Prieto Velazco (Sancti Spíritus, 1989) é poeta e jornalista. Seu caderno *La ciencia de la conservación* foi reconhecido com o *Premio Pinos Nuevos 2019* que entrega o Centro Cultural Dulce María Loynaz e a editora Letras Cubanias. Com o livro *Secuencia de baile popular* recebeu em 2018 o Prêmio David de Poesia convocado pela Unión de Escritores y Artistas de Cuba. Seus textos aparecem também nas antologias *El lugar de la ausencia* de Brumas Ediciones, Argentina; *La calle de Rimbaud. Nuevos poetas cubanos*, de Ediciones Aldabón; no caderno *Versos en el horizonte de la Isla*, no livro *Lenguas de marabú* de la Editorial Polibea, da Espanha; e no volume *Luz sin estribos, 35 poetas cubanos y 35 poeta colombianos*; assim como em revistas de Cuba e México. É autora do blog sobre arte e literatura *La muerte del pájaro profeta*.



Yenys Laura Prieto Velazco (Sancti Spíritus, 1989). Poeta y periodista. Su cuaderno *La ciencia de la conservación* fue reconocido con el Premio Pinos Nuevos 2019 que entrega el Centro Cultural Dulce María Loynaz y la editorial Letras Cubanias. Con el libro *Secuencia de baile popular* recibió en 2018 el Premio David de Poesía convocado por la Unión de Escritores y Artistas de Cuba. Sus textos aparecen también en las antologías *El lugar de la ausencia* de Brumas Ediciones, Argentina; *La calle de Rimbaud. Nuevos poetas cubanos*, de Ediciones Aldabón; en el cuaderno *Versos en el horizonte de la Isla*, en el libro *Lenguas de marabú* de la Editorial Polibea, de España; y en el volumen *Luz sin estribos, 35 poetas cubanos y 35 poeta colombianos*; así como en revistas de Cuba y México. Es autora del blog sobre arte y literatura *La muerte del pájaro profeta*.

Zurelys López Amaya (Havana, 1967) é poeta, ficcionista e jornalista. Licenciada em Comunicação Social pela Universidade de Habana. Sua obra foi publicada dentro e fora da ilha. Entre os livros publicados se encontram: *Pactos con la sombra*; Editorial Unicornio, 2009; *Rebaños*, Editorial Extramuros, 2010, ambos reeditados pela Atom Press [Florida, USA], 2010; *Minúsculos espejos*, Editorial Latin Heritage Foundation, [Washington, USA], 2011; *La señora solitaria*, Editorial Unión, 2014; *Lanzar la piedra*, Editorial Corazón de Mango, Colombia, 2015; *Rebaños*, reedição bilíngue, Editorial Cubanabooks, [USA], 2016; *Levitaciones*, Ediciones Matanzas, 2016; *La vela y el náufrago*, Editorial Polibea, España, 2016; *La carpa infinita*, Mantis Editores, México, 2017; *El barco elegido*, Ediciones Unión, 2018 y *A la llegada del invierno*, Editorial Letras Cubanadas, 2018. É membro da Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC).

Zurelys López Amaya, La Habana, 1967. Poeta, narradora y periodista. Licenciada en Comunicación Social por la Universidad de La Habana. Su obra ha sido publicada dentro y fuera de la isla. Entre los libros publicados se encuentran *Pactos con la sombra*; Editorial Unicornio, 2009; *Rebaños*, Editorial Extramuros, 2010, ambos reeditados por Atom Press [Florida, USA], 2010; *Minúsculos espejos*, Editorial Latin Heritage Foundation, [Washington, USA], 2011; *La señora solitaria*, Editorial Unión, 2014; *Lanzar la piedra*, Editorial Corazón de Mango, Colombia, 2015; *Rebaños*, Reedición Bilingüe, Editorial Cubanabooks, [USA], 2016; *Levitaciones*, Ediciones Matanzas, 2016; *La vela y el náufrago*, Editorial Polibea, España, 2016; *La carpa infinita*, Mantis Editores, México, 2017; *El barco elegido*, Ediciones Unión, 2018 y *A la llegada del invierno*, Editorial Letras Cubanadas, 2018. Es miembro de la Unión de Escritores y Artistas de Cuba (UNEAC).

sem mordança /sin mordazza

